RIP

ABRIL 1991 • ANO 07 • Nº 104 • EDIÇÃO 69

Skowa entrevista BENJOR

BILLY IDOL
Dá a volta por cima

SNAP
Fábrica de hits

JUDAS PRIEST
Mestres do metal

WARRANT
Baladas e baixarias

A REVELAÇÃO DO ROCK 90

FAITH NO MORE

Um papo cabeça com o cantor MIKE PATTON

PIN UPS ★ CURE ★ HARRY ★ RAMONES ★ ZZ TOP

FAITH NO MORE

Depois de arrasar no Rock In Rio e invadir as rádios em todo o país o Faith No More recebe a consagração dos leitores e críticos da revista Bizz.
E você? O que está esperando para comprar o disco mais quente do ano?

Em Discos e Fitas de Cromo

PolyGram

"You want it all but you can't have it!!!". Quando ouvimos cerca de cem mil gargantas acompanhando "Epic" inteirinha no Maracanã, sacamos que — mais cedo ou mais tarde — seria inevitável uma capa com o Faith No More.

Para alegria dos faithmaniacos que ajudaram a eleger o grupo "Revelação Internacional" do ano passado, foi bem cedinho.

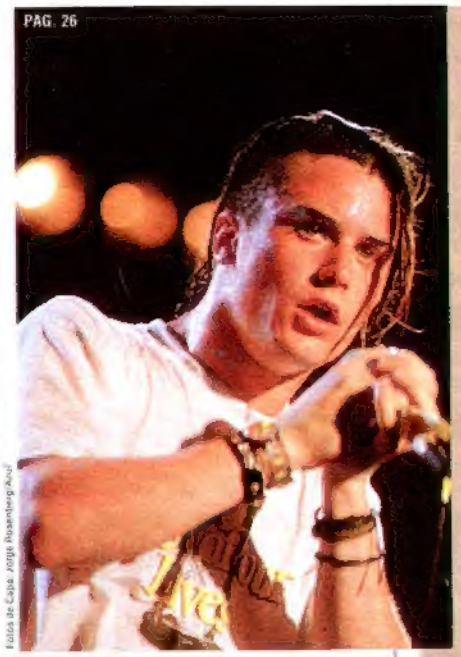
Nesta edição dupla, o vocalista Mike Patton fala do FNM, do Rock In Rio e de sua outra banda, Mr. Bungle. Engrossam ainda o Depto. de Entrevistas: Warrant, Snap, Judas Priest, Billy Idol e um encontro de titãs: Jorge Benjor entrevistado por Skowa!

Jorge Rosenberg Arvi

E os Engenheiros, hein? Graças ao seu voto, eles dominaram completamente o **Prêmio BIZZ Melhores do Ano**, apesar de toda a bronca da maioria dos críticos. Aliás, os resultados, este ano, foram surpreendentes, a não ser na categoria grupo internacional, vencida por um bando de cabeludos que esteve aqui em janeiro — adivinhe quem! Você confere quem está com moral alta (ou baixa) entre os leitores e os críticos no caderno especial que acompanha a revista.

Para fechar com chave de ouro esta edição especial, um Ao Vivo reforçado: Ramones, Moleque de Rua, ZZ Top e o festival da BBC inglesa, com Happy Mondays, Cure, New Model Army, 808 State e o diabo. Mês que vem tem muito mais rock'n'roll na sua BIZZ. Até lá, e **keep on rockin!!**

Mariano Cunha Arvi



Fotos de Capa: Jorge Rosenberg Arvi

INDICE

6 **SHOWBIZZ**
Legião no estúdio. Grammy

12 **FAST FORWARD**
Pin Ups. Warrant

30 **SNAP**
Turbo B encara o sucesso

36 **JUDAS PRIEST**
Tradição e modernidade

41 **JUKEBOX**
Johnny Restivo, um *one hit wonder*

42 **DANCE MUSIC**
Deee-Lite. Dream Warriors

44 **CONEXÃO BRASIL**
X-Rated. Virna Lisi. Treblinka

46 **AO VIVO**
ZZ Top. Paul Simon. Moleque de Rua

51 **DISCOS**
Sepultura. Ratos. Happy Mondays

60 **LETRAS**
"Kinky Afro", Happy Mondays

62 **PARADA**
Engenheiros e Faith No More lideram

64 **CARTAS**
Rock In Rio. Engenheiros do Hawaii

66 **DISCOTECA BÁSICA**
Greatest Hits (75), Al Green

I LOVE CD. LED ZEPPELIN ANTONIO CARLOS JOBIM
ROD STEWART GILBERTO GIL ALJARREAU BENJOR
GROVER WASHINGTON JUNIOR ULTRAJE A RIGOR
ERASURE SOMEWHERE IN TIME ELIS REGINA IRA!
PHIL COLLINS MADONNA HERÓIS DA RESISTÊNCIA
ED MOTTA GUNS N'ROSES LÉO JAIME ERIC CLAPTON
LOUIS ARMSTRONG NEW ORDER SARAH VOUGHAN
JAMES TAYLOR TITÃS KID ABELHA BLADE RUNNER
JOÃO GILBERTO DEPECHE MODE DONNA SUMMER
GEORGE BENSON BARÃO VERMELHO RAUL SEIXAS
ROBERT PLANT A-HA YES TRACY CHAPMAN PRINCE
SIMPLY RED PAUL SIMON KITARO OINGO BOINGO
DAVID SAMBORN FRANK SINATRA WARNER MUSIC.
O MELHOR CATÁLOGO DE DISCO LASER DO BRASIL.

SHOWBIZZ

ELA NÃO TOMA JEITO

Um vídeo pirata do documentário *Truth Or Dare*, que mostra a turnê *Blond Ambition*, foi o responsável por mais um escândalo na carreira de **Madonna**. No fita que circula nos EUA, ela aparece com os seios à mostra, simulando masturbação no palco e vendo um bailarino nu exibindo-se para ela. Não se sabe ainda se essas cenas serão incluídas no filme, com lançamento previsto para maio.

Enquanto isso, a canção "Justify My Love" continua gerando controvérsia. Depois dos problemas com o clip e a letra (considerada anti-semita por grupos hebraicos) o que está em discussão agora é a autoria da faixa — creditada no vinil a Madonna e Lenny Kravitz. Os créditos foram contestados pela cantora e atriz mexicana Ingrid Chavez (presente em *Graffiti Bridge*, de Prince), que alegou ser a compositora da maior parte da letra. Kravitz já reconheceu a "participação" de Ingrid

S. Thompson/LFI

e anunciou um acordo para que ela receba 25 por cento dos direitos autorais sobre a canção. Mas não é só: o Public Enemy também está exigindo seus direitos. Segundo eles, o *beat* de "Justify My Love" foi tirado de "Security Of The First World". A acusação, porém, já foi taxada de "ridícula", já que o PE teria sampleado esse mesmo *beat* de "Funky Dreamer", composição de James Brown. Ladrão que rouba ladrão...

OUÇA ESSA

"O Liminha é um lixo, *Parador* é o meu pior disco de estúdio, por causa da produção dele. Ele meteu a mão e tirou todo o nosso sotaque. Trabalhar com Liminha foi uma das piores coisas que fiz na vida. Uma experiência traumática que me envelheceu 150 anos."

Lobão

"Sei como é ser uma mulher, porque eu sou uma mulher."

Pete Townshend, Who

"Os dois shows brasileiros obrigatórios de abertura — Orquestra Sinfônica e Gal Costa — foram irremediavelmente chatos e receberam aplausos merecidamente moderados."

Mick Wall cobre (???) o Rock In Rio para a *Kerrang!*

"Se a gente não se Raoni a gente se Sting."

Frase em para-choque de um caminhão de um índio em Boa Vista (RR)

LEGIÃO GRAVANDO

A Legião Urbana já está trabalhando num sucessor para *As Quatro Estações*. Sem os três músicos que os acompanharam durante a última turnê, Renato Russo, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá estão em estúdio desde janeiro. Mas a hipótese de um lançamento em agosto deste ano — como queria a gravadora — está descartada, segundo Renato Russo. "Estamos trabalhando nas demos de um novo disco, mas não há previsão nenhuma. Talvez ainda demore uns dois anos para sair."

QUINCY PAPA O GRAMMY

No final da noite de quarta-feira, 20 de fevereiro, no Radio City Music Hall de Nova York, **Quincy Jones** parecia um moleque em dia de natal. Só que seus braços não estavam cheios de caminhões de brinquedo, mas de gramofonezinhos dourados: seis ao todo (por conta do LP *Back On The Block*), que o tornaram o artista popular com maior número total de Grammys em sua carreira — 25, suplantando os vinte do antigo campeão, Henry Mancini.

Fora Quincy, apenas **MC Hammer** e a estreante **Mariah Carey** voltaram para casa com algo que se possa chamar uma vitória significativa: três Grammys para o primeiro, dois para Carey. De resto, os prêmios voaram em todas as direções, algumas completamente inesperadas: Linda Ronstadt e Aaron Neville levaram o troféu de "Grupo ou Dueto Pop", que parecia destinado às moças do Wilson Philips; Eric Clapton conseguiu ultrapassar Jon Bon Jovi em "Cantor de Rock"; o Aerosmith bateu o INXS como "Grupo ou Dueto de Rock"; e, além-túmulo, Roy Orbison destronou o favorito Phil Collins em "Cantor Pop Masculino".

Os boicotes de Sinéad O'Connor e Public Enemy foram totalmente ignorados. Sinéad ficou apenas com o prêmio de "Melhor Rock Alternativo" — fora as tediosas piadas do apresentador Gary Shandling e a camiseta de Vernon Reid (Living Colour, "Melhor Performance Hard Rock"), era como se ela nunca tivesse sido sequer indicada.

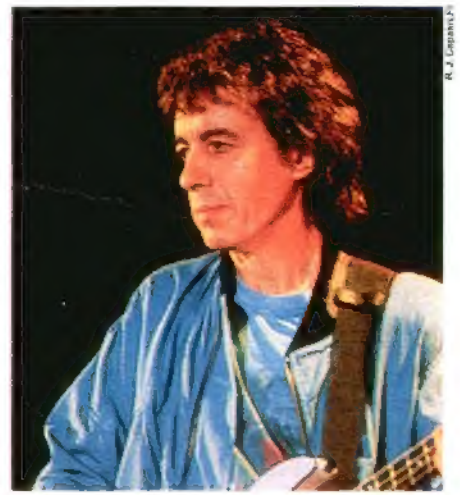
COCTEAU NO BRASIL

O grupo escocês Cocteau Twins desembarca este mês no Brasil para três apresentações: 17/04, no Clube Imperador (RJ), 19 e 20/04, no Projeto SP. Nesses shows, o trio formado por Liz Fraser (vocais), Robin Guthrie (guitarra) e Simon Raymonde (baixo) será acompanhado por mais dois músicos: os guitarristas Ben Blakeman e Mitsuo Tate. Também está prometido para este mês o mais recente LP da banda: *Heaven Or Las Vegas*, lançado na Inglaterra no ano passado.

STONES DESFALCADOS

No momento e que fechávamos esta edição, circulavam notícias dando conta da saída de **Bill Wyman** do Rolling Stones. Segundo o sensacionalista jornal inglês *Today*, Wyman abandonou o grupo declarando-se "um desgraçado" pela carreira. Depois de anos de ruidosas pendengas entre Jagger e Richards, é a primeira vez que o silenciosa baixista parece ter-se decidido a atirar suas próprias pedras. A uma rádio americana, ele já havia dito, recentemente, de seus (ex?) parceiros: "Mick Jagger é um cantor medíocre. Keith Richards não toca muito bem. Charlie Watts é apenas um batuqueiro de tambores. Ron Woods só consegue tirar sons horríveis de sua guitarra"...

A crise acontece pouco antes do lançamento de *Flashpoint*, LP que registra momentos da turnê de 89/90.



R.J. Capanni/LFI

LOS ANGELES

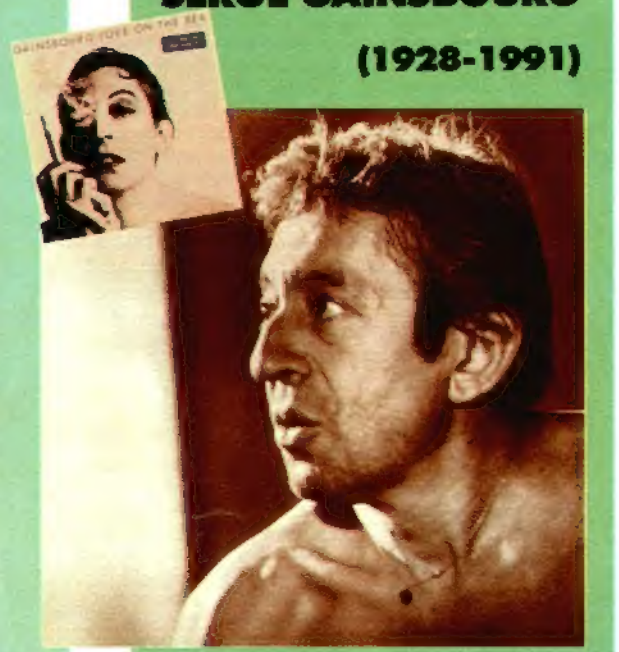
Mick Fleetwood, fundador e baterista do Fleetwood Mac, virou empresário da noite de Los Angeles. Ele acaba de inaugurar uma casa noturna em West Hollywood, nos moldes dos *clubs* ingleses da *swinging London* que freqüentava nos sixties. Bo Diddley foi a atração da noite de abertura da casa, chamada simplesmente Fleetwood • O

WEA

diretor Oliver Stone convocou uma filmagem de última hora para complementar a cinebio dos Doors (lançada nos Estados Unidos em março) e pediu que todos os extras chegassem ao set vestidos à moda dos anos 60. A memória pop-cultural da rapaziada parece mais curta do que a nova franjinha do George Michael: quem não apareceu vestido de Axl Rose chegou fantasiado de Robert Smith. Em pânico, Stone mandou que todo mundo trocasse a indumentária contemporânea por jeans boca-de-sino e microssaias de veludo molhado • Saiu em fevereiro *Tame Yourself*, álbum beneficente gravado em prol do PETA, grupo que defende os direitos dos animais nos Estados Unidos. O álbum tem faixas inéditas de R.E.M., Pretenders, B-52's, Exene Cervenka (ex-X), K.D. Lang, Indigo Girls e Howard Jones • O cantor Chris Isaak participa como ator do novo filme de Jonathan Demme (*Stop Making Sense*). Em *Silence Of The Lambs*, um *thriller* arrepiante, Isaak faz o papel de um agente da SWAT • O ex-Cars Ric Ocasek — um dos pilares do tecnopop americano de primeira geração — radicalizou geral: remixou o primeiro álbum da banda *thrash* negra Bad Brains, que saiu em 82, para um futuro relançamento.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

SERGE GAINSBOURG (1928-1991)



Morreu no último dia 2 de fevereiro o francês Serge Gainsbourg, compositor, cantor, ator e diretor de cinema. Sua canção erótica "Je T'Aime Moi Non Plus", com os gemidos da mulher, Jane Birkin, foi um dos escândalos do final dos anos 60. Em 75 transformou-a em filme, com Birkin e Joe Dallessandro (no papel de um caminhoneiro gay). Gainsburg voltou à carga, em 85, contracenando com a própria filha, Charlotte, no clip "Lemon Incest", e dirigindo-a, no ano seguinte, no longa *Charlotte Forever*. Outra de suas façanhas foi uma versão reggae da "Marselhesa", o hino nacional francês. De ataque cardíaco, em Paris, aos 62 anos. Nada mau para um inveterado fumante (cinco maços por dia!), alcoólatra e namorador irrecuperável.

ADEUS AO TEARS

Tudo indica que o *Tears For Fears* está chegando ao fim. É o que dá a entender uma entrevista recente de Roland Orzabal à *Melody Maker* para promover o compacto "Johnny Panic And The Bible Of Dreams". O single, creditado à banda Johnny Panic, é, na verdade, um remix dançante de uma música já registrada no lado B de "Advice For The Young At Heart", lançado no ano passado. Roland revelou que Curt Smith não sabia nada sobre o remix (a cargo do grupo Fluke), já que a dupla não se fala "há alguns meses". Orzabal não quis responder uma pergunta direta sobre o fim do grupo, dizendo apenas que esse era um "terreno pantanoso".

MTV-EUA INVADE A NOSSA PRAIA

A MTV americana funcionou durante duas semanas de fevereiro como relações-públicas extra-oficial do Rio, com reportagens horárias a respeito dos *points* mais importantes da cidade. Nestas, o jornalista Kurt Loder aparecia na favela da Rocinha, na discoteca Help, na praia do Pepino e na floresta da Tijuca. Sem menção alguma ao crime urbano ou mesmo ao recente seqüestro de Roberto Medina, o Rock In Rio II da MTV americana foi o melhor cartão de visitas que a cidade podia esperar ter. O encerramento foi um compacto de três horas do evento — sem nenhum show brasileiro incluído. Outro que ficou de fora foi Prince, que comprou os direitos de sua *performance* para que o MTV não pudesse colocar seu show no ar.

LIVRE PARA CANTAR

"Meu próximo disco vai surpreender a todos. Vai soar como algo que vocês nunca ouviram." Essa foi uma das declarações feitas por **James Brown** antes de deixar a prisão, no dia oito de março.

Em entrevista à revista britânica *Face*, o *Godfather Of Soul* garantiu que retomará a carreira com força total, com o lançamento de um filme (já em cartaz lá fora, chamado *The Man, The Message And The Music*), um livro *(The Godfather Of Soul)* e o novo LP, previsto para julho.

O cantor passou dois anos e meio na prisão, depois de ter sido condenado por assalto à mão armada e resistência à prisão, em 88.

Jorge Rosenberg/Azul

R.E.M. A TODA

O R.E.M. está com um LP novo na praça. *Out Of Time* traz como novidade uma mistura de teclados, metais e cordas inéditas no trabalho do grupo. Entre os convidados que participam do álbum estão Kate Pierson (B-52's) e o rapper nova-iorquino KRS-1, que faz um rap na faixa de abertura, "Radio Song".

A banda de Michael Stipe trabalha agora em mais dois projetos: a trilha de um filme de Wim Wenders e a regravação de "First We Take Manhattan" para um LP em homenagem a Leonard Cohen.

Chris Cuffaro/Retna

OS MELHORES DA INGLATERRA

Os semanários ingleses *Melody Maker* e *New Musical Express* publicaram o resultado das votações de seus leitores. Aqui, os ganhadores nas categorias LP e single.

MELODY MAKER

LPs
1. *Nowhere* (Ride)
2. *Bossanova* (Pixies)
3. *Pills'N'Thrills And Bellyaches* (Happy Mondays)
4. *Heaven Or Las Vegas* (Cocteau Twins)
5. *Elizium* (Fields Of The Nephilim)

Singles
1. "The Only One I Know" (Charlatans)
2. "Step On" (Happy Mondays)
3. "Never Enough" (Cure)
4. "Soon" (My Bloody Valentine)
5. "Kinky Afro" (Happy Mondays)

NEW MUSICAL EXPRESS

LPs
1. *Pills 'N' Thrills...* (Happy Mondays)
2. *Bossanova* (Pixies)
3. *Nowhere* (Ride)
4. *Some Friendly* (Charlatans)
5. *Gold Mother* (James)

Singles
1. The Only One I Know" (Charlatans)
2. "Step On" (Happy Mondays)
3. "Taste" (Ride)
4. "Groove Is In The Heart" (Deee-Lite)
5. "Kinky Groovy Afro" (Happy Mondays)

Alexis Fleming

VIDEOLANÇAMENTOS

Mais um selo especializado em música entra no mercado brasileiro: é o Hit Music Video, que ataca de reggae, jazz e blues. Os primeiros lançamentos são: *Tributo A Bob Marley, O Rei Do Reggae, Art Blakey & The Jazz Messengers, Chick Corea In Concert*, e *San Francisco Blues Festival*.

Enquanto isso, os lançamentos da Sony Music Video (ex-CBS) prosseguem com: *Primer*, do Living Colour; *Singing And Swining*, de H. Connick Jr.; e *Pride And Joy*, de Stevie Ray Vaughan.

LONDRES

A cerimônia de entrega dos prêmios da indústria fonográfica britânica — *The Brits* — causou muita polêmica e várias brigas. Robert Smith — que recebeu o prêmio de "Melhor Banda Britânica" — acusou os organizadores de estarem usando o Cure para ganhar credibilidade. Os Happy Mondays boicotaram a cerimônia. Lisa Stansfield, após ser avisada de que não poderia mencionar a guerra, fez exatamente o contrário. Ao receber o prêmio de "Melhor Artista Britânica", declarou: "É bom ganhar o prêmio, mas seria melhor ainda se a guerra acabasse". Mas o escândalo da noite foi a apresentação do prêmio de "Melhor Artista Internacional" para Sinéad O'Connor. Na ausência

Jorge Rosenberg/Azul

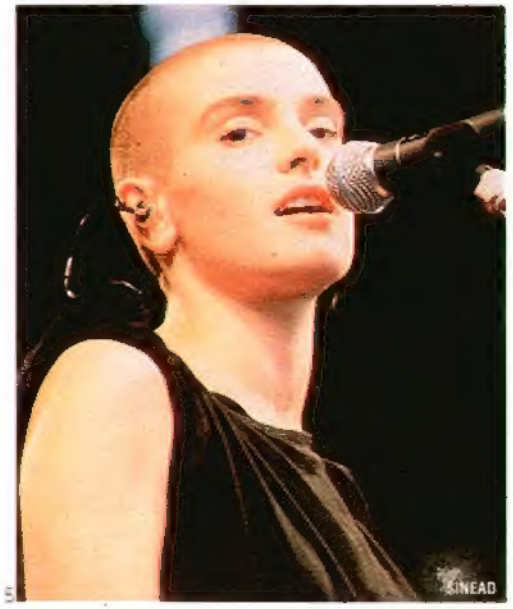
LISA STANSFIELD

da cantora, os organizadores a ridicularizaram, mostrando um clip de Whitney Houston cantando o hino nacional norte-americano • Por falar em Sinéad, a cantora andou declarando que pode desistir da carreira. Em entrevista à TV irlandesa, disse que "as armadilhas do mundo pop são difíceis de aguentar" • O Haciendo, de Manchester, uma das melhores casas dançantes do mundo, fechou suas portas. A discoteca, de propriedade do New Order e de Tony Wilson (o *boss* da Factory), vinha tendo problemas com brigas entre gangues de traficantes. Além disso, enfrenta um processo por causa da morte de uma garota de dezesseis anos, depois de uma "viagem" com Ecstasy, em abril de 90. Se reabrir, será apenas para sócios. Mas só depois do julgamento definitivo, que acontece em julho.

ANAMARIA G. DE LEMOS

OS MELHORES DA ROLLING STONE

Sinéad O'Connor foi a artista de 90, na opinião da crítica e dos leitores da *Rolling Stone*. Aqui, os melhores (e piores) do ano passado, segundo a revista norte-americana.



CRÍTICAS

ARTISTA DO ANO
Sinéad O'Connor
MELHOR LP
I Do Not Want...
Sinéad O'Connor
MELHOR SINGLE
"Nothing Compares 2 U" — Sinéad O'Connor
MELHOR GRUPO
Living Colour
MELHOR CANTORA
Sinéad O'Connor
MELHOR CANTOR
Aaron Neville
MELHOR BANDA DE HEAVY METAL
King's X
MELHOR GRUPO DE RAP
Public Enemy
PIOR LP
To The Extreme — Vanilla Ice
PIOR SINGLE
"Ice Ice Baby" — Vanilla Ice
PIOR GRUPO
Nelson
PIOR CANTORA
Linda McCartney
PIOR CANTOR
Vanilla Ice

LEITORES

ARTISTA DO ANO
Sinéad O'Connor
MELHOR LP
I Do Not Want... — Sinéad O'Connor
MELHOR SINGLE
"Vogue" — Madonna
MELHOR GRUPO
Aerosmith
MELHOR CANTORA
Sinéad O'Connor
MELHOR CANTOR
George Michael
MELHOR BANDA DE HEAVY METAL
Mötley Crue
MELHOR GRUPO DE RAP
Public Enemy
PIOR LP
Step By Step — New Kids On The Block
PIOR SINGLE
"Step By Step" — New Kids On The Block
PIOR GRUPO
New Kids On The Block
PIOR CANTORA
Sinéad O'Connor
PIOR CANTOR
MC Hammer

MONDO MÍDIA

• Robin Van Winkle, também conhecido como Vanilla Ice, já está lançando sua autobiografia. Chama-se *Ice By Ice*.

• Elvis Presley é o novo rei do rock... na China. *Elvis Golden Records*, coletânea de 58, é o primeiro (?) vinil do cantor a ser lançado no país, onde é chamado de *Moo Wang* ("rei gato").

• Saiu aquela que promete ser a biografia definitiva do Pink Floyd: *Soucerful Of Secrets*, de Nicholas Schaffner.

• Novos lançamentos em vídeo na Inglaterra: *Highlights*, do Pet Shop Boys; *Boomania*, de Betty Boo; *Greatest Video Hits*, do INXS; *Going To California*, dos Tears For Fears; *Seriously Live In Berlin*, de Phil Collins; *P.O.V.*, de Peter Gabriel; *Acces All Areas*, do Bon Jovi.

• O Que Fim Levou Robin? prepara seu primeiro clip, que promete desde já levantar acaloradas discussões. Para ilustrar a faixa que leva o nome do grupo, foram selecionadas cenas de alguns filmes pornográficos de Cicciolina.

BERLIM

Yippie yippie yaiyay! No capital da república, o *beat* é cada vez mais *grooovyyy*. *Rave, rave, rave!* O "trem da alegria" já chegou na estação ferroviária de Zôo, a mais tradicional da cidade. Origem: norte da Inglaterra, Manchester. Na ficha técnica do comboio, duas palavras em negrito: Happy Mondays. Depois da passagem de Shaun Ryder e seus colegas pela cidade, foi declarado *party time*. As noites desta cidade rebelde — antes já longas – ficaram infinitas. Berlim *rave-unificada* ⊗ A Alemanha vive um verdadeiro expansionismo musical. Quem imaginaria que nomes da dance music como Snap ou P.M. Sampson sairiam daqui? E tem mais: no ano passado, David Fascher, da cidade de Hamburgo, foi a Londres buscar o título do Campeonato Mundial de DJs. Claro, há também os escândalos, como o Milli Vanilli... ⊗ Para minha surpresa, o ecletismo dos alemães chega até a *country & western*. O norte de Berlim vive em clima de Texas. São cerca de trinta bandas, que aglomeram mais de cinco mil fãs. Nome de uma banda? Whiskey & Soda ⊗ Os REPs — representantes do extremo direita alemã — andam cobrando da prefeitura berlinense o cumprimento das leis que regulam as apresentações de músicos estrangeiros nas ruas, praças ou estações de metrô. "Se eles ganham dinheiro com isso, têm de pagar impostos", dizem os parlamentares, dispostos a dificultar mais ainda a vida dos que tentam a sorte tocando nas ruas da capital alemã.

MASSILON TONIOLO

UMG/Ariola

OPANKA

Os pés me trouxeram aqui. A cabeça não me deixa voltar.

POLIVALENTE

O Warrant faz sucesso misturando baladonas tradicionais com baixarias bem-humoradas

Para Joey Allen — um dos guitarristas do Warrant, potência *pop-metal* nascida e criada em Los Angeles — existem "basicamente" dois tipos de banda. As sérias, entre as quais se encaixa perfeitamente o U2, e as bandas "divertidas", como era a primeira formação do Van Halen. O Warrant, diz Joey, encaixa-se nessa última denominação.

"Quando eu via os shows do antigo Van Halen", diz Joey, numa sala de reuniões em Century City, prédio da Sony Music, "durante o tempo que durasse o show eu esquecia todos os meus problemas. Era uma hora e meia que funcionava como uma válvula de escape. E é nisso que parecemos com o antigo Van Halen, porque somos muito divertidos ao vivo. Não paramos no lugar por mais de um segundo durante o show, e gostamos de demolir a barreira que existe entre banda e público. Fazemos com que todo mundo se sinta numa festa, da qual participamos como fundo sonoro ao vivo."

De fato, que ninguém espere ver/ouvir o Warrant num corpo a corpo musical defendendo a ecologia, à la Midnight Oil; enveredando pelo populismo de um Bruce Springsteen; ou querendo ser visto como *artiste*, tipo Sting. O forte do Warrant são as baladas pesadas (como "Heaven", "Sometimes She Cries" e o hit "I Saw Red") e as insinuações sexuais, pratos cheios para a malta adolescente — e predominantemente feminina — que vai aos shows da banda e compra seus discos. É pop pesado sem encucação, sem aporrinhação.

"Toda vez que alguma banda de rock pesado lança uma balada ela é chamada de corrupta ou vendida", explica Joey, invadindo o frigobar em busca de um refrigerante.

"Para mim isso é o maior contradição. O que há de errado se mais pessoas vão conhecer a banda por causa da balada, quando a balada abre portas para um público diferente? *That's what rock and roll is all about:* entreter as pessoas. Quanto mais pessoas ouvirem a banda, melhor. Não estamos nessa para ser uma porra de uma banda *underground* — embora exista muita gente assim, de pele branquinha e cabelos pretos. Não há nada de errado em ser um artista para as massas."

Mas Joey admite que o novo álbum tenta dissociar o Warrant da badalação, porque o grupo estava correndo o risco de ficar estereotipado. "Depois de dezesseis meses de turnê e 82 shows, o Warrant ficou mais pesado. E quisemos nos redefinir como uma banda de rock and roll, não como uma banda de baladas. Foi daí que surgiram 'Cherry Pie', 'Uncle Tom's Cabin', coisas assim."

E a sacanagem? E aquela fatia de torta perfeitamente triangular caindo no ventre da garçonete na capa de *Cherry Pie*, o último álbum do Warrant? E a mesma moçoila de joelhos "servindo" o baixista na contracapa? E a letra pseudo-surubática detalhando a generosidade de uma moça que dá (o quê?) para todo mundo?

"Sempre levamos a sacanagem na brincadeira", Joey argumenta. "Para a gente, não passa de uma piada. Sei que alguns grupos feministas ficaram ofendidos, mas é problema deles, não nosso. "Todo mundo deve ter fantasia do algum dia levar duas garotas para a cama ao mesmo tempo. Ou as meninas devem ter sonhado transar com dois caras simultaneamente. Mas o que acontece em 'Love In Stereo' é ficção. É tudo uma questão de ter senso de humor."

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

METAL
hard • heavy • thrash

O mercado metálico continua a todo o vapor. Sai este mês o novo do **Halloween**, *Pink Bubbles Go Ape* • O **Autopsy** está com seu segundo álbum, *Metal Funeral* • O **Notorius** também soltou novo disco em janeiro • A banda thrash inglesa **Ignorance** estreou com o LP *The Confident Rat*, em fevereiro... • O veterano **Saxon** lançou finalmente seu novo álbum, *Solid Ball Of Rock* • O **Warrior Soul** completou a gravação do seu segundo LP, *Drugs, Gods And The New Republic* • Já saiu no Brasil o novo disco do ex-vocalista do Van Halen, **Dave Lee Roth**, *Chamz A Little Ain't Enough* • Agora as nacionais: por aqui há rumores de que o **Sepultura** fará uma turnê mundial com o **Slayer** ainda este ano • O **Korzus** já começou o trabalho para o seu próximo álbum, que deverá sair pela Devil Records • Já está nas lojas o compacto da banda thrash **War Hate**, intitulado *Biological Decimate* • O **Human Hate** também já lançou seu single • A banda thrash paulista **Desolation** terá seu primeiro LP lançado em meados de junho pela BPZ Productions • O **Zero Vision** (não é Zero Video como saiu na edição anterior) já gravou sua demo, com quatro músicas. Conta com o baixista Chico Correll (ex-MX) • O baterista Espaguetti saiu dos **Ratos de Porão** por motivos não explicados. Betão, do Korzus, andou segurando as baquetas nos últimos shows dos Ratos • O **Vodu** está em estúdio este mês. O disco sai em julho

PAULO DE N. CAMPOS

TRADIÇÃO E TECNOLOGIA

RAIZ
■ country ■ folk
■ blues

Grandes nomes do blues e do cajun chegam ao CD

É bom ir preparando os ouvidos (e os bolsos também). A CBS/Sony já começou a lançar em CDs a maravilhosa coleção Roots N'Blues.

Os três volumes que inauguram a série já deverão estar nas lojas quando você estiver lendo esta revista. São eles: *Legends Of The Blues: Volume One, Cajun: Vol. 1 — Abbeville Breakdown 1929-1939* e *Steppin' On The Blues*, de Loonie Johnson.

Os dois primeiros são excelentes antologias. *Legends Of The Blues*, por exemplo, traz vinte gravações históricas, pinçadas da coleção de Lawrence Cohn, o produtor da série, abrangendo um período de quase quatro décadas do desenvolvimento do estilo (1927-1965). Algumas delas nunca haviam sido lançadas anteriormente. Verdadeiras preciosidades como "Pigmeat Is What I Crave", com Bo Carter, "Low Down St. Louis Blues", com Loonie Johnson, "Forth Worth And Dallas Blues", com Leadbelly, "Spreadin' Snake Blues", com Big Bill Broonzy e "Hard Day Blues", com Muddy Waters. Um *must* para todo *blues addict*.

O volume dedicado ao *cajun* é outra raridade. Ele retrata a mais pura tradição deste gênero musical, criado com a imigração francesa e canadense para a Louisiana (sul dos EUA) no segunda metade do século passado. Focalizando basicamente a década de 30 — quando as gravações do estilo começaram a se popularizar —, o disco dá uma panorâmica da evolução do *cajun* em 22 faixas. Desde seus primórdios, quando era tocado em sua forma mais tradicional (com o violino e o acordeão conduzindo a melodia, sobre um acompanhamento de violão e triângulo), até a gradual fusão com outros estilos da música americana (com a *steel guitar* substituindo o acordeão e a inclusão de piano e bateria).

Completando esta primeira fornada, temos o disco que presta tributo ao pioneiro Loonie Johnson. Natural de New Orleans, este cantor/guitarrista também tocava violino e piano. Além da profunda dedicação ao blues, sua capacidade musical era tanta que ao longo de sua carreira ele transcendeu o estilo, chegando a gravar no fim dos anos 20 com feras do jazz como Louis Armstrong e Duke Ellington. Basicamente, foi o primeiro a conduzir a guitarra em linha solo — anos antes do próprio patriarca Charlie Christian — e sua expressividade musical pode ser sentida nas dezenove canções que interpreta em *Steppin' On The Blues*.

Há mais ouro na série Roots N'Blues: Big Bill Bronzy (*Good Time Tonight*), Willie Dixon (*The Big Three Trio*), a compilação que liga o blues a acontecimentos históricos deste século (*News & The Blues: Telling It Like It Is*) e a antologia de mestres do estilo *slide guitar* em suas diversas manifestações (*The Slide Guitar: Bottles, Knives & Steel*). O negócio é esperar que a CBS/Sony lance-os por aqui, inclusive o mais aguardado de todos: as gravações completas de Robert Johnson. *CELSO PUCCI*

O selo inglês Charly, especializado em oldies saiu com um pacote de dez discos de dar água na boca. A leva compreende gravações originais do selo americano King, sediado em Cincinatti, Ohio. Tradicional reduto da música country, ao longo dos anos 40 a cidade foi se tornando ponto de confluência de músicos negros. • De blues temos *Don't You Remember Me*, de John Lee Hooker (reunindo várias gravações que fez pelo Rei, sob pseudônimos como Birmingham Sam & His Magic Guitar e Delta John); *Texas Sensation*, do guitarrista Freddie King (talvez o mais subestimado dos três "Kings" do blues); *Good Rocking Tonight*, do *blues shouter* Wynonie "Mr. Blues" Harris; *Life Is Like That* e *Blues For Everybody*, com os pianistas Memphis Slim e Champion Jack Dupree, respectivamente. Completam as edições nomes de early r&b (Hank Ballard, Little Willie John, Billy Ward & The Dominoes, Little Esther) e do jazz (Earl Bostic). • Ainda pelas plagas inglesas, o blues britânico dos sixties é resgatado através de duas edições em CD. *Over Under Sideways Down* (Raven) traz 28 faixas dos Yardbirds, numa seleção que vai de 63 a 68 e que apresenta, inclusive, as três únicas faixas que Jeff Beck gravou junto com Jimmy Page no grupo ("Happenings Ten Years Time Ago", "Psycho Daises" e "Stroll On"). *Ja The Blues Years* é um CD triplo abrangendo em cinquenta canções a fase londrina (anos 60) do Fleetwood Mac, quando sob o comando da guitarra de Peter Green o grupo professava a cartilha do blues e não a do pop baba. *C.P.*

STING

The Soul Cages

Depois de 3 anos STING está de volta, mostrando porque é um dos maiores artistas da música pop do planeta. Confira!!!

Em Discos, Compact Discs e Fitas de Cromo

PolyGram A&M RECORDS

ESTA GAROTA ESTÁ SOZINHA

Com o final das Bangles, a cantora Susannah Hoffs investe tudo numa carreira solo

Sony

Responda rápido: de quem você lembra quando pensa nas Bangles? De Vicky Peterson, o guitarrista e fundadora da banda feminina, aquela que cantava o megahit "Walk Like An Egyptian"? Naaah... Debbie Peterson, baterista, irmã de Vicky e co-vocalista do mesmo sucesso? Também não. Michael Steele, a baixista com nome de homem e juba rubra?

É claro que não — você lembra mesmo é da diminuta Susannah Hoffs, a voz e o rosto da maior parte dos hits das Bangles — "Eternal Flame", "If She Knew What She Wants", "Manic Monday", "In Your Room". Pois é: foi essa associação pavloviana Bangles-Susannah um dos elementos — talvez o principal — que mais pesou na determinação do fim da carreira da banda após nove anos e três álbuns e o conseqüente nascimento de Susannah Hoffs, artista solo.

Exemplo típico de muito cacique para pouca tribo, a vida de bangle "era uma transa difícil", argumenta Susannah enquanto o sol de janeiro se põe na Pacífico, poucos quilômetros adiante. Sem maquiagem alguma, com o cabelo solto e sem cuidados estéticos especiais, Susannah parece uma universitária da UCLA que alugou uma suíte de hotel em Century City para promover um convescote sóbrio. "Particularmente difícil porque éramos quatro pessoas que cantavam e compunham. Tentar fazer algo em grupo e manter todo mundo na banda sempre satisfeito era cada vez mais complicado."

"E com o sucesso", prossegue Hoffs, "no percepção do público eu era a cantora, o que causava uma tremenda frustração dentro da banda. Então, embora a gente estivesse tendo um monte de hits, muitos dos quais eu cantava, o sucesso era espinhoso."

"Aos poucos isso foi minando a banda", continua. "Junto com a paranóia de ser considerada nada além de uma *girl band*, uma armação sem nenhum talento próprio."

When You're A Boy, o primeiro disco solo de Hoffs, não decepcionará os fãs das Bangles. Mesmo porque a sonoridade neo-sixties e beatlesca dos discos antigos da banda ainda vive, graças, em parte, à produção de David Kahne, o mesmo dos três primeiros álbuns das Bangles. Mas a mistura, dessa vez, é um tanto mais eclética.

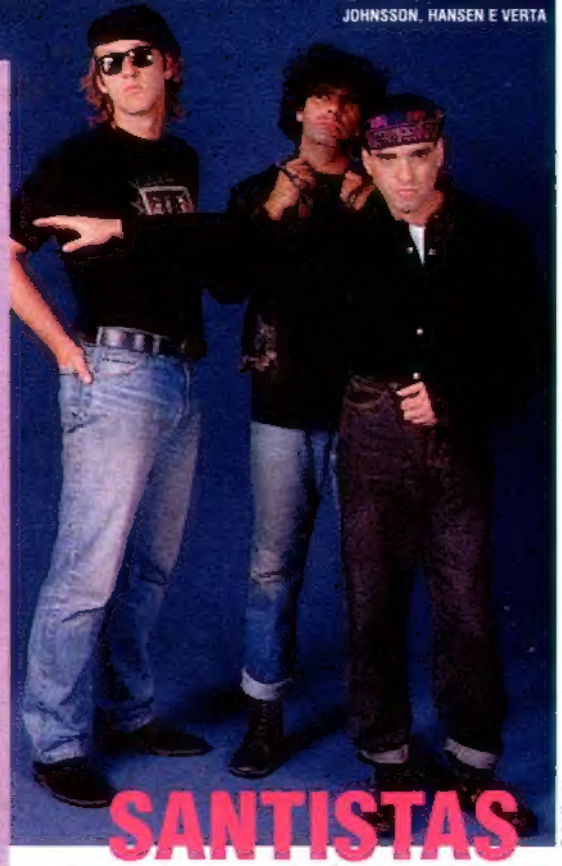
Na composição do álbum, Susannah colaborou com alguns dos maiores puros-sangue da autoria pop, como Tom Kelly e Billy Steinberg (que escreveram "Like A Virgin" para Madonna) e Diane Warren ("Blame It On The Rain", do infame Milli Vanilli). Mas foi a experiência do produtor David Kahne como diretor de artistas e repertório na CBS que possibilitou que Susannah trabalhasse também com autores mais "underground, mais alternativos". Surgiram, assim, parcerias com Robin Lane ("Wishing On Tellstar") e Ross Rice, da banda Human Radio ("No Kind Of Love"). E para arrematar, Susannah desencavou "Boys Keep Swinging", parceria de David Bowie com Brian Eno para o álbum *Lodger*, lançado originalmente em 1979, do qual saiu o título do álbum.

"Há um equilíbrio, no disco, entre as canções românticas e as canções que têm um lado mais cínico", explica Susannah. "Eu ficava pensando: 'Nossa, o disco tem quatro músicas com a palavra amor no título, que ridículo!' ".

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

A palavra de hoje é "desnacionalidade" (*outernationalism*), inventada por Ryuichi Sakamoto, cujo novo LP, *Beauty* (Virgine), é uma beleza. Agora, esta interessado em seres humanos via samplers — antes era só tecnologia. O tecno-freak juntou na mesma faixa, "Diabaram", os vocais de Youssou N'Dour e Brian Wilson (Beach Boys); o tablodista (tabla é um pequeno tambor indiano) Pandit Dinesh; os ritmos do Sly Dunbar; e mais o backing vocal dos Okinawas Yanko Ganeko, Misako Kojo e Kazumi Tamaki. O resultado é "forasteiro" mas ao mesmo tempo acessível, global. Numa outra faixa, Brian Wilson canta junto com Robert Wyatt, numa versão sem fronteiras dos Stones, "We Love You". Sakamoto não é um velho tecno hippie mas sim um "desnacionalista" • Dançante e sem fronteiras é a versão da música "Armagideon Time" e MC Wildski. O rapper/toaster inglês chama a versão dele de "Wonderful World" (Elektra 12"). A faixa também se encontra no LP *BMG Goes Dancing*, da gravadora BMG/RCA — compilação para rádios e DJs. Corra a uma loja de discos usados. Vai ter LP logo mais. "Wonderful World" (o original é de Willie Williams, *roots rocker* supremo) é tão reggae quanto hip hop, e o vocal do Wildski é tão toast quanto rap. A produção de Norman Cook, do Beats International, é mais violenta do que a versão do Clash no LP *Sandinista!* • Lembremse das palavras de G. K. Chesterton: "O que estraga a humanidade é a ignorância do especialista" (*"What ruins mankind is the ignorance of the expert"*). Desnacionalize-se. Paz.

JAN FJELD


JOHNSSON, HANSEN E VERTA

Carlos Moreira

SANTISTAS MILAGROSOS

O Harry consegue uma façanha: lançar seu segundo disco

Três anos se passaram desde que o último disco, *Fairy Tales*, causou a ira dos críticos conservadores. Trata-se de um disco inteirinho gravado em inglês e calcado em recursos eletrônicos até então inconcebíveis pelo *latinidad* vigente. Agora, com gravadora nova (Stiletto) e distribuição nacional, Hansen, Verta e Johnsson — ou melhor, o Harry — lançam *Vessel's Town* e dão mais um passo em uma carreira consistente.

Morbid but not blue, frase estrategicamente impressa no encarte do disco, sintetiza esta nova fase. São delicios pop com um leve amargo. Verta explica: "Morbidez é o sentimento mais instigante do ser humano". Hansen manda às favas os conceitos de inovação com que a mídia trabalha: "Não estamos preocupados com isso. No Brasil o pessoal está acostumado com o *xerox approaching*, a pura imitação das bandas de fora. O que fazemos é próprio. Não nego minhas citações, mas faço questão que pareçam citações".

As dificuldades para divulgação de um trabalho como este são grandes. Mas o grupo aponta uma saída: as pistas. "As mídias de dance music são mais saudáveis. Não se dá jabaculê para DJ, a coisa não funciona assim. É tocar, que a resposta é automática. O público aprova ou não."

As letras do novo disco pegam pesado.

A Segunda Grande Guerra aparece em "Stories" e "Watching The Watchmen" (esta última acrescida de um "coro" memorável). "Saviour" foi inspirada em uma alegoria do carnavalesco Joãozinho Trinta, "Alice No País Das Maravilhas". Enfoca os adversidades do "povinho" que prefere ter TV colorida e videocassete a um lugar decente para morar", diz Verta. A faixa-título faz uma alusão a Santos, cidade natal do Harry, com a dubiedade literal de *Vessel* (barco a vapor/vela). Destacam-se ainda "Zombies" e "Morbid", candidatos a suceder "Genebra" nos corações dos fiéis fãs.

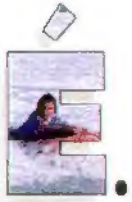
Com relação à parte instrumental, é notável a evolução da banda. Os três integrantes estão dominando o equipamento que possuem. As composições demonstram forte influência dos já longínquos 80, mas com uma estrutura atual e extremamente pessoal. Se antes Hansen soava como um melancólico suicida, desta vez ele parece estar nas vias de fato — o que não deixa de ser excitante.

Aliás, um dos "problemas" de Hansen é sua criação continua: "Seriam necessários dez discos por ano para dar vazão às minhas composições". Por este motivo, Hansen possui três outros projetos paralelos: Bad Cock, Johhan e Cenobytes (?!), ainda inéditos. Mas, por enquanto, o Harry e *Vessel's Town* são mais que suficientes.

ENÉAS NETO

Este mês, dedicamos integralmente esta seção aos grupos nacionais. Abaixo, um resumo dos primeiros dez anos da música eletrônica moderna do país — um flashback da "Techno-Brasília" • **Argentss** "Pai" do body music nacional. Gravou dois compactos, com destaque para "Cidade Industrial" • **Azul 29** "Mãe" do body music nacional. Se você é do tempo do Radar Tantã, não há como esquecer de "Videogame" • **Harry** O primeiro a lançar um LP (todo em inglês), *Fairy Tales*, pelo selo independente Wop Bop. Pioneiros no Expansionismo Musical Brasileiro. Hitsong: "Genebra" • **Tek Noir** Talvez o grupo de maior sucesso no estilo. "In The Name Of The Father" é uma das melhores *body-tracks* já feitas por aqui • **Bad Cock** Projeto solo de Hansen (Harry), em que a base é simples, pesada e agressiva • **Simbolo** Industrialismo eletrônico. Argamassa e concreto tecnológico. Canções de personalidade como "Caos", "DDI" e "Full Control" • **Volv Uncion** Existe desde 86 e se autodenomina "electrogrounder" • **No Address** A influência básica vem de DAF, Cabaret Voltaire e minimalistas. Abordam temas como biotecnologia, medicina e escatologia • **Individual Industry** Trabalha com texturas sonoras, amalgamadas por ritmos eletrônicos. Influências: Cocteau Twins e SPK • **RMS** Vindo de Porto Alegre, tem uma filosofia interessante: "Toda música é boa — depende do trecho e da velocidade de reprodução". Arte como lixo sonoro, *low tech* digital levado ao extremo... *Thanks to ABM pela ajuda. See you next month.*

E.N.



NÃO IMPORTA QUAL SEJA A SUA, A REVISTA **CARÍCIA** ENTENDE VOCÊ DO JEITO QUE VOCÊ É.

POP-PROP

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

REVELAÇÃO DO PRÊMIO BIZZ 90

FAITH NO MORE

Eles já são adorados pelas mais diferentes tribos — de roqueiros tradicionais aos hip hoppers, de surfistas a *headbangers*. Foram aclamados por crítica e público como a primeira revelação do rock nesta década. E agora? Para onde vai o Faith No More? O vocalista, sex-symbol e moleque profissional Mike Patton responde

Em sua rapida passagem pelo Brasil, o Faith No More mostrou que sabe se divertir.

No palco, Mike Patton revelou-se o *performer* mais aloprado do festival. Bateu cabeça" sem parar, saltou de caixas acusticas de quatro metros de altura, chorou, deitou no palco, estrebuchou, enrolou-se nas estruturas de metal, e conseguiu até mesmo arrancar da platéia do Maracanã um coro de "Pelé!", homenageando um de seus idolos. Enquanto isso, o grupo alternava a paulera de um Black Sabbath com a doçura de um Commodores — e, de quebra, arrebatava um publico que nunca tinha ouvido falar neles e estava lá para ver Axl Rose e cia.

Fora de cena, eles foram os "astros" mais acessiveis da temporada. Para encontrá-los durante o dia, bastava dar uma passada no calçadão em frente ao hotel, onde, invariavelmente, se encontravam para tomar chopp. A noite era só escolher uma festa badalada — qualquer uma — e dar um tempo até que Billy Gould, Mike Bordin, ou — com um pouco mais de sorte — Mike Patton dessem as caras. A maior dificuldade, no caso, seria chegar perto do vocalista. Eleito o "vice-gato" do Rock In Rio (a baleia branca Axl Rose ocupava injustamente o primeiro posto), Patton enfrentou um assedio inesperado de suas novas e barulhentas fãs.

Bem menos frescos do que os coleguinhas Prince ou George Michael, os garotos do Faith ainda se arriscaram em dois programas absolutamente radicais: uma visita a um inferninho carioca barra-pesada (a boate Barbarella), e um curso intensivissimo de asa delta. *You want it all but you can't have it.*

M.A.G.

Vocês decidiram com antecedencia o *set list* do show do Rio?

Não. Somos muito preguiçosos.

O roteiro do show foi definido poucos minutos antes da apresentação. Sa mos na porrada e decidimos tudo. Roddy, o tecladista, odeia "War Pigs", do Black Sabbath, enquanto Jim Martin, o guitarrista, abomina "Easy", dos Commodores. Para equilibrar as coisas, as duas entraram no show.

A apresentação no Rock In Rio terminou sendo bem diferente da gravada no video e no LP *Live At The Brixton Academy*, resultado de um show em abril de 1990. O que ocorreu desde então com o grupo?

O video e o disco foram gravados ha quase um ano. Eles flagram o inicio da nova fase do Faith No More. Agora temos mais dominio no palco. Sabemos como mexer com o publico. E não ha mais Technotronic (o grupo incluia trechos de "Pump Up The Jam" no final de "Epic"). Somos ironicos e perversos — de uma maneira mais madura.

***The Real Thing* foi lançado nos EUA no final de 1989. Vocês estão há um ano e meio sem gravar. Ha planos para um novo LP?**

Ainda não temos planos. Vamos pensar agora. Billy Gould, o baixista, considera que o disco deve ser mais trash. Por outro lado, ele quer incluir uma cover de "Fly Me To The Moon", que Frank Sinatra cantava nos anos 50 e 60. E uma balada romântica comovente. Eu gostaria de escrever standards romanticos como aqueles dos anos 50. Mas vamos devagar com isso. Sei dessa expectativa, estão todos querendo saber se o grupo será capaz de compor outra musica com a força de "Epic" e coisas do género. Vamos continuar no nosso caminho. Pessoalmente, prefiro gravar outra cover. Talvez algo dos New Kids On The Block. O show deles no festival foi divertido.

Há duas linhas diferentes no trabalho do Faith No More. De um lado, um heavy-pop inspirado pelo Black Sabbath. De outro, um heavy-rap influenciado por grupos radicais como Beastie Boys e Red Hot Chili Peppers. Em qual direção o grupo seguirá?

Não sabemos. Estamos um pouco confusos sobre isso. Ha coisas que nos empurram para cada uma delas. Voce identificou corretamente os extremos do nosso dilema. O Faith No More ultrapassou o impasse do crescimento, mas parou diante de outro. A superação deste, espero, vira durante a gravação do novo LP. Penso que a fusão de traços do heavy com traços de rap e de soul pode soar ao mesmo tempo pop e pesada. Não estou em cima do muro, e sério. Se a coisa dependesse apenas de mim, não tenho duvidas, o caminho e a trilha aberta por musicas como "Epic", "We Care A Lot" e "Introduce Yourself". Ou pela cover de "Easy". Estou mais para Commodores do que para Sabbath.

O Faith No More é um grupo da chamada *Bay Area* de San Francisco, tradicional inimiga da área *poseur*, de Los Angeles. O que você acha dos grupos de heavy metal de Los Angeles?

Tento não pensar neste assunto. É interessante observar como estamos ao mesmo tempo tão proximos e tão distantes deles. A distância geografica é pequena, mas a filosofia é diversa. Pode parecer divertido, mas a proximidade torna-se desagradavel quando você é obrigado a cruzar com essa turma quase todos os dias. As bandas *poseur* também tocam em Frisco. De fato, ha um imenso publico *poseur* em Frisco. Não podemos idealizar a cidade por toda essa imagem de "radicalismo" e "contestação" que vem dos anos 60. Ha muitos idiotas em Frisco. Bem, talvez tenha menos idiotas do que LA. O glamour de Hollywood fez de LA a cidade mais crebra do planeta.

Antes de entrar no Faith No More, em 1989, você fez parte de outro grupo de San Francisco, o Mr. Bungle. Como era o som do grupo?

Mr. Bungle não acabou ainda. Ele existe, mas é um projeto engavetado. Faziamos um som funk, com influências diretas de George Clinton e o pessoal do P-Funk. A usina pesada do Parliament-Funkadelic era o objetivo do Mr. Bungle, e continua sendo. Pena que o grupo não tenha ido para frente. A ideia não era exatamente má, mas não houve aquela conjunção especial de fatores que faz voce acontecer (leia box sobre o Mr. Bungle na pagina 30).

E sempre pensei que o Faith No More entre as bandas de heavy de Frisco, era a que mais se aproximava do que eu queria fazer. Não é qualquer um que consegue tocar "War Pigs" e "Easy" sem parecer banda de cassino. A honestidade é o que conta.

O som do Faith No More mudou muito com a sua entrada?

Nunca pensei nisso direito. Quando eles me mostraram as musicas de *The Real Thing*, gostei de imediato. Mas as pessoas são diferentes, o Faith No More de Mike Patton não é o mesmo de Chuck Mosely. Minha voz é diferente, há os toques pessoais e tudo o mais. No fundo, porem, acho que as mudanças não foram grandes.

O cinema *trash* parece ser uma das maiores influências do texto do Faith No More. Musicas como "Surprise: You're Dead" e "Zombie Eaters", saíram mesmo de filmes de Tobe Hooper e George Romero?

É verdade. Adoro os filmes B, assisto a todos. Tenho uma copia em video do filme *A Noite Dos Mortos Vivos*, de Romero. E a primeira versão, não aquela dirigida por Dan O' Bannon — essa também é divertida. Nos ultimos tempos tenho gostado mais dos filmes B divertidos. Antes preferia o primeiro *Noite Alucinante*, de Sam Raimi, mas agora sou fanatico pela refilmagem. A segunda versão de *O Massacre Da Serra Elétrica*, de Hooper, é sensacional. Fica dificil parar de rir. Alem disso, Texas Chainsaw Massacre é o nome da melhor banda de rock de Frisco no momento. O thrash mais ensurdecedor da historia saiu das guitarras-serras elétricas deles.

Vocês esperavam topar no Maracanã com tanta gente disposta a aclamar o Faith No More como a redenção do rock?

Não, de jeito nenhum. Foi a melhor experiencia que já tive em toda a minha vida. É dificil acreditar que em apenas um ano um ser humano possa viver situações tão diferentes quanto tocar para 100 e para 100.000 pessoas. Durante o show fiz o maior esforço para não pensar no que estava acontecendo. Foi estranho constatar o sucesso do FNM aqui, especialmente porque se trata de um país tão exotico, tão distante dos Estados Unidos. Parece que alguem esta brincando com a gente. Isso não pode ser realmente serio.

Quais são os piores e os melhores grupos e musicos da historia do pop?

Vamos primeiro aos piores, e mais divertido. Acho que Vanilla Ice é a coisa mais desagradavel que já surgiu no negocio da musica. É inacreditavel. Sempre existiram armações no pop, mas Vanilla Ice me parece ter subido ao mais alto degrau da picaretagem. Pensei que Milli Vanilli fosse o fim do poço, mas esse rapper de butique vai ainda mais fundo na lama pop. No fundo admiro esse sujeito: voce tem de ter culhões para ser tão insuportavel e filho da puta. É uma atitude que merece respeito, não resta duvida. O cara é um completo idiota.

Quanto aos melhores, há a dupla basica

O INÍCIO DO FAITH NO MORE

É um raro privilegio para os brasileiros assistirem ao show de uma banda em ascensão, no auge da sua força criativa e com um pé no megaestrelato. Foi nesse estágio de sua carreira que o Faith No More aterrissou no país, onde fez o maior (em termos de publico) e um dos melhores (na opinião da critica estrangeira) shows de sua história.

Embora muita gente possa estar pensando o contrário, o Faith No More *não* é uma banda nova. Eles estão na estrada desde 82, ano em que lançaram seu primeiro LP, *We Care A Lot*, um fracasso comercial. Nessa época o vocalista ainda era Chuck Mosely, que acentuava o caráter *crossover* do grupo com seus longos *dreadlocks* e seu sotaque afro-americano. Depois do lançamento de *Introduce Yourself*, o segundo LP, ele seria expulso do Faith, que assumiria sua formação atual: Mike Patton nos vocais, Jim Morton na guitarra, Roddy Bottum nos teclados, Mike Bordin na bateria e Billy Gould no baixo. Patton, o novo vocalista, havia sido descoberto cantando com a Mr. Bungle — banda da qual faz parte até hoje.

Uma série de turnês pela Europa e EUA serviria para torná-los mais conhecidos pelo publico. Mas a responsável pela grande virada seria "Epic", faixa do LP *The Real Thing*, lançado em 89. Com um clip de alta rotação na MTV, a faixa seria o primeiro hit do Faith, que entrava firmemente nos primeiros lugares das paradas inglesa e norte-americana.

Seguiram-se dois anos de excursões — como *headliners* ou abrindo para Aerosmith, Metallica, Billy Idol e Poison, entre outros. O sucesso de publico foi acompanhado pela aclamação unânime da critica — cristalizada pela *Spin*, que deu a eles o título de "Banda do Ano" de 90.

No momento em que o Faith se apresentava no Rio, era lançado lá fora o EP *Live At The Brixton Academy*, com oito faixas gravadas ao vivo na Brixton Academy, em Londres. As gravações de um novo LP começaram imediatamente após o festival, e o lançamento deve acontecer até o final do ano.

M.A.G.

TOP TEN

Os dez melhores LPs que Mike Patton ouviu em 90:

1 **NAKED CITY, John Zorn And Naked City** Esse LP me faz sentir como um idiota, e todos os bons discos deveriam ter esse efeito.

2 **FRIZZLE FRY, Primus** Chega perto das *performances* do grupo ao vivo, que são incríveis.

3. **STREETCLEANER, Godflesh** Um dos discos mais ridiculamente pesados já lançados.

4 **GRAFFITI BRIDGE, Prince** Sou um grande fã de Prince, mas só gosto de algumas músicas desse LP, como New Power Generation.

5 **A FIERCE PANCAKE, Stump** Este soa como uma linha de montagem — você ouve cada pequena parte trabalhando separada.

6. **MUSIC FROM WARNER BROS. CARTOONS 1936—1958, The Carl Stalling Project** *(criador das músicas dos desenhos de Pernalonga e Patolino, entre outros)* As músicas para desenhos animados são subestimadas e uma coisa complicada e incrivelmente divertida.

7 **FLOOD, They Might Be Giants** Soa como se eles não estivessem à vontade quando o gravaram. E disso que eu gosto.

8. **100 MILES AND RUNNIN', N W A.** Eu fico excitado com o modo como eles dizem "fuck". É só isso.

9 **WRONG, NoMeansNo** Sempre fui fã deles. É uma das bandas mais amargas e pesadas do mundo.

10. **VIOLATOR, Depeche Mode** A principal razão para eu gostar desse disco é que eu costumava odiá-los. Ouvi *Violator* e achei ótimo! Ainda não gosto dos antigos.

do thrash (*Slayer e Metallica*), os rapazes do Texas Chainsaw Massacre e o 24-7 Spyz, um grupo negro nova-iorquino de heavy-rap extremamente divertido. Tocamos certa vez com eles e foi um grande show.

E o Poison? O famoso episódio em que você xingou esse grupo *poseur* de LA no palco da turnê Monsters Of Rock foi comentado inclusive no Brasil. Como foi a história?

Cada vez que conto essa história do Poison me divirto mais. Eles são como os capitães de times de futebol americano nos colegios: são altos, fortes, louros e inteiramente idiotas. E não tem qualquer sombra do que se pode chamar de senso de humor. Perguntei à platéia qual membro do Poison era capaz de chupar seu próprio pau. Não foi uma provocação sem sentido, acho realmente que eles são onanistas capazes de fazer isso. São primatas, acham que precisam comer mulheres para provar que são os melhores. É a velha coisa do glamour hollywoodiano, muito adereço e pouca substância. Tudo o que fazem é pré-fabricado: a rebeldia, o cinismo, o machismo, a viadagem. Nada é real. Os caras ficaram putos e queriam me dar porrada no final do show — eles estavam nos camarins, pois tocariam em seguida. No fim, só me juraram de morte. Ainda bem.

Você se encontrou com o Max, vocalista e guitarrista do Sepultura, durante o Rock In Rio. O que pensa do grupo?

Acho que o Sepultura faz um dos melhores shows de rock disponíveis na praça. Há energia, peso e diversão em altas voltagens. Assisti a uma apresentação deles no ano passado, em Seattle. Estávamos fazendo uma miniturne com Robert Plant. Depois de um desses shows, alguns amigos me convidaram para ver a tal "banda de metal da selva" num teatro da cidade. Foi surpreendente. Há inteligência e criatividade no som do Sepultura. Eles são melhores do que 90% dos grupos americanos. Gostaria de conhecer outra banda brasileira comentada em Frisco, os Ratos De Porão. A única banda do festival que me tirana de casa é o Sepultura. Não pagaria um centavo sequer para ver o Megadeth, Queensryche ou Guns N Roses.

Você conseguiu conhecer o Rio como gostaria?

Não, e é a cidade mais interessante que já conheci. Os constrastes sociais, a praia, as montanhas... é um panorama absolutamente diferente e fascinante. Tentei arranjar uma brecha para ver um ensaio de escola de samba, mas não deu. Há tempos um amigo me emprestou uma fita com gravações de samba e bossa nova, e a fita ficou uns três meses no meu toca-fitas. Mas não deu.

Também gostaria de ter conhecido uma favela. Geralmente, gosto das coisas boas e das coisas realmente más dos lugares. Preciso voltar com mais tempo. Billy ficou louco para conhecer terreiros de macumba. Não vimos sequer um tiroteio entre a polícia e traficantes de drogas! Em compensação, fomos entupidos de programas chatos. Fomos a uma festa do festival (na boate Resumo Da Ópera, de Ricardo Amaral). Só havia putas de alta sociedade. Foi horrível.

SERGIO SA LEITAO

O OUTRO AMOR DE MIKE

Bem antes do resto do mundo ouvir falar de Mike Patton, o Mr. Bungle já agitava o circuito musical de San Francisco: seis rapazes jovens e meseravers fazendo música cuja melhor definição seria desconfortável.

Com a entrada de Mike para o Faith No More, o Mr. Bungle (Sr. Estropiado) adquiriu o status de banda desconhecida mais famosa do momento. Há até quem acuse Mike de estar usando o Faith No More apenas para promover sua "verdadeira" banda. Seja como for, a fita demo *OU 818* ainda é uma randade e tem trocado de mãos por altas quantias na Inglaterra e Estados Unidos.

Quem espera encontrar semelhanças entre o FNM e o Mr. B pode esquecer. *OU 818* é uma seleção de faixas caóticas, à la Frank Zappa: ritmos sincopados, metais, blues, baladas vocais falados e raps supersônicos, e mudanças contínuas de estilo — bem diferente do pop bem estruturado do FNM. Mike, Trevor (baixo), Danny (bateria), Tray (guitarra), Theo (sax alto) e Bear (sax tenor) são obcecados por sexo, escatologia, masturbação e pornografia, e o resultado é engraçado e hábil. Os shows, restritos à Califórnia por enquanto, são verdadeiros espetáculos teatrais, com fantasias, máscaras e sangue falso.

Segundo Mike Patton, cantar em duas bandas diferentes não é problema nenhum. Mas, com o Mr. Bungle começando a despertar um interesse cada vez maior e o Faith No More se dirigindo ao megaestrelato, o negócio é esperar para ver.

ANAMARIA G. DE LEMOS

BIZZ SHOPPING

DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS

ATENÇÃO
LOJISTAS E REVENDEDORES
ESTA É A DISTRIBUIDORA DA DANCE MUSIC
ATACADO E VAREJO PARA TODO O BRASIL
R. BRIGADEIRO TOBIAS, 670 - 1º AND. - S/ 06 E 08
CEP 01032 - LUZ - S. PAULO - S.P.
TEL.: (011) 228-5499 - TELEFAX: (011) 228-7580
Mix Stuff
AUDIO VIDEO

LANÇAMENTO: PEDAL DP.20
ADAH
O MAIS PROFISSIONAL DOS PROFISSIONAIS
PEDAIS DE BATERIA E COWBELL'S.
SOLICITE CATÁLOGOS
Rua Eduardo Zumkeller, 212 - São Paulo - SP
CEP 02420 - Fone: (011) 299-4022

VÍDEO
NOVIDADE NOVIDADE NOVIDADE NOVIDADE
DISC MUSICVIDEO
A ÚNICA ESPECIALIZADA SÓ EM VÍDEO
CAIXA POSTAL 3.670 - S. PAULO - CEP 01060
FONE (011) 290.2899 - DAS 12 ÀS 21 HORAS

DISCO BOX
AUDIO e VIDEO
APRESENTA
EM TODO O BRASIL
DISCOS IMPORTADOS
ESPECIALIZADOS EM
DANCE MUSIC, ITALO-HOUSE,
MIAMI, COOL ...
COMPACT DISCS
ATACADO E VAREJO
PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJAS
EQUIPAMENTOS PARA CASAS NOTURNAS
SOB ENCOMENDA
ATENDEMOS TODO O BRASIL
DISCO BOX O ENDEREÇO DO SUCESSO
AV. LEÔNCIO DE MAGALHÃES, 120
SANTANA — S.PAULO
FONE (011) 298-3825
OUTROS ESTADOS ENVIAMOS POR SEDEX

Vendas por reembolso postal
GANG
Você não precisa ir à melhor loja de instrumentos musicais para fazer suas compras.
Envie suas correspondências para a Caixa postal 41508 cep 05499 e receba grátis o catálogo GANG de instrumentos e acessórios nacionais e importados.
Fone: (011) 853-1728 ou 564-1918.

Studio Tan
Compact Disc
LOCAÇÃO
• Mais de 6.000 títulos de todos os gêneros musicais (Faith No More - Live, Mr. Big-Live, Skid Row, Praxis, Yellowman, Cactus, Focus, Peel Sessions, Soft Cell, Vômito Negro, Frank Zappa, Captain Beyond, Ride, Primal Scream, Esquerita,Metallica-Live, etc.)
VENDA
• Trabalhamos com todos os mercados (Japão, Europa, Estados Unidos, etc.)
• Coletânea Melody Maker, Deep Purple - *Last Concert in Japan*, Beck, Bogert & Appice - *Live*, Miles Davis - *Jack Johnson*, Lord Sutch - *And Heavy Friends*, e muito mais raridades.
• Lançamentos simultâneos.
• [illegible]
• Vendas para todo o Brasil via Sedex.
• Entregamos no local para São Paulo e Grande [illegible].
• Também por atacado.
• Ouça nossos programas na *BRASIL 2000 - 107,3 FM-S.P.* aos *Sábados às 14:00h* e nas *Segundas às 23:00h*.
Apresentando este anúncio você ganha 50% na Locação (taxa de inscrição) e 10% na Compra ou Encomenda de seu CD.
Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1220 - Jdim. Paulista - São Paulo - Cep. 01403 - Fone (011) 887-9082 - Fax (011) 887-6807

PUNK DE BUTIQUE

ou pop de primeira?

Continua sendo muito difícil definir Billy Idol. Neste papo ele dá uma forcinha aos interessados, relembra os tempos de dureza, fala do acidente que quase o aleijou e explica que, apesar do tom sério do novo álbum, *Charmed Life*, maturidade não é com ele

Billy Idol está longe de ser um artista acima de qualquer suspeita. Não faltam sobrancelhas levantadas, olhares desconfiados e dedos acusadores apontados em sua direção. As críticas vão desde o samba-de-uma-nota-só de "traidor do movimento punk" até o primarismo de "produto da MTV", passando pelo clássico e inevitável "comercial".

Em relação ao primeiro argumento: se ele realmente o é, só merece aplausos. Produto da MTV, quem não quer ser? E quanto ao comercial... deixa para lá. Billy Idol não é rock; é pop. Billy Idol cria boas canções pop e isto basta por si só. Além disso, ele está andando para esse tipo de papo.

"Ora vamos... Esse assunto é ridículo", me interrompe o ex-vocalista do Generation X.

Apesar de uma quase imperceptível dificuldade para andar, causada pelo acidente de moto que deixou como lembrança alguns parafusos em sua perna direita, ele não perde a pose de *rock'n'roll rebel*. Mas seu último LP, *Charmed Life*, mostra um Idol surpreendentemente reflexivo, aos 34 anos. Seria devido ao acidente?

"Na verdade, o nome do álbum já estava escolhido cerca de um ano antes do acidente. E os temas de músicas como 'Prodigal Blues', 'Troubles With The Sweet Stuff' e 'The Loveless' já estavam prontos quando eu bati com a moto. O álbum já estava praticamente todo concluído. Mas quando estava deitado no hospital, ouvindo uma fita de *Charmed Life*, percebi que parecia que eu tinha sofrido o desastre primeiro. Foi gratificante ver que eu tinha conseguido refletir sobre a minha vida exatamente como se eu tivesse vivido uma experiência de proximidade com a morte. Quando eu realmente tive essa experiência, o álbum me soou como uma premonição do que eu viria a pensar depois do acidente."

Mas seria possível dissociar a imagem do fanfarrão Idol do trio-parada-dura sexo, drogas e rock'n'roll?

"Eu não vou virar padre. Só comecei a pensar que a vida não se torna mais excitante quando tentamos destruí-la. As músicas do disco afirmam que é mais interessante ficar por aqui e ser positivo do que destruir a própria vida. Com o nascimento do meu filho *(Willem Wolf, de dois anos e meio)*, percebi que podia dar a vida a alguém e que não era nem um pouco excitante ter uma atitude negativa. Foi gratificante ouvir *Charmed Life* e perceber uma pessoa discutindo a própria existência. Eu gosto de pensar que esse álbum aleita a vida das outras pessoas."

"Prodigal Blues" é uma das canções mais pessoais e auto-reflexivas do álbum.

"Eu a fiz logo depois que a mãe do meu filho me deixou. Eu estava pensando que, apesar dos sentimentos ruins, você tem de se manter verdadeiro, fiel a você mesmo. E perseguir seus objetivos. Para ser uma pessoa completa, você tem de se livrar de certas amarras e decolar em direção ao que acredita. A música explica para o meu filho que ele tem de fazer o que manda seu coração — mesmo que isto o leve a um desastre. Para mim, houve um ponto na vida em que eu não poderia ter um emprego normal. Não poderia ser nada que não fosse Billy Idol. Então, decidi tomar a difícil estrada dos meus sonhos."

O que nos leva ao punk. Billy Idol foi integrante de uma turma conhecida como "Contingente de Bromley" (um bairro londrino), da qual faziam parte Siouxsie, Steve Severin (dos Banshees) e Tony James (ex-Generation X, ex-Sigue Sigue Sputnik e atual Sisters Of Mercy), entre outros. Todo mundo já está cansado de saber que esse bando de desocupados ajudou a delonar o punk rock e contribuiu para mudar a face da música pop para sempre. Pois bem, mesmo após todos esses anos e apesar da distância que os separa — Idol mora em Los Angeles, enquanto os outros permaneceram na Inglaterra —, Billy jura que a amizade permanece infocada.

"Nós tocamos juntos em Londres, tempos atrás. Eu estive com Siouxsie, James e Severin. Foi bom ver que, mesmo com todas as mudanças, nós ainda somos o mesmo bando de sacanas. Apesar do tempo, nada nos mudou para pior. Nos fizemos o que queríamos e nos orgulhamos disto. Manifestamos as mesmas aspirações dos dezoito anos, ninguém se corrompeu. Nós não sabíamos no que o punk iria dar. Só queríamos mostrar o nosso ponto de vista, não pensávamos em contratos. Mas depois vimos que tínhamos o mesmo direito de gravar que grupos como o Led Zeppelin e outros *megastars*."

Um dos *megastars* que mais apoiaram o punk, Billy em particular, foi Pete Townshend, do Who. "Pete e Keith Moon (baterista do Who) realmente gostavam do punk. Você sabe, Townshend quer ser um rebelde de qualquer jeito (*risos*). Eles gostavam da energia do punk. O Generation X recebeu muitas influências do Who. Keith apareceu uma ou duas vezes nos nossos ensaios, tocou 'I Can See For Miles' e 'My Generation' conosco. Quando fui morar nos Estados Unidos, Pete sempre ligava, perguntando se eu precisava de dinheiro ou algo assim. Participar do show *Tommy*, em 88, foi uma forma de agradecer."

O nosso tempo acabou, mas ainda dá para uma última perguntinha: É difícil crescer no mundo do rock, Billy? Ele pensa um pouco. "Bem... Não, se você não crescer." E solta uma gargalhada.

LUIZ HENRIQUE ROMANHOLI

Fábrica de Hits

Se você ouviu pelo menos meia hora de rádio nos últimos meses, certamente ouviu algo do Snap. Seu líder, o fanfarrão Turbo B, dá a receita de seu sucesso

O americano Durron Butler, Turbo B para o mundo pop, participava da banda que abria para Chaka Khan numa turnê na Alemanha quando dois produtores alemães, Benito Benitez e John "Virgo" Garrett II, o viram. "Eu fazia de tudo no grupo: dançava, tocava bateria, fazia rap... Então eles perceberam que pessoa talentosa eu era e me chamaram para participar do Snap, que estavam montando." Com o êxito de "The Power", Turbo foi convocado para escrever letras para um LP inteiro que, segundo disse, também co-produziu. A cantora Penny Ford, também do antigo grupo Turbo, foi chamada para o Snap. A cantora do primeiro single, Jackie Harris (que está no vídeo inclusive), nunca cantou. Foi só um arranjo rápido para dublar a voz de Penny Ford — que não estava disponível para a gravação — e os samples de Jocelyn Brown no refrão. Jocelyn, aliás, já cogitou tacar processo em cima do uso não-autorizado de seu vozeirão.

O que o Snap até encara nessa altura do campeonato, afinal eles já não são quaisquer um.

World Power já contabiliza cinco hits, sendo dois Top Ten na América. Você é rico agora, Turbo?

Bom, isso não é da sua conta (*é muito*). Mas ponha da seguinte forma: "The Power" foi platina em quase todo país onde saiu, Ooops Up é ouro mundo afora e o LP acaba de ser platina na América. Além disso, acabei de compor uma música para a trilha do *Rocky V*. Se você somar tudo isso, bem... Acho que sou rico, sim.

Uma grande prova de que o dinheiro agora está fácil é a diferença entre os vídeos de "The Power" e o mais recente, "Mary Had A Little Boy". Este apresenta uma imagem do grupo muito mais ligada a sofisticação e ao luxo.

Turbo teoriza: "Eu sou o que se pode chamar de um gênio bárbaro — quer dizer, sou um bárbaro, mas sou realmente inteligente. Resumindo, sou seu pior pesadelo. Como o *Terminator* (???), que era super superforte, mas também supersofisticado. E nesse negócio você tem de acreditar na sofisticação, senão está perdido."

Você é uma pessoa agressiva? Seu rap pelo menos é bastante agressivo.

Sim. Se você conseguir me fazer chegar nesse estado, sou agressivo. Como diz a letra de "The Power": "Fique fora das minhas costas, senão eu ataco e você não quer isso".

E esse estilo de rap é influenciado por quem?

Não sofre qualquer influência, é apenas eu mesmo. Existem rappers de que gosto, mas nenhum me influenciou no meu modo de rapear. Gosto de KRS-One, Geto Boys, Chuck D (Public Enemy), Ice T, Ice Cube e Grandmaster Melle Mel, é claro.

E na dance music de hoje, quem você gosta e ou respeita?

"Todo mundo que faz sua própria coisa e não tenta imitar o outro para ficar rico."

E já que se falou em imitação, o sucesso da fórmula Snap, uma batida funk, um forte vocal feminino, um rap meio zangado e alguns riffs de guitarra heavy levou uma vasta gama de imitadores, competentes ou não, a se calcarem sem constrangimento nessa receita. Veja os casos dos Deff Boyz com "The Swing It" e do Splash com "I Need Rhythm". Turbo B não os perdoa: "Acho que eles estão condenados, e sabe o que deveria ser feito com eles? Eles deveriam ser colocados para tocar no palco do Teatro Apollo, em Nova York — tradicional teatro do Harlem, por onde todo artista black que quiser ser respeitado pelo establishment r&b, tem de passar —, a platéia mais exigente do planeta. Aí eles veriam que não são tudo aquilo que pensam que são."

Turbo B divaga um pouco sobre o tema. "O problema é que quando começa a se imitar muito a qualidade geral declina, pois quem imita nunca faz tão bem quanto o original. A indústria está começando a ficar inundada de imitadores."

Porém, essa mesma indústria promove muitas imitações. Se seu estilo faz sucesso, muitas gravadoras em busca do dinheiro rápido vão apostar em grupos que soam como você, porque se trata de uma fórmula de sucesso testada e aprovada. Agora é um Turbo B indignado que exclama:

"Mas não farão sucesso! É uma questão de atitude, é difícil encontrar pessoas por aí com uma atitude igual a minha. Não existe nada igual ao Snap: dois produtores alemães, magos de computador, e eu, rapper e músico, que sei fazer *aquela* apresentação. É quase impossível fazer algo semelhante."

Modéstia, humildade, são palavras sem tradução na língua de Turbo B. Mas talvez não seja um orgulho irracional e sim uma crença de que cada um deve ser o que é.

"Você tem de ser você mesmo, não deve tentar ser como outra pessoa. Muitos rappers tentam te dizer como você deve ser quando na verdade você deve crescer para ser você mesmo. Se eu tento ser igual a você, por exemplo, eu só posso ser tão bom quanto você, ao passo que se eu for eu mesmo, posso melhorar a cada dia."

Filosofias à parte, quando teremos material novo do Snap?

"Em março acredito que teremos um novo LP pronto."

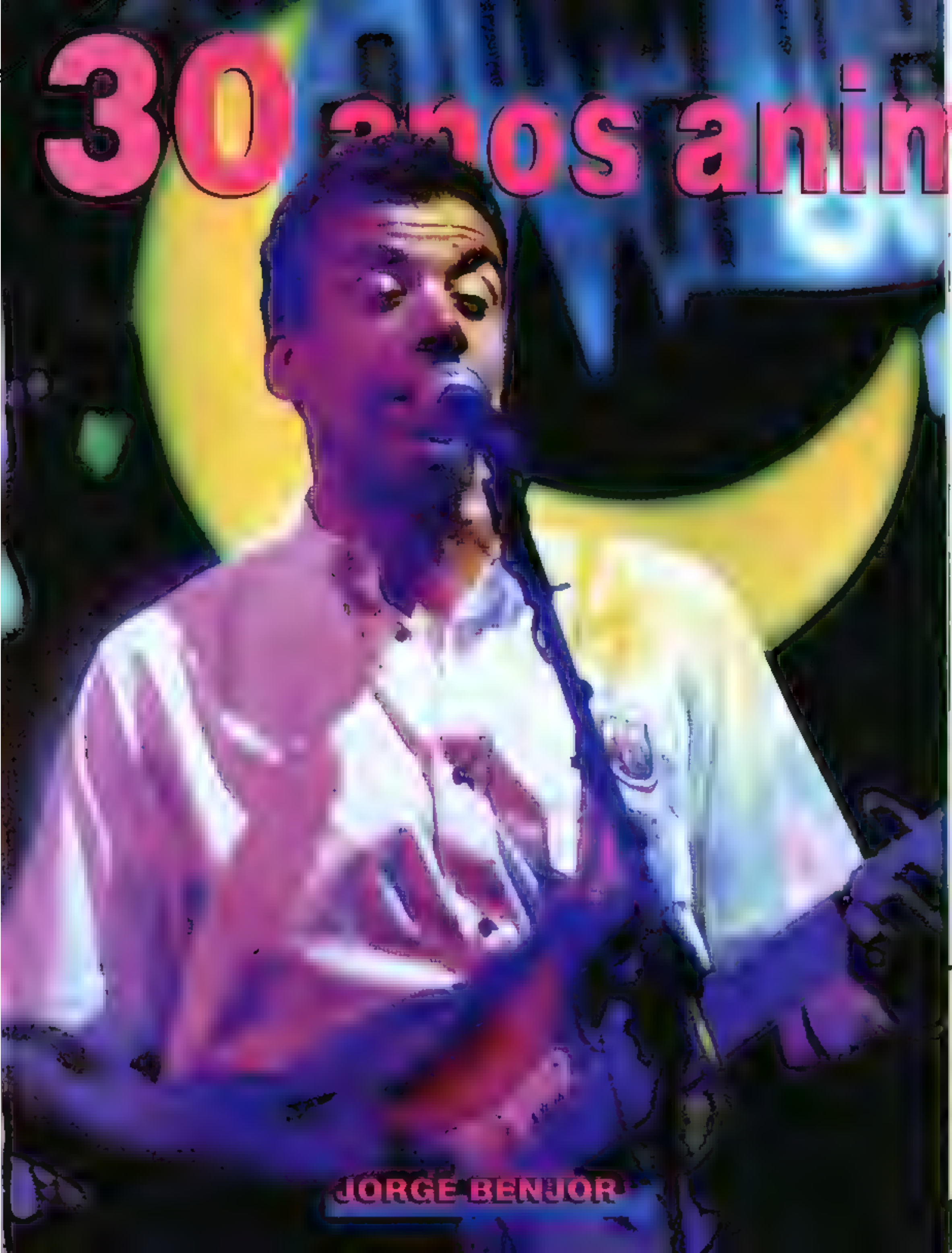
Pode contar algo a respeito desse disco?

"Não, nada. Vão ter de esperar."

CAMILO ROCHA

TURBO B E SUA MAIS RECENTE DESCOBERTA VOCAL, JANICE WILSON

30 anos animando a festa



Um LP ao vivo festeja as três décadas de carreira. E o convidado Skowa entrevista o mestre do samba-pop

Entrevistar o Babulina nao foi uma das tarefas mais difíceis. o homem e supergente fina e o papo correu solto. Difícil foi manter a postura de entrevistador com um cara que te leva para um clima de papo de botequim

Espero que vocês gostem. Para mim foi superagradavel conhecer mais intimamente esse grande cantor e compositor, que passou por varios movimentos importantes da música popular brasileira sem perder sua originalidade e identidade

Salve Simpatia!!!!!!

Vamos começar falando do seu último trabalho. Como você está vendo este seu novo disco?

Na Warner, é o meu segundo LP, mas considero como se fosse o primeiro. Este disco tem ritmos e caracteristicas minhas e a escolha do repertório foi feita por mim e meus musicos

Quem produziu?

Este disco foi produzido pelo Pena Schmidt, a Ana Tranjan e a Ana Fonseca. Eles assistiram a um show meu no People e me propuseram fazer um disco ao vivo. Eu gostei da ideia, nunca tinha gravado um disco ao vivo. Então marcamos quatro dias de show no Jazzmania em setembro, e cada dia o repertorio era diferente. Somaram-se cinquenta musicas, que vao entrar em dois CDs e vai ter um LP com dez faixas, das quais oito musicas antigas e duas ineditas — uma que se chama "W - Brasil", uma homenagem a Washington Olivetto e ao meu idolo Tim Maia, e outra chamada "Ela Mora Na Pavuna". O disco se chama *Guerreiro*

Quantos discos você tem ao todo?

Pois é, eu sempre me perco, acho que foram treze na PolyGram, seis ou sete na Som Livre

Então, até agora são vinte?

E, eu devo ter ao todo vinte e tres discos.

Bob Wolfenson

Voltando um pouco no tempo, como foi a sua passagem pela bossa nova?

Eu não pertenci à bossa nova, meu estilo era totalmente diferente, meu primeiro disco se chamava *Samba Esquema Novo* e a garotada da minha época dizia que eu tocava musica para coroa, samba, né?! Quando fui para a jovem guarda, comecei a usar guitarra e ai bolei o nome "Samba Jovem", até fiz uma musica *(cantarola batucando na mesa)*. "Eu sou da jovem guarda, minha linha é de bamba, o meu samba é o samba jovem..." e assim por diante. Quem gravou comigo foi um dos grandes conjuntos da época, The Fevers.

Você era da mesma turma do Tim, do Erasmo e do Roberto?

Não, eu era de outra turma, a Tijuca é muito grande. Eles eram de uma parte do bairro onde o pessoal ouvia mais musica americana e rock, os conjuntinhos se concentravam ali no Largo da Segunda-feira

E o Tim?

Pois é, estudei com ele no primário e o primeiro cara que vi cantando em inglês e tocando mesmo, foi ele *(batuca e canta)* Babulina, Babulina, she's my girls"... Ele já tinha estado nos EUA e todo mundo tinha o maior respeito. Eles eram uma turma de elite, tinham um conjunto, acho que o nome era Os Snakes. Era o Tim, o Erasmo e o Trajano, faziam bailinho em todo lugar e eu sempre acompanhava, eu tambem cantava "Babulina", só que sem saber porra nenhuma de ingles, ai ficou o apelido. Depois, só fui encontrá-los na jovem guarda, minha amizade com eles é grande ate hoje.

O rock influenciou muito teu samba?

Muito, muito. Eu gosto muito do rock americano, me pegou pelo swing e o balanço do rhythm n'blues, o ritmo negro do Little Richards e do Chuck Berry. Até o Elvis Presley tinha esse estilo, esse era o rock que a gente curtia na época.

E o rock inglês dos anos 60, Beatles, Rolling Stones...

Os Beatles me pegaram mais pela melodia e pelo arranjo, pelo ritmo não.

E a escola de samba?

O reino do samba era ali na Praça Saens Penna, a sede do Salgueiro era ali na entrada do morro e todo sábado a gente ia no samba, aquelas coisas de bairro. Não tinha choque, mesmo o pessoal do rock ia lá

Como você conheceu o pessoal da Tropicália?

Eu já conhecia o Guilherme Araujo há al-

JORGE BENJOR

gum tempo, aqui do Rio, e ele sempre me dizia que tinha um pessoal que estava armando um movimento de musica brasileira, me falava do Gil, que já era entrosado com o pessoal do samba e da bossa nova, do Caetano e da Gal, e tambem que ia entrar a Nara, que era a musa da bossa nova. Achei a ideia genial, aí perguntei: "Guilherme, você conhece meu trabalho, voce acha que dá para participar desse grupo?". Ele me disse que minha musica casava perfeitamente com os ideais deles. Tive grandes trabalhos nessa época, como "Charles Anjo 45", "Que Pena", "Zazueira", "País Tropical" e aquela musica que fez sucesso com Os Incriveis *(cantarola)* "Olha a banana, olha o bananeiro". Foi uma pena, porque era uma epoca de muita repressao. Tanto que o Gil e o Caetano tiveram de sair do país.

E como é que foi essa história de repressão com você?

Eu era chamado para explicar alguma coisa. No Festival da Canção tive de explicar a letra de "Charles Anjo 45". Em outro festival, que tambem deu dor de cabeça para muita gente, a história foi com uma musica minha que foi defendida pelo falecido maestro Erlon Chaves e a banda Veneno, que se chamava "Eu Quero Mocotó". Eles achavam que era tudo codigo — imagina mocotó codigo..... —, diziam que "Charles Anjo 45" era subversivo. Eu dizia que nao, que eu era um poeta popular e que eram coisas que tinham acontecido na minha vida que eu contava, e que essa história de Robin Hood eu ja conhecia há muito tempo. Até o presidente da gravadora, André Midani, foi chamado para depor. Mas com meus amigos foi pior.

Como foi o começo da sua carreira?

Eu queria ser musico, mas não profissional. Me convidaram para gravar, e eu gravei "Mais Que Nada" e "Chove Chuva", e modestia à parte, "Mais Que Nada" está aí ha vinte anos, é um hit. Eu nem sabia a força da minha musica. Depois eu me desgostei, queria desistir, era inexperiente e os caras das gravadoras, todos piranhas, piratas, assinei um contrato em que a primeira cláusula era minha e da segunda em diante era tudo para eles. Passei a ser escravo dos caras, queria me livrar disso e dizia "pô, a Lei Aurea já foi assinada há muito tempo. Em 1888 acabou a escravidão".

Qual foi a gravadora?

Foi a PolyGram, tive de fazer três LPs em um ano, que acabei deixando para eles. Depois de uma briga e de algum tempo, consegui sair. Fiquei um tempão sem gravadora, aí gravei com Os Fevers um disco que se chamava *O Bidu*, para um selo da TV Record, o AU (Artistas Unidos). O selo acabou sendo vendido para a Copacabana sem pedir autorização nem falar com a gente. Eram todos ratazanas velhas, né?

E você acha que mudou alguma coisa?

Eu, sinceramente, gostaria que essas coisas mudassem. A minha forra e dos meus dois ídolos, João Gilberto e Tim Maia, contra essas piranhas grandes, e termos conseguido espaço e respeito, e agora eles tem de aturar a gente. É uma pena que a gente acabe perdendo muitos compositores e cantores por causa desse descaso das gravadoras.

Como começou sua carreira internacional?

Foi a partir de uma gravação que o Sergio Mendes fez nos EUA, de um compacto que de um lado tinha uma musica do Henry Mancini e do outro "Mais Que Nada", que estourou sem precisar de versão, cantada em portugues mesmo. Mas a aceitação do meu trabalho é melhor na Europa, desde que fui para o Midem em 75 estourei a bo-

> **"Rock In Rio? Eu não entraria nessa fogueira"**

ca do baião. Fiquei morando em Paris seis meses fazendo um trabalhão de rádio, imprensa e televisão. Foi uma epoca muito boa, em que eu vendia mais discos lá do que aqui. Quando tinha show, a banda ia daqui, para lá. Voltei agora para o Olimpya de Paris, depois de oito anos, com a banda do Zé Pretinho, e graças a Deus tive dois dias de casa lotada.

O palco para você é um altar?

O palco é como um altar: antes de entrar eu faço um mantra, para entrar limpo e deixar o espaço cheio de vibrações positivas. A minha musica não tem grandes mensagens para o cara ficar quebrando a cabeça, eu faço musica para o cara pegar na hora. Eu consigo através dela criar o mantra espiritual, se o cara estiver de astral baixo vai sair com o astral alto, só pensando em coisas boas. Até se for possivel o cara chegar ruim lá e sair curado, essa é a minha intenção. Eu acho que meu trabalho é universal, o que eu faço aqui faço no exterior e, mesmo cantando na nossa língua, a reação é sempre a mesma. É supergratificante para mim ver as pessoas cantando e dançando felizes da vida, me sinto orgulhoso.

Por que a musica "Africa Brasil", do disco do mesmo nome, é interpretada de uma forma diferente do que normalmente você canta?

Nesse disco eu cantei com gana e dor para ser um documento do meu trabalho sobre África e Brasil. Mas esta musica também consta do disco *Tabua De Esmeraldas* com uma interpretação mais suave. Essa música é muito importante para mim por causa do espírito de Zumbi. Já aconteceram coisas do arco da velha comigo enquanto eu cantava essa musica: até alguns anéis de caveira que eu usava estouraram.

Não era para usar, né?

Pois é, depois de quebrar quatro eu parei de usar.

Você gosta de rap?

Muito, é uma especie de pagode americano. As letras tem um fundo social porque os caras vem do gueto.

E o que você acha da arrogância do rap?

A arrogância faz parte do problema social. A própria postura, a maneira de vestir dos caras, com roupas escuras e cheios de corrente, ja mostra isso. É um estilo que deu certo nos EUA e está saindo para o mundo tem até alguns brasileiros fazendo.

E o Ed Motta?

Não vou dizer que ele é copia, mas lembra muito o trabalho do Tim. Tem um potencial de voz muito grande, muito *swing*, faz muito bem o que se propoe. Vai chegar lá.

E o pessoal do soul brasileiro, Cassiano, Hyldon?

Eu soube que o Cassiano esta voltando e um poeta maravilhoso, conhece muita harmonia, tem lindas melodias, um homem de grande talento, merece muita consideração. O Hyldon sumiu, esse pessoal era de uma epoca de musica romântica boa, o soul brasileiro hoje foi substituido pelo brega.

O que você achou do Rock In Rio?

Acho que teve muita perfumaria. Até me convidaram para tocar, queriam que eu abrisse o Rock In Rio às cinco horas da tarde, imagina, tocar sem testar o som. Eu não podia entrar numa fogueira dessa. O Barão Vermelho não pode passar o som, o Gil também, e o Alceu parou na terceira musica. O Lobão nem conseguiu se comunicar com os metaleiros por causa do som. Os musicos brasileiros são sempre sacaneados.

AS OUTRAS FONTES DE PESQUISA ESCOLAR ESTÃO NO MÍNIMO UM ANO ATRÁS DO ALMANAQUE ABRIL 91.

O Almanaque Abril é a unica enciclopédia atualizada e publicada todo ano.

A única que pode estampar um 91 bem grandão do lado superior esquerdo da capa.

Nesta edição, por exemplo, você pode consultar todos os fatos marcantes no Brasil e no mundo de setembro de 1989 a dezembro de 1990.

E também fatos que aconteceram 3 000 anos antes de Cristo.

O Almanaque Abril 91 traz 768 páginas com mais de 1 milhão de informações fresquíssimas.

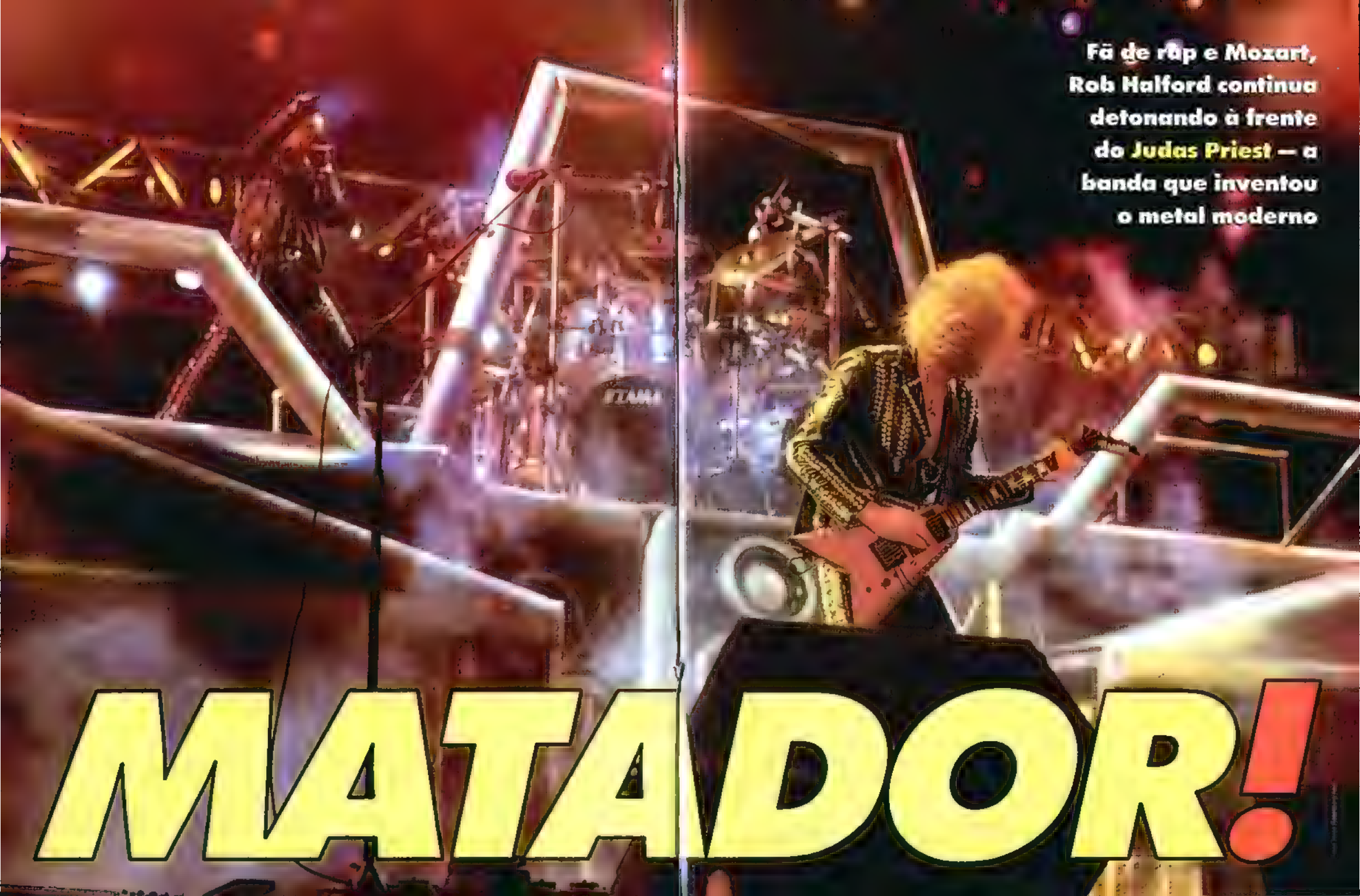
Absolutamente tudo sobre o Brasil e o mundo, com mapas detalhados sobre cada um dos 169 países (inclusive á com a Alemanha unificada e o novo Estado de Tocantins). E também as bandeiras de cada país, com todas as suas cores.

Além de temas atualíssimos como ecologia, os problemas da Amazônia, Pantanal e Mata Atlântica, o buraco na camada de ozônio, o efeito estufa, as chuvas ácidas.

Compre o Almanaque Abril 91 na banca mais próxima da sua casa ou escola.

Especial: um super manual de pesquisa escolar.

Nas bancas.



MATADOR!

Fã de rap e Mozart, Rob Halford continua detonando à frente do Judas Priest — a banda que inventou o metal moderno

No Rock In Rio II, a banda provou que continua com uma das melhores performances de palco do planeta, fazendo um dos shows mais vibrantes de todo o festival. O líder e alma do Priest, o vocalista Rob Halford, falou à BIZZ um dia antes de seu show.

Quais suas impressões do Brasil?
Uma coisa de que gosto na cultura brasileira é que todos têm a cabeça aberta para qualquer tipo de música, não existe aquela discriminação deste ou daquele gênero. Em certas partes da Europa, por exemplo, se ama o heavy metal mas se odeia o rap. Como é possível não gostar de rap?

O que você acha da dance music?
Depende do que você chama de dance music. Você pode dançar heavy metal. Dessa música com bases pré-gravadas, eu gosto de alguma coisa. Eu sou um músico, gosto de profissionalismo e qualidade, e respeito qualquer trabalho feito com honestidade. Posso perfeitamente gostar de um show de Prince ou do INXS.

Qual seu gênero preferido?
Eu passo a maior parte do meu tempo ouvindo música clássica. Gosto da precisão e da disciplina dos compositores clássicos, em que cada nota é estudada. Meus preferidos são Mozart, Puccini e Tchaikovski.

Você ouve as novas bandas de thrash?
Sou fã da música thrash, gosto da energia e da paixão que os músicos transmitem. A música é diretamente afetada pelos acontecimentos sociais. Os anos 60 influenciaram a música, os anos 70 foram indiferentes, os anos 80 foram agressivos — mas será nos anos 90 que os jovens conseguirão por para fora toda sua raiva e frustração. O thrash consegue captar o clima opressivo e violento dos dias de hoje.

Por que você considera os anos 70 um período indiferente?
Com exceção do punk, nada mais foi feito de interessante no período. Estava fadado a ser uma experiência de vida curta — punk não era só música, era um comportamento. Era um estilo muito estimulante e agressivo. Acho que muitas das novas bandas de heavy foram influenciadas pelo punk. Durante a explosão do punk, entre 76 e 79, as bandas de heavy passaram por maus bocados, já que a indústria preferiu investir no punk. Eu tinha certeza de que não duraria muito. Veja só o caso do Clash, virou aquela porcaria do Big Audio Dynamite!

O último álbum do Judas Priest, *Painkiller*, é mais rápido e pesado que seus últimos LPs. O thrash influenciou o som do Judas?
Sim. Sempre estivemos abertos a novas influências, sempre tivemos a preocupação de manter nossa música atualizada. O heavy metal já foi considerado um gênero fora de moda, condenado a morrer com o passar dos anos. O Judas Priest já tem dezessete anos de estrada e catorze LPs, e nem pensamos em parar. A música do Priest não envelhece. O Judas Priest é a mais moderna experiência do heavy metal.

> **"O Priest é a mais moderna experiência do heavy. Sua música não envelhece"**

Em 1969, quando a banda surgiu, havia poucos grupos de heavy. Em quem o Judas Priest se inspirou para criar seu estilo?
Acho que não existe inspiração maior para o artista do que sua própria vida. Todos nós somos de Birmingham, uma cidade industrial da Inglaterra. Foi duro para mim crescer em uma área pobre, e isso sem dúvida reflete na música do Priest. Todas as grandes bandas de heavy vieram de lugares humildes, e as lembranças desses dias difíceis serviram de inspiração para elas. Se você olhar bem, vai notar que a maior parte dos fãs de heavy é da classe trabalhadora. Nisso o heavy se parece um pouco com o blues. O blues é para os negros o que o heavy é para os brancos.

Como foi o processo de surgimento do público heavy?
Em 74, quando saiu nosso primeiro disco, não havia um público segmentado para o heavy metal, como existe hoje. Os fãs do Priest cresceram junto conosco, e é isso que os faz tão especiais para nós. O estilo surgiu junto com sua audiência. Nós criamos nosso próprio público, à custa de centenas de shows por todo o mundo. Nos orgulhamos de ser parte do início do movimento heavy.

Vocês achavam que o gênero seria popular um dia?
Sempre acreditamos que o heavy era um gênero capaz de se espalhar pelo mundo. Hoje, é o estilo musical mais democrático que existe. Existem bandas de heavy na China, Islândia, África, em qualquer lugar.

O que você acha do heavy metal de bandas como o Poison e o Motley Crue?
Acho uma música fraca e superficial. É como Hollywood, a imagem vale mais que a qualidade do artista. Infelizmente, é esse o estilo que vende mais na Inglaterra.

É a nova onda psicodélica de Manchester?
Tudo me parece apenas uma releitura da música dos anos 60 e 70.

Que bandas novas você destacaria?
Gosto muito do Living Colour. Acho que toda banda de negros deveria ser como eles, não como os palhaços do Run-DMC. Gosto também do Faith No More, admiro a mistura de estilos de sua música, e no momento estou interessado numa banda chamada Pantera, de Dallas, no Texas, que mistura o heavy britânico tradicional com elementos de thrash.

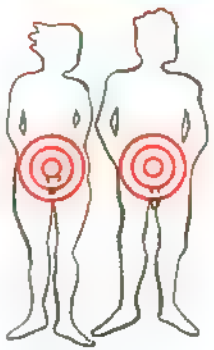
Como você se sente quando uma banda nova diz ter sido influenciada pelo Judas?
Fico realmente orgulhoso. Nesses anos todos, sempre procuramos mostrar coisas novas e explorar outras vertentes, e com isso conseguimos criar um som próprio, que influenciou muita gente. Mas não acho que a "missão" do Judas esteja cumprida — ainda temos muita estrada a percorrer.

ANDRÉ BARCINSKI

SE VOCÊ NÃO SE CUIDAR A AIDS VAI TE PEGAR.

ATRAVÉS DE AGULHAS E SERINGAS CONTAMINADAS.

Esteja alerta na hora de tomar injeções. Exija seringas descartáveis ou devidamente esterilizadas.
Todo material que pode entrar em contato com o sangue das pessoas precisa ser esterilizado.
Nunca divida agulhas e seringas com ninguém.



MINISTÉRIO DA SAÚDE
Governo do Brasil

Esta campanha é uma colaboração de Empresas Privadas com o Governo do Brasil

JOHNNY RESTIVO

Um ídolo ítalo-americano... mas só nosso

Rás americanos e europeus do rock n roll, e somente os mais apaixonados, lembram de Johnny Restivo associando o nome ao seu único hit, "The Shape I'm In", do final dos anos 50, sendo, portanto, incrível que ele tenha se transformado num fenômeno de massa, num sucesso incomum... no Brasil! Um esquecido *one-hit-wonder* aqui foi capa de várias revistas e, durante pelo menos um ano, ídolo de sólido sucesso. Ainda hoje é muito mais conhecido no Brasil do que em qualquer outro lugar.

Ainda adolescente imberbe lançou pela RCA, em 59, seu primeiro single e melhor rock, "The Shape I'm In". Americano do Bronx, Nova York, dedicava-se aos esportes. Fanático por halteres, posou como modelo para uma revista esportiva, sendo "descoberto" através dessas fotos. Quando "The Shape I'm In" empacou no Top 20, a RCA decidiu investir em Restivo, com um contrato para edição de mais singles, (que fracassaram na tentativa de repetir o êxito do primeiro) e um LP (também ignorado). Já no Brasil, "The Shape I'm In" teve um sucesso modesto, enquanto os lançamentos seguintes se tornaram todos *big hits*, como "Come Closer", "I Like Girls" e "Dear Someone", que ainda ressoam nos ouvidos dos fãs brasileiros. Tamanho sucesso trouxe Johnny ao Brasil para conferir sua popularidade, e aqui ele viveu seu momento como artista.

Chegou em agosto de 60 e durante semanas se apresentou entre Rio, São Paulo e o litoral paulista. Cumpriu temporada de uma semana no Teatro Record, palco das maiores atrações internacionais. Um disco especial com mensagens de Johnny para os fãs brasileiros foi distribuído. Sua aparência latina ajudou muito nesta empatia e, além disso, era muito simpático: fez amizade com Tony Campello, Rossini Pinto e muita gente do nosso rock. Gostava de se dizer primo de Tony Francosa, um canastra bonitão então em alta em Hollywood.

Ser ídolo no Brasil não o ajudou a renovar contrato com a RCA que, decepcionada com o insucesso de seus discos nos EUA, dispensou-o. Em 1961, o rock perdia força, o mercado estava saturado de *teen idols*, e Restivo, como tantos outros, desapareceu depois de assinar com a novata 20th Century Records e gravar dois singles editados em 62, mesmo ano em que voltou ao Brasil "em férias". Cantou em clubes e boates e passou desapercebido. Em São Paulo, hospedou-se num hotel fuleiro em Santa Cecília — os tempos eram outros, definitivamente.

Os discos de Restivo são bons. Todos os singles são legais e o LP *Oh, Johnny!* é melhor que muitos álbuns do gênero que conheço — alguns até bastante respeitados —, nem tanto por Restivo, cantor medíocre, mas pela produção esmerada da RCA. Suas músicas foram gravadas por brasileiros como Ronnie Cord, Moacir Franco, Bolão e Ivon Cury. O Rei do Rock no Brasil foi um menino ítalo-americano sem majestade e sem talento. Mas era só nosso. *RENE FERRI*

Revista do

Em 62, data de sua segunda visita ao Brasil, Restivo posa de galã para a capa de uma ancestral da BIZZ

DISCOGRAFIA

LPs

Oh, Johnny! RCA, EUA e Brasil, 1960

The Shape I'm In Bear Family (Alemanha, 1985), *The Shape I'm In*, editado aqui e na Alemanha inclui quatro gravações inéditas

Oh, Johnny foi pirateado na Itália no início dos anos 80 com capa original e som estéreo

Deee-Lite

Sobrevivendo a uma feijoada

Mais um dado cultural foi adicionado ao caderninho de informações da aldeia global do Deee-Lite: a feijoada brasileira. Esta entrevista, realizada poucas horas depois do almoço nada frugal promovido pela gravadora do grupo no Caesar Park do Rio, conta com DJ Dmitry, DJ Towa Towa e Lady Miss Kier mostrando ótimo aspecto, um sinal de que a assimilação do novo dado cultural foi sem traumas. Só Miss Kier fica menos tempo, por ter de preservar a garganta, em estado delicado, para o show de domingo. Para quem ainda não sabe: Kier e Dmitry são "casados", sentaram abraçadinhos na mesa durante o almoço.

O habitat do Deee-Lite é o circuito underground dos clubes e discotecas nova-iorquinos. A "política de porta" — o ato de escolher e barrar pessoas na porta de uma casa noturna — é algo praticamente inexistente na Inglaterra. Mas em NY, muitos lugares ainda se acham no direito de barrar pessoas por motivos como roupa, corte de cabelo, estilo, ou porque não foram com a cara. Nada disso é admitido: geralmente o que se diz é "hoje é uma festa fechada". Dmitry e Towa Towa aprovam esse hábito condenável?

"Odiamos as tais políticas de porta, esse negócio de ficar escolhendo quem entra e quem não entra é péssimo. Por outro lado, entendemos por que existem. As pessoas da noite geralmente não são bem aceitas e bem vistas pelo dia, existe um preconceito contra quem trabalha ou vive na noite, então barrar pessoas é uma maneira do povo da noite decidir quem pode participar do seu meio. Mas de qualquer forma, somos contra.

Outro "item" fundamental da noite nova-iorquina são as *drag queens*. *Drag queen* significa bicha que se veste de mulher, quase sempre forçando no lado caricatural. Não confunda com travesti, pois uma *drag queen* não ganha a vida se prostituindo nem procura se parecer exatamente com uma mulher, não opera etc. As *drag queens* de NY são famosas na cidade toda, gravam discos, promovem festas concorridas e trabalham como *promoters* (um tipo de RP) de muitos clubes conhecidos. Na lista de agradecimentos do LP *World Clique* do Deee-Lite, estão várias *drag queens*, como Sister Dimension, Lahoma Van Zandt, Ru-Paul Charles e Lady Bunny. Antes do Rock In Rio, a maior platéia para a qual o Deee-Lite se apresentou foi a de quase quinze mil *drag queens* do festival de Wigstock (wig = peruca), realizado anualmente num parque de NY. A renda deste festival é beneficente, geralmente para vítimas da AIDS.

"Elas são demais", diz Dmitry, "elas governam Nova York e nós as adoramos. As melhores festas são delas, os melhores clubes, sem elas Nova York não seria o que é." Miss Kier complementa, bem cabeça: "Acho que toda pessoa deveria se expressar da maneira como se sente melhor. Todos têm de ter a liberdade de se expressar".

Já fica claro que Towa Towa não é o membro falante: ele mal abre a boca durante a entrevista. Mas não o culpo, deve ser um saco mesmo. Dmitry é simpatia pura. Mas não o tomemos por ingênuo, pois sua língua é capaz de detonar algumas observações bem afiadas. Miss Kier é a mais exaltada e menos brincalhona, ainda mais quando o assunto é polêmico.

Disco sucks (algo como "Disco é uma merda") foi uma reação da classe média roqueira contra a disco no fim dos anos 70, com um forte sentimento WASP (branco, anglo-saxão e protestante, em inglês) por trás. Afinal, durante a disco, muitos negros, latinos e gays conseguiram destaque como artistas ou em postos dentro da indústria musical.

Embalos De Sábado À Noite apresentou uma versão branca e mainstream da disco, tornou o fenômeno mega e levou ao seu esgotamento. Seria possível uma reedição do *disco sucks* contra a dance music?

Dmitry: "Bom, 1990 foi um ano de muitos impostores, de muitas maçãs podres. É irônico que grupos europeus de *dance* sejam tão populares nos EUA e os dos EUA, que começaram a coisa toda, não sejam conhecidos. E para se pensar. Mas nos Estados Unidos, apesar de alguns hits, a house ainda é muito underground, não é como na Inglaterra".

Miss Kier: "Há outra coisa importante. A mensagem da disco era apolítica, alienada, escapista, o que não há na house..."

Desculpe, mas para mim "Good Times", do Chic, e sua "Good Beat" parecem falar da mesma coisa.

MK: "O que quero dizer é que hoje a atitude das pessoas é outra. *Disco* era algo como eu quero cheirar cocaína, quero brilhar na pista do Studio 54, quero sair fora do mundo real". As coisas hoje são mais politizadas, as pessoas estão a par dos problemas, como meio ambiente, racismo, falta de moradia, guerra. Dançam não para escapar, mas para se sentirem bem, para elevarem o espírito... Além disso, muitas faixas de house falam de problemas da vida. Veja 'Sweat', do Jay Williams, ou 'Superficial People', do Ten City. Há muitos exemplos".

Mas isso é underground. A idéia que a maioria das pessoas faz de dance é "Pump Up The Jam", "Wiggle It".

MK: "Bom, realmente não sei se isso provocará algum tipo de reação negativa à dance. Vamos ver, eu não sei, talvez sim, talvez não".

E quanto ao sampler?

"Um grande instrumento", concordam Dmitry e Towa Towa. "Veio para ficar, só esperamos que a ética cresça junto com a tecnologia.

Dois bons discos dançantes: um novo e um velho.

"Um ótimo é *Jump And Prance*, do Dreamhouse (DJs, *atenção!*) e *The Moody*, do ESG, uma banda nova-iorquina do início dos 80." (O ESG foi uma banda cult de funk do sul do Bronx, que chegou a ter faixas produzidas por Martin Hannett, responsável por Joy Division e outros grupos da Factory Records). *C.R.*

NAS PISTAS

Dream Warriors "My Definition Of A Boombastic Jazz Style"
O duo rap canadense manda uma das faixas mais interessantes do período, um cruzamento entre jazz e hip hop bem relax. O *sample* principal parece vir de um LP de bossa nova orquestrada do início dos 60.

Gang Starr "Jazz Thing"
Mais jazz rap matador, agora de Nova York. Uma homenagem aos grandes "leviatãs" do jazz, a música está na trilha sonora do filme de Spike Lee, *Mo Better Blues*.

EMF "Unbelievable"
Se os New Kids fossem cool, eles estariam fazendo *dance pop* com inspiração house e funk, como este single dos garotos do EMF.

Seal "Crazy"
Estréia solo do vocalista e compositor do hit de Adamski, "Killer", produzido pelo figurão Trevor Horn (ABC, Frankie Goes to Hollywood). O remix quase-techno de William Orbit é viagem pura, mas a melodia em si não passa de OK.

Yazoo "Situation 90"
O clássico tecnopop é revisitado de duas maneiras: numa radical versão meio hip house por Youth e num remix acid-techno, mais comportado, por François Kevorkian.

MIX

NOVIDADES NO FRONT

Por incrível que pareça, o jazz-rap existe. Pois a fusão hip hop/bebop fez surgir dois dos melhores discos dos últimos meses (ver *Nas Pistas*). O **Dream Warriors** vem da desconhecida cena hip hop/dance de Toronto, Canadá, centralizada na gravadora independente Beat Factory. Seu LP *And Now The Legacy Begins* ganhou nota dez na *NME*. Espera-se para breve uma parceria de Dream Warriors e Gang Starr.

O trio londrino **Stex** teve seu single de estréia, "Still Feel The Rain", elogiadíssimo. Johnny Marr cede seu braço guitarrista à faixa e definiu o Stex como "um Chic com mais drogas". O grupo e seu som de raízes soul, funk e Philadelphia deve provar que existe vida além-Marr.

O **EMF** é formado por cinco garotos do *West Country* inglês que adoram tomar altos portres e promover *raves*.

Seus dois singles, "Unbelievable" (com remix de Afrika Bambaataa) e "I Believe" (que tal a veneidade temática?) são duas excelentes molecagens eletro-funk.

HEY DJ!

Ecletismo é a palavra-chave num mês em que esta coluna faixa de jazz-rap, Deee-Lite e Yazoo. Ecletismo também não deve faltar no repertório de qualquer DJ. Magal, que toca *electronic body music* no Hoelltisch (Pça. Roosevelt, 134, quinta a sábado, das 23 em diante), prova que também é interado com o funk. Só não espere ouvir algum durante sua discotecagem.

"Knee Deep" Funkadelic
"And The Beat Goes On" Whispers
"Stomp!" Brothers Johnson
"Have Some Fun" B.T. Express
"Hooked On Your Love" KC & The Sunshine Band

Que Fim Levou Robm? "Que Fim Levou Robm?"
Vale a pena conhecer essa faixa do grupo paulista, uma espécie de italo house contaminado com pop e hip house. Orgulhe-se, afinal é coisa nossa.

CAMILO ROCHA

BRASILEXADO

HEAVY METAL

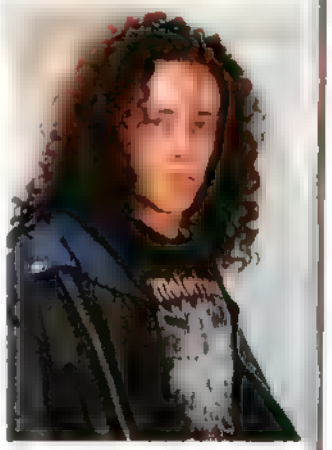
O guitarrista Marcos Dantas (Azulmão), o baterista André Chamon (Stress) e o vocalista Luciano Lucky (Metal Mania) resolveram juntar seus anos de estrada e formar uma banda de metal pesado. Chamaram Bruno Chubnel para ocupar o baixo. De um anúncio de filme pornográfico extraíram o nome: X-Rated (censurado). Começava a se esboçar uma das boas revelações do rock brasileiro.

Não contrariando a preferência pelo inglês, anunciada no batismo, cantam letras rasgantes, que arrebanharam um fiel público em sua curta carreira (a banda surgiu em 89). O último grande feito foi abrir um show do Sepultura no Circo voador no Rio. Antes disso, já haviam produzido seu primeiro álbum, *Shaking Like A Bad Machine* (Heavy). Como finalistas da Escalada Do Rock, festival promovido pela Artplan), conquistaram não apenas a platéia presente como despertaram o interesse de três grandes gravadoras — e por apenas meio ponto na somatória geral o X-Rated ficou de fora do Rock in Rio!

Animados pelas já satisfatórias conquistas, os músicos se preparam para voos muito mais altos. Fiquem de olho. Quem estiver interessado em entrar em contato direto com o grupo, anote o endereço: X-Rated Av. Rio Branco 156, loja 350, Ed. Avenida Central, CEP 20040, Rio de Janeiro RJ.

ROSE 666
editora do fanzine *Bad Noise*

CURITIBA



Quem ouvir com atenção o LP *First* das Volkanas vai encontrar na faixa "That's My Victory" um poderoso vocal em meio a pancadaria. O dono de tais descoladas cordas vocais é Manel Loyola, criado em família de músicos (é irmão de Manelle, cantora do Volkana), que surpreendeu a redação com uma demo de uma banda já extinta, chamada Pole Runner. Um thrash metal mesclado com as mais inusitadas vocalizações, inspiradas no canto erudito, sem frescuras e exibicionismo, o que era de se esperar de tal mistura perigosa.

Manel, que já está ensaiando um novo grupo, é escolado por mais de dez anos em corais de Curitiba, onde sofreu constantes represálias por cantar alto demais e destacar sua voz do grupo. Fatal. Manel precisava mesmo é de uma banda porra da para soltar o berro, inspirado tanto na tradição clássica quanto no hard rock de Led Zeppelin, Deep Purple e The Who.

Só agora, na virada da década e que o cantor tomou coragem de emprestar sua garganta ao rock, motivado pelas novas tendências ecléticas do metal. Boa decisão, pois é exatamente de um pouco de sofisticação inteligente que a mesmice pretensiosa do heavy brasileiro está precisando. *CM*

SALVADOR

Na história da humanidade Treblinka evoca horrores nazistas. Na história rocker de Salvador, uma banda que há três anos vem exorcizando mudanças de componentes e de influências musicais: do *gothic punk* à cena *indie* inglesa e ao jazz. Com Arthur Ribeiro (vocal e letras), André Borges (sax), Thomas Oscar (bateria), Wladimar Ribeiro (baixo) e Dada Jacques (guitarra), a Treblinka chega agora ao *debut* fonográfico com *Indução Hipnótica* — gravado em oito canais, produzido por Felipe Cavalier e lançado pelo selo Avatar. O disco conseguiu captar o atual momento da banda. Antes tínhamos uma proposta meio *Joy Division*, hoje trabalhamos isso para o lado intimista e experimentamos novas tendências da *pop music*", afirma Arthur. São estas novas tendências as responsáveis pelas melhores faixas: "Fim Da Infância", "As Duas Vidas" e, principalmente, "Apocalipse Não", com ecos do neopsicodelismo das atuais *guitar bands* inglesas. Destaques também para as vinhetas "Canto" e "Vincent", a bossa jazzística da faixa-título e a cover radical de "Don't Explain", de Billie Holiday. Contatos: 071 231-7237.

HAGAMENON BRITO

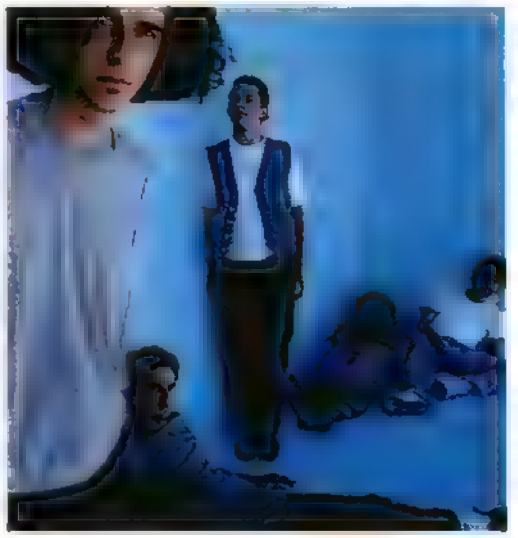
BH

Acoplando sons que estão sempre a sinalizar com a possibilidade de um desastre iminente, as letras angulosas que presentificam a realidade por uma ótica quase claustrofóbica, a recém-formada banda Vima Lisi — Cesar Mauricio (voz), Marcelo de Paula (baixo), Mario Neves (bateria), Marden Veloso (guitarra), Ronaldo Cino (guitarra) e Cov (percussão) promete ser a revelação de Minas para os anos 90.

Imagine a lassidão sincopada da psicodelia *funkster* dos Happy Monday revirada de ponta cabeça pelo partido alto dos Picassos Falsos e os urros pós-Nirvana dos Titãs. Atrevidos em seus shows, os rapazes — todos na faixa dos vinte anos — sequestram a poesia de Paul Valery ("Diálogo de Amor") transformam a abstração sintáxica num sismo ("Fala") e forjando seus riffs sob a égide de Vulcano, assaltam o sensório com a mais desconcertante das ambiguidades ("Negar E Afirmar...").

Quem quiser conferir as músicas do grupo pode adquirir sua primeira demo-tape escrevendo para: R. Lindolfo de Azevedo, 946, CEP 30430, Belo Horizonte MG.

A. C. C. D.



AO VIVO

GREAT BRITISH MUSIC WEEKEND

LONDON WEMBLEY ARENA (LONDRES)

Criado pelo produtor Jonathan King, transmitido / editado pela rádio BBC 1 e filmado por cadeias de TV, um grande evento do rock independente inglês aconteceu em janeiro. Foi dividido em tres tendencias distintas. A primeira englobou o supra-sumo da *indie-dance*, a segunda apresentou expoentes do rock-pop, e a terceira, dinossauros (Osbourne, Coverdale), *poseurs* (Quireboys) e esperanças (Wolfsbane) do heavy metal. Os ingressos para as duas primeiras noites se esgotaram no comecinho de janeiro, e no dia os cambistas os vendiam por volta de quarenta libras — quase dezesseis mil cruzeiros.

A imprensa especializada desceu a lenha nas intenções e seleção dos grupos. Muitos afirmaram ser mais uma armaçao autopromocional da BBC, que certas bandas entraram via jabá e outras por sugestao de Robert Smith. Foi tambem criticada a determinação da BBC em limitar (exceto aos headliners) os sets em vinte a trinta minutos. Outro aspecto negativo foi o de selecionarem bandas inexpenentes, para os acostumados a minusculos palcos, encarar um Wembley (cerca de doze mil pessoas por dia) é uma barra. Nomes como Candyland, 808 State, Northside e Ride foram levemente vitimados pela inexperiencia.

A noite das calças bocas-de-sino foi aberta paldamente com a surrigada polimtmia do Beats International e o inseguro Candyland (*dance popster* a la Depeche circa 81-82). O cultuado Northside embora abastecido de boas composições, tropeçou no medo. O mento foi tocarem a canção "Shall We Take A Trip" e fazerem com que, mesmo os caretas, gritassem o refrão ("LSD!").

O esperado 808 State bateu a decepçao. Sendo incontaveis tapes o centro das atenções, ao vivo eles não provocam nenhum impacto. Mais decepcionante foi o Farm, que no final de 90 colocou "All Together Now" no quarto lugar dos charts oficiais. Ultradançaveis canções como "Groovy Train" e "(I'm Not Your) Steppin' Stone" esmorecem, tanto pela falta de punch como pelos pessimos vocais de Peter Hooten.

Quando o James entrou no palco, adornado por seu rico aparato de sides, a reinante anemolencia foi espantada. Arranjos elaboradissimos, exímio desempenho musical e um vasto background cênico. Uma musicalidade original e compacta que mescla folk, dance, funk, psicodelia e um refinado popismo. A atração principal, o venerado Happy Mondays (embora tenha levado a galera ao delirio com hits como "Step On" e "Kinky Afro", deixou a desejar. A postura irreverente/desleixada da banda e a dança hipnotica de Bez se tornaram uma formula. Não obstante a verve idiossincratica-caleidoscopica-funk de suas composições, ao vivo os Mondays transparecem algo *fake* e pouco vibrante.

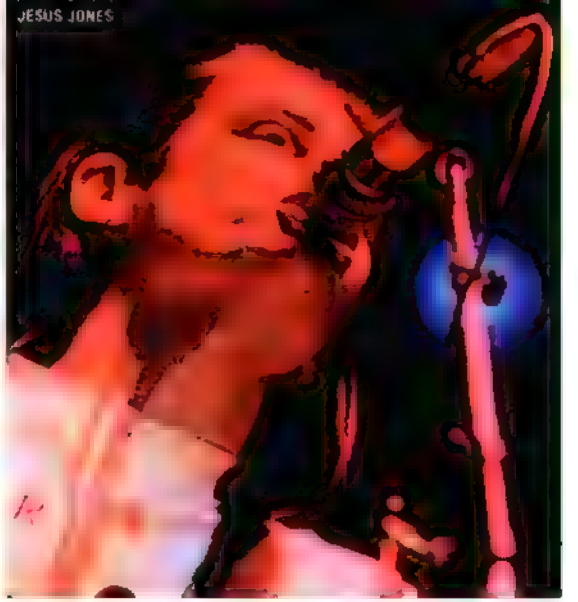
A segunda noite, com exceção do Jesus Jones (dance-pop-rock sem sex-appeal), teve excelentes passagens. A abertura com Billy Bragg foi um brilhante petisco a base de folk, raiva e simplicidade. Na sequencia, o Ride (ainda que imaturo) provou por que vem sendo considerado um dos melhores da Inglaterra. Eles praticam um legitimo *wall of sound* de guitarras, permeadas por influencias dos 60 e flertes com as tradições das *guitar-noise-bands*. Outra agradavel surpresa foi o Carter The Unstoppable Sex Machine. Um misto de tecnopop a la Pet Shop Boys, trejeitos punk e toques de dance. São cunosos, debochados e promissores.

A maratona atingiu a maturidade com o vigor folk-hard-pop do New Model Army e a tipica esquizofrenia de guitarras do Wedding Present. Ambos demonstraram competencia, energia e um bom senso de improvisação. O NMA nasce do folk e se expande com violencia pelo rock, enquanto o WP resguarda uma rustica e agressiva atmosfera de guitarras.

Quanto ao Cure — não se pode dizer mal, mas não ha nada para maiores elogios. Ainda impregnados por uma postura gotica, soam desgastados e sem o efeito poetico dos idos de 82-84. Tecnicamente estão mais aprimorados, as canções de *Disintegration* são simpaticas, as luzes estudadas, os fas deliram, mas analisando imparcialmente, eles tem muito pouco a dizer. Sucessos como "Inbetween Days", "The Walk" e "Let's Go To Bed" são tocados mecanicamente.

Em suma: ambos os headliners deixaram uma sensação de flatulencia e de que o sucesso, as vezes, pode se tornar um barato bodante. O badalado festival pelo menos provou, com os shows de James, Carter USM e Ride, que ha ainda muito sangue nas novas veias britanicas.

FERNANDO NAPORANO



ZZ TOP

Muddy Waters banhado por feixes de raio laser durante "Got My Mojo Working"? Michael Jackson se embolando num blues carnívoro e sensual, enquanto um painel luminoso ilustra a letra da música com imagens de um casal se amando, e dançarinos enfabzam o clima de luxúrias?

Sao propostas no mínimo difíceis de imaginar. O casamento de uma das formas musicais mais básicas e fundamentais que existem com os exageros estéticos de espetáculos *state-of-the-art*, não exatamente compromissados com as noções de "bom gosto e arte". A junção das emoções primais do blues com os ambientes frontalmente artificiais e premeditados dos megaconcertos. Mas essas propostas são traduzidas e bem-sucedidas nos shows de uma das bandas mais incomuns e originais do rock, o trio texano ZZ Top.

O guitarrista Billy Gibbons pode estar arrancando de sua guitarra fraseados de fazer Buddy Guy suar frio enquanto canta as belezas do Mississippi. Mas a dancinha que ele executa sobre uma esteira rolante em perfeita sincronia com o baixista Dusty [illegible] efeito amplificado pelo fato de os dois estarem vestidos igualzinhos, com barbas, óculos e bonés idênticos, tocando instrumentos de cor e formato gêmeos) culmina com uma projeção no fundo do estádio de uma "cowgirl" peladona, desenhada em laser.

O baterista Frank Beard pode estar seguindo a condução rítmica de um computador através dos fones de ouvido. Um considerável recheio de teclados pré-gravados faz presença. Mas os instrumentos de corda seguem impávidos num boogie dimensional que faz os fãs de Madonna se sentirem criaturas de outro planeta.

Shows do ZZ Top são como um circo mutante montado por caipiras intergalácticos. E, se turnês passadas contavam com a participação especial de cascaveis e bois vivinhos da silva (mais do que apropriado para acompanhar canções de álbuns como *Deguello* e *Três Hombres*) o palco atual eleva o elemento artificial de discos como o novo *Recycler* à enésima potência. É a estilização de um ferro-velho onde sobressai uma central de reciclagem de metais, enfeitada por inúmeros monitores de vídeo.

Pedaços de Fords e fuscas vão sendo jogados na máquina de reciclagem para saírem transformados numa das baterias de Beard. Os próprios músicos são jogados na caçamba para emergirem mais tarde ultra-elegantes *(sic)* em "Sharp Dressed Man", dirigindo minicarros individuais.

Ainda assim, é a música que deixa a impressão mais duradoura: descontadas as camadas e camadas de teclados eletrônicos, e fenomenal a potência, a verve e a barulheira que emite aquele par de guitarras.

JOSÉ EMILIO RONDEAU

VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

AEROANTA (SP)

Os Voluntários da Pátria foi provavelmente o primeiro grupo pós-punk (lembram desse termo?) do Brasil. Formado pelos idos de 82, aglutinou em suas diversas formações personalidades fundamentais do rock paulista como Sandra (Mercenárias), Guilherme Isnard, Maurício Ultra e Caspa e Nazi (Cal). Edson X (Gueto) e Thomas Pappon (Fellini) e Akira S.

Qual não foi a minha decepção quando, no meio da década passada, saiu o primeiro e único disco dos Voluntários. Era supersimples e tinha uma mistura de celticismo e engajamento típica do rock paulista, muito diferente da sacanagem do rock gaúcho na era pré-Engenheiros.

E só que muitos anos depois os Voluntários promoveram uma ressurreição temporária no AeroAnta, reino das cover bands. A casa estava com um terço da lotação, meio a meio os bacanas do rock e a mocadinha yuppie que sempre colore a pista. No palco, a dupla de guitarristas Giuseppe Frippi (adivinhem lá de quem é o quê) Barella, a essência harmônica da banda. Eles foram sustentados por Caspa mais o baterista Kuk, convidado especial que se saiu bem substituindo o ritmo pesado e neurótico que dizem as ondas. Thomas Pappon imprimia nas músicas. Assumindo a frente da sessão saudade não tem idade, Nazi cantou com seu timbre consagrado a trente do Ira! O que sobrou dos Voluntários no processo histórico. As guitarras egoas e criativas da dupla de coroas aloucados o contraste de estilos dos integrantes dessa formação. Nazi de mod engajado, Caspa de psicodélico, Frippi a moda de seu ídolo e Barella com uma roupa new wave que dizem as mas Inquas, ele usa há uns dez anos. As letras imbuídas do cinismo germânico de Thomas Pappon ("meu céu não quer subir/ou reclamar na Coca-Cola") e uma performance profissional e competente, sem frieza, dos experimentados músicos. Resultado disso: um show divertido e digerível para o público habituado do AeroAnta e hoje, a bem acostumado com a estética pós-punk, após o estouro de ícones como U2 e Simple Minds, é uma viagem nostálgica para os participantes do movimento que deflagrou o estouro do rock brasileiro. Confesso que me diverti.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

MOLEQUE DE RUA

AEROANTA (SP)

Olhar para o palco do AeroAnta e checar aquela insólita disposição de instrumentos já é uma experiência bacana. Vem o primeiro ataque do naipe de percussão do Moleque De Rua e é quase impossível conter a euforia. Um dia todos entenderão que o Moleque é a melhor coisa que o Brasil inventou desde o guaraná caçulinha — mas este dia está longe.

Comunidade de batuqueiros de lata formada em 83 na Vila Santa Catarina, São Paulo, esta ilha de criatividade cercada de marasmo por todos os lados opera a única mutação significativa no cenário musical da cidade, hoje.

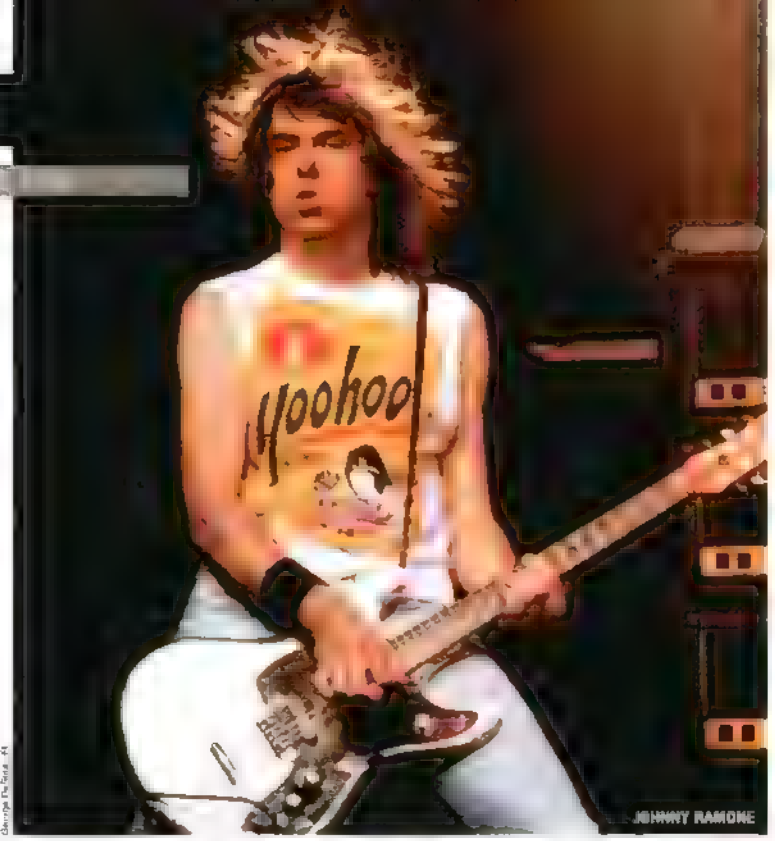
Há pelo menos três boas razões para isso. É possível explicar tudo por um único prisma sociológico, mas estamos falando de música, então... Primeiro: o samba que o compositor (e mentor do Moleque) Duda fazia quando montou o grupo soava japonês para a garotada, é uma questão de ouvido, sangue e sangue. Segundo, os pagodeiros mirins da Vila pouco se importavam com os rocks e baladas que Duda queria levar, acompanhado pela bateria de lata que a rapaziada dominava. Terceiro: foi o cruzamento destas vertentes tão díspares que resultou na linguagem musical mais estonteantemente singular que já se ouviu. Nada a ver com Paul Simon acompanhado pelo Olodum. Nada.

Os números apresentados pelo Moleque esta noite revelam a personalidade e o amadurecimento do estilo que Duda e a molecada inventaram quase sem querer. "Na noite de Natal eu fico olhando para o céu, esperando pela hora de assaltar Papai Noel." As letras do Moleque falam da realidade que cerca o grupo. Eles estão dentro do furacão, apanham da polícia sem motivo, vivem o que cantam, tem dor de dente e não têm dentista. Sabem e querem ensinar que o "Novo Herodes" está bem vivo e inventou uma maneira de matar as crianças do Brasil: a fome. Tamanha tragédia não está em nenhuma letra dos grupos de rock que a classe média fornece para o mercado. Também nos pagodes de Bezerra da Silva, a pobreza é evocada de forma irônica, como se a vida continuasse boa apesar de tanta desgraça — talvez continue para ele, não para os moleques sem presente e sem futuro.

A comunidade Moleque De Rua vem para deixar uma mensagem muito clara. Para isso traz um arsenal específico. Uma bancada de bateria de latas de óleo, tinta etc., mais dois instrumentos inventados. Um reúne uns vinte tubos cilíndricos vazados, de meio palmo de diâmetro e comprimentos variados, cada tubo "afinado" em um tom, dispostos em semicírculo e tocados com sola de Samoa. O outro, com os tubos alinhados e cobertos com pele de tamborim, suporta dois músicos armados de baquetas. Isso — mais duas guitarras, baixo e cavaquinho — deixa qualquer um confiante no futuro do rock. Miudo, Bombinha, Pelé, Gargamel e os outros moleques seguram as pontas.

CELSO MASSON

RAMONES



Caos em Nova York. Há nove anos que não cai tanta neve de uma só vez. O trânsito parou e as calçadas estão encharcadas. No mesmo dia, o metrô pegou fogo, com dois mortos e mais de 150 feridos. Para completar, os Ramones tocam no Ritz!

Apesar de todos os problemas da cidade, o show está com lotação esgotada. Uma platéia de várias gerações e subculturas — punks, skatistas, hardcores — aguarda ansiosamente. A banda de abertura são as Lunachicks, um grupo feminino de hardcore. Infelizmente, o som delas é horrível, um monte de clichês barulhentos sem nenhuma imaginação. O vídeo-jóquei levanta os ânimos no intervalo com vídeos de bandas antigas de Nova York, como os Dead Boys e os Heartbreakers, de Stiv Bators e Johnny Thunders.

E começa o show. Sem muita enrolação, os Ramones abrem com "Lobotomy", e na platéia o *slam dancing* começa sem demora, com gente pulando e mergulhando por todos os lados. O show não traz grandes surpresas: é só uma boa mistura de composições novas e antigas. Algumas delas, como "We Want the Airwaves", saem perfeitas. Mas no meio do show, a voz de Joey Ramone quase some de tão rouca. Ele aproveita para dar uma alfinetada nas bandas que só fazem playback no palco: diz que "cantar de verdade é bem mais difícil".

A seguir, vem uma versão cristalina de "Pet Semetary", o improvável hit do ano passado. Depois disso, eles não deixam a adrenalina cair. No bis, o destaque é "Chinese Rock", uma canção sobre heroína que, seguida de "I Wanna Live", é muito mais eficaz como apelo contra drogas pesadas do que qualquer mensagem moralista dos conservadores.

No final, a constatação: com quinze anos de existência, os Ramones ainda têm vitalidade de sobra. O segredo desta juventude eterna — simplicidade e bom humor — parece fácil de ser reproduzido. Mas a química raramente funciona tão bem como no caso deles.

RICARDO LOBO

REVENGE

Quando, em 1980, os remanescentes do Joy Division se reuniram para decidir quem seria o novo vocalista da banda, foi Barney Sumner quem levou a melhor. Peter Hook e Stephen Morris, os outros candidatos, tiveram que se resignar e aceitar o posto de *backing vocals*.

Hook, ao que parece, nunca se conformou. Assim, decidiu montar sua própria banda, ensiná-la a tocar igualzinho ao New Order, e assumir finalmente o papel de *frontman*. Não há outra explicação possível para esse fiasco chamado Revenge ("vingança"), responsável por uma das performances mais constrangedoras já vistas no Projeto SP.

No papel de vocalista, Hook é patético. Sua voz é fraca e permanece inaudível na maior parte do tempo. Além disso, o baixista insiste em copiar os maneirismos gestuais de Barney — sem a graça natural de seu colega no New Order. A banda, por sua vez, mostra que aprendeu direitinho as lições, imitando à perfeição sonoridades de diferentes fases da outra banda de Hook: as texturas sombrias de *Movement*, as atmosferas dançantes de *Brotherhood*, ou o embalo pop de *Technique*. Isso até que poderia deixar o show divertido, não fossem as composições do grupo absolutamente medíocres.

Para piorar as coisas, o Projeto nunca esteve tão vazio: cerca de cem pessoas coladas ao palco viram seu ídolo afundar na lama. Aiô, promotores: que história é essa de trazer um grupo sem LP lançado e sem divulgação?

Quanto a você, Hookie, volte para casa (leia-se baixo), e pare de brincar com os seus fãs — sejam eles do Joy Division ou do New Order.

MARISA ADAN GIL

DISCOS

ARISE — SEPULTURA (ROADRUNNER/ELDORADO) ANARKOPHOBIA — RATOS DE PORÃO (ROADRUNNER/ELDORADO) FIRST — VOLKANA (ELDORADO)

O heavy brasileiro chega em 91 a uma fase em que o importante não é mais provar ao Primeiro Mundo que existe vida inteligente neste país miserável, e sim consolidar uma posição de prestígio conquistada nos últimos anos com os trabalhos do Sepultura e dos Ratos de Porão. As duas bandas já gravaram cinco LPs cada e saíram da fase amadorística há algum tempo. Chegou a hora de parar de ressaltar apenas o caráter desbravadores do mercado internacional de heavy e começar a analisar mais seriamente especificamente seus respectivos trabalhos.

A verdade é que tanto o Sepultura quanto os Ratos já podem ser comparados às bandas do primeiro escalão do *thrash*: Metallica, Slayer, Anthrax, Megadeth e Exodus. Mas têm condições de reinar no circuito *mezzo underground* do segundo escalão, hoje dominado por bandas como Testament, Napalm Death e Voivod. Seus últimos trabalhos mostram maturidade musical e produções bem cuidadas, no nível médio do *thrash* internacional.

Arise e *Anarkophobia* são ótimos discos, mas que não inovam. O Sepultura continua na linha inaugurada no *thrash* europeu da metade da década passada, de bandas como Destruction e Kreator: introduções lentas e pesadas, vozes que ecoam com predileções catastróficas. *Under Siege* e *Arise* lembram o Sepultura avesso de *Morbid Visions* & *Bestial Devastation*, enquanto os Ratos passeiam pelos clichês *death metal* de morte, dor e agonia: "Sacrifício e prazer, alcance a vida termina em dor", canta Max em "Desperate Cry".

Os Ratos de Porão têm como principal influência o hardcore de grupos como o G.B.H. e Exploited. Os temas de suas músicas são mais realistas, e suas letras mais diretas que as do Sepultura. "A música dos Ratos funciona como um documentário sobre as misérias e os males da sociedade de consumo". Musicalmente, o grupo evoluiu: os solos estão melhores e mais elaborados, as músicas mais bem acabadas. O progresso do baixista João Gordo e de morcegar João Gordo e sua voz gutural continuam sendo o melhor da banda, um dos raros vocalistas de *thrash* do mundo que conseguem ter suas palavras compreendidas em meio a milhões de decibéis.

Os trabalhos dos Ratos e do Sepultura andam dando bons frutos em sua terra natal. Seu sucesso começou a motivar bandas nacionais a lançarem discos com produções bem acabadas. É o caso de *First*, LP de estréia do grupo feminino Volkana. Riffs surpreendentes e passagens totalmente Metallica fazem um bom disco, apesar de alguns problemas com o vocalista Marcelle. Se os tons agudos em *thrash* soam meio fora de contexto em cantores como Joe Belladonna, do Anthrax, imagine como fica deslocada a boa voz de Marcelle. Que isso não soe como machismo ou preconceito. Wendy O. Williams, a mensageira do caos dos Plasmatics, entende de pancadaria como poucos.

ANDRÉ BARCINSKI

PILLS'N'THRILLS AND BELLYACHES — Happy Mondays

[illegible]

LIVE AT SAN QUENTIN — B.B. King

[illegible]

SHAKING THE TREE (TWELVE GOLDEN GREATS) — Peter Gabriel

[illegible]

ONE TRUE PASSION — Revenge

[illegible] M.A.G.

NECK AND NECK — Chet Atkins And Mark Knopfler CBS Sony

Depois de transformar seus Dire Straits num grupo de arena, Mark Knopfler tenta se redimir através de projetos paralelos [illegible]

REFUGEES OF THE HEART — Steve Winwood

Há muito que Steve Winwood está devendo um disco à altura de seu passado. *Refugees Of The Heart* pode ainda não ser a redenção [illegible]

GRAINS OF SAND — The Mission

[illegible] E.S.

RECYCLER — ZZ Top

[illegible]

CHANGE OF SEASON — Daryl Hall & John Oates

[illegible]

SEVEN TURNS — The Allman Brothers Band

[illegible]

LIGHTS, CAMERA, REVOLUTION — Suicidal Tendencies Epic Sony

[illegible]

RAGGED GLORY — Neil Young & Crazy Horse Reprise WEA

"O rock'n roll nunca morreu", a máxima continua valendo no que concerne a Neil Young. Do alto de seus quase 45 anos, o velho *outsider* nos presenteou com um álbum tão forte e aplicado quanto o anterior *Freedom*, provando que ainda tem muita lenha para queimar.

Seguindo à risca as guinadas imprevisíveis que sempre caracterizaram sua errática trajetória, Neil não tentou repetir a diversidade de climas e os contrastes de *Freedom*. Ao contrário, apenas tomou como linha-mestra as detonações guitarrísticas já exacerbadas em trechos daquele LP, trazendo-as agora para o primeiro plano em canções longas, pesadas, repletas de *feedback*, reverberações e finais apocalípticos.

Para conseguir tal alquimia, Neil cuidou de providenciar condições propícias. Trancou-se numa cabana de sua fazenda nos arredores de San Francisco com os antigos chapas do Crazy Horse — Frank "Poncho" Sampedro (guitarra), Billy Talbot (baixo) e Ralph Molina (bateria). Vários álbuns antológicos já atestaram definitivamente que este sempre foi o *line up* ideal para apoiar a guitarra de Neil, tanto por seu perfeito entrosamento como pela habilidade de conseguir a máxima eficiência através da simplicidade.

O resultado não poderia deixar de ser um fantástico LP *de banda*, praticamente gravado ao vivo, onde a emoção e a garra afloram à pele em cada passagem. Os vocais e solos de Neil alternam-se no dilaceração das melodias de faixas como "Country Home", "F*! in' Up", "Over And Over", "Mansion On The Hill" e mesmo na impagável cover de "Farmer John", do veterano duo de r&b, Don "Sugarcane" Harris e Dewey Terry.

A única exceção nesta série de pauladas sonoras fica por conta do preguismo explícito da música de encerramento, "Mother Earth (Natural Anthem)", sintomaticamente a única registrada ao vivo, em outro local e sem a participação do Crazy Horse. Mas este é apenas um pequeno detalhe se comparado ao brilhantismo das nove outras faixas, provas da inquietude criativa da personalidade de Neil Young.

"O rock'n roll veio para ficar." Ao menos enquanto forem lançados discos como *Ragged Glory*, autêntico manual de sobrevivência do estilo na selva do *show business* atual, onde o *fake* parece ser a lei preponderante. *Celso Pucci*

NOVAS TENDÊNCIAS — Vários (Polygram)

O LP — assim como o programa que lhe deu origem — vem com uma proposta louvável: apresentar grupos que dificilmente serão lançados por aqui. Na verdade, apenas quatro merecem destaque. No lado A, mais "pop", o melhor é "Thoughtforms", do Lush — uma espécie de Cocteau Twins mais pesado —, seguido de perto por "Language...", dos nostálgicos (anos 60, de novo?) Pale Saints. Anne Clark e Weathermen são os responsáveis pelos melhores momentos do lado B, a face "eletrônica" do vinil. Mas o álbum ainda traz um atrativo irresistível: "Overture...", uma composição épica do Fall, que dispensa maiores apresentações. *M A G*

PAINKILLER — Judas Priest (Columbia)

Os fãs vinham torcendo o nariz desde *Ram It Down* (88), quando o Judas chegou até a mudar seus trajes de concerto. Depois, houve o processo judicial que tentava responsabilizar suas letras por induzir jovens ao suicídio. Parando para pensar, o grupo radicalizou em suas mudanças, trocando de produtor (Tom Allon por Chris Tsangarides) e acolhendo o baterista Scott Travis (ex-Racer X) por sua grande habilidade nos bumbos. O resultado foi um disco muito pesado, sem frescuras nem refrãozinhos. Rob Halford continua com a voz afiadíssima e as guitarras de K.K. Downing e Glenn Tipton travam ótimos duelos nos riffs e solos. Uma volta corajosa às suas origens heavy. *L R*

ANDROIDES SONHAM COM GUITARRAS ELÉTRICAS — Os Replicantes (Warner)

Enquanto os androides podem se dar ao luxo de sonhar com guitarras elétricas, ca estou eu por to ça do dia — e vin co os Replicantes em seu mais re en e LP comprovarem-se com especialidade co hau ones Jo Division. Sintam o drama. Esta noite tive um sonho so nhei que todos os homens eram ones ao Division e eu estava ne com os clones do Siouxsie. E o sabino. *A G O D*

FROM THE ORIGINAL MASTER TAPES — Bill Haley And His Comets (Warner) ○

Se seus ataques de nostalgia não se restringem às colagens pegajosas de Jive Bunny, saia já desta loja e ande até a que traz de volta o pequeno Johnny Ramone. É nesses momentos de sua melhor forma em "Rock Around The Clock" e "See You Later, Alligator" que o quarteto se contenta em ser apenas o quarteto, e não uma orquestra. É som pra dançar. *T C*

ADDICTED TO REALITY — Overdose (Polygram)

Quarteto inglês que se manipula uma faca de dois gumes que tanto pode atingir o alvo como ensanguentar as próprias mãos. Este LP é uma loria de hard rock recheada de metal, que às vezes consegue ser bem original — quando acerta no fermento —, ou então embolumar completamente. Mesmo que essa moçada não saiba que raios seja isso, eles lembram um Van Der Graff Generator metalizado nos bons momentos, e um Rush ou Deep Purple metido a besta nos biores! Entre acertos e erros, *Addicted To Reality* acaba parecendo banzinho demais para os bangers e muito malvado para fãs do Bon Jovi. *C E M*

FOR YOU — Prince (Warner/WEA)

Foi necessário um Rock In Rio e a certeza de duas noites com Maracanã lotado para decidirem lançar em vinil nacional o primeiro disco do príncipe de crítica e público dos últimos dez anos. Não era preciso tanto. Só o valor histórico desse LP — lançado originalmente em 78, em plena ascensão dos *dancing days* — já valia a empreitada.

For You revela a influência direta do som *discotheque* na fonte de prazeres dançantes de Prince. Ela é sentida principalmente em "Just As Long As We're Together", uma *mo' and better disco* que entrou fácil nas paradas, não fosse a fortíssima segregação musical-racial existente na época — que Prince foi mestre em exterminar.

A importância desse LP não acaba aí. Já nesse primeiro registro, o pequeno munneapolitano toma conta da produção, arranjo e composição, além de tocar todos os instrumentos — feito inédito para um artista estreante na Warner até então, e só alcançado graças a bases contratuais extraordinárias. É essa liberdade que permite que ele esboce, aqui, toda a genialidade babeica (soul + blues + funk + rock) dos trabalhos posteriores.

Uma amostra evidente é a faixa-título, que abre o disco com um vocal quadruplicado *a capella*, apresentando-se aos súditos numa humildade tão pretensiosa quanto possível. Outra é "Soft And Wet", primeiro sucesso de Prince e a única que foge à regra "tudo eu" do álbum, contando com a parceria de Chris Moon na composição da letra. Funciona como um prólogo sutil das sex hits "Head" e "Sister", do LP *Dirty Mind*, de 80. Mesmo assim, já entra para o livrinho negro da Liga das Senhoras Católicas em caráter definitivo.

As comparações com Jimi Hendrix — totalmente infundadas segundo o próprio Prince — podem ser feitas em "I'm Yours", a faixa que fecha o disco, antecipando os solos de guitarra mesclados numa levada funk, que viraram marca registrada em *Purple Rain*. Até nas baladas mais ofensivas como "Crazy You" e "So Blue" (ambas com um belo arranjo de violão) é possível distinguir trechos recorrentes e melhorados nos álbuns subsequentes. Dão uma boa pista da década seguinte.

Ainda assim, como produto *Prince*, *For You* é apenas razoável. Como produto *pop* é indispensável. *José Júlio do Espírito Santo*

BRAZIL CLASSICS 4: MASSIVE HITS (O MELHOR DE TOM ZÉ) — Tom Zé (Sexbeat/WEA)

O leitor atento deve recordar o nome e alguns parágrafos da história graças a uma *Discoteca Básica*. Estudando *O Samba* (BZZ 49), mas é pouco provável que conheça a música de Tom Zé. Experimentalismo metatropicalista tão no nada dos parágrafos do artista plástico Hélio Oiticica quanto ao samba imaculado de Cartola e Cangeiro, o trabalho deste compositor nunca repousou num cômodo recanto da indústria do disco nem lhe rendeu ganhos à magnitude do quadriátero Caetano-Gil-Mutantes-Duprat — sempre evocado quando se aborda a "invenção" pós bossa-nova.

Roqueiros ortodoxos devem guardar distância, mas quem almeja um mínimo de cultura musical tem uma oportunidade rara. Não é à toa que David Byrne, após sua conversão ao brasilianismo, escolheu Tom Zé para a quarta edição da série de coletâneas *Brazil Classics*. Desta vez, o ex-Talking Head acertou.

Editou um disco banhado por sutilezas, no qual é possível atravessar o sertão baiano passando por um "bonzado bom" em Mali e desembocar nas paulistanas ruas "Augusta, Angélica e Consolação" — tendo como mapa uma cartilha do concretista Augusto de Campos ("Cademar"). É possível, neste mesmo compêndio, desfrutar a poesia econômica de Tom Zé em "Vai (Menino Amanhã Cedo)" e sua projeção instrumental no mínimo som de "Toc".

Ainda há a chance de aprender (via "Complexo De Épico") que a rua é a melhor escola e que "a cobra já começou a comer a si mesma pelo rabo, sendo ao mesmo tempo a fome e a comida". Enciclopédia da cultura nordestina, tratado de samba e da estética da fome, *Massive Hits* não é um disco fácil. Sua digestão exige jejum prévio — mas o alimento que provê ao espírito não se encontra em nenhum templo de *fast food*.

"Tristeza não tem fim", garantem Jobim e Vinicius em "A Felicidade" (também entoada por Tom Zé nesta compilação), mas é possível morar na Estação da Luz quando está escura dentro do coração. Se a música feita neste país hoje caminha tão cambaleante, a culpa não é de Tom Zé. Se você não anda conseguindo ouvir nada brasileiro que preste, agora tem um prato cheio. *Celso Masson*

FAMILY STYLE — The Vaughan Brothers (Epic)

Quando Stevie Ray morreu num acidente aéreo no final do ano passado, este disco já estava gravado e, se para seus fãs serve como um último registro, por outro lado veio reforçar a carreira do irmão jamais que foca nos Fabulous Thunderbirds. A promo é que se no primeiro disco um pouco uma grande dupla seja em um r&b de estilo texano, seja em um rock'n roll fervilhante. Como não poderia deixar de ser, os diálogos de guitarra são o ponto forte do LP, mais aliados que nunca em faixas como "Hard To Be

CHET ON POETRY — Chet Baker (Polygram)

O sopro molhado e a voz seca do trompetista mais cool de que já se ouviu falar num inverno italiano, rodeado de amigos e vontade bastante para tocar, cantar, recitar de forma tão comovente quanto a tragédia de sua morte. Músicas de Duke Ellington ("In A Sentimental Mood"), Elvis Costello ("Almost Blue"), do próprio Chet e de seus "colaboradores" da Itália, recheadas de poesia de estatura bastante não apenas para justificar o título do disco como também sua aquisição. Para um

TRAVELING WILBURYS VOL. 3 — Traveling Wilburys (Warner/WEA)

Ao denominarem seu segundo álbum como *Vol 3* nota-se que a matemática nunca foi a forte dos Wilburys. Mas quando se trata de country rock, a reunião de Soike (George Harrison), Boo (Bob Dylan), Muddy (Tom Petty) e Clayton (Jeff Lynne) consegue um resultado acima da média. De codinomes novos e ainda sentado a quem reclamar, a edição brasileira traz tudo vertido para o português — com tradução a quatro mãos por Gianluca Manzo e [illegible] dos poemas. *C M*

TO THE EXTREME — Vanilla Ice (Polygram) ○

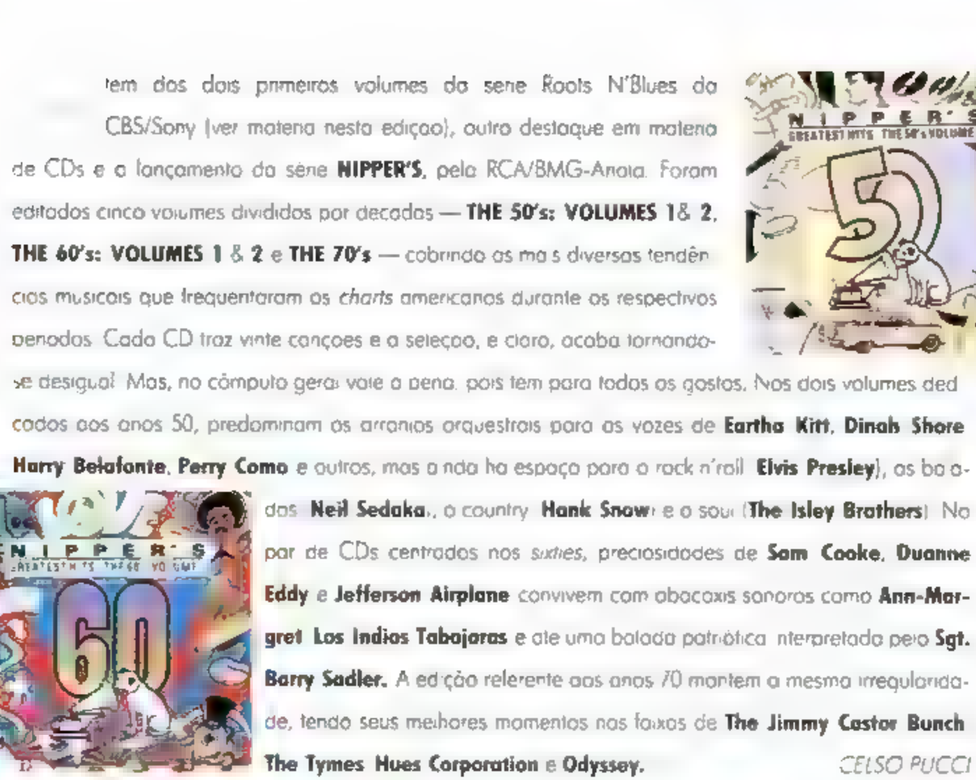
A seguinte fita foi achada numa lata de lixo da gravadora SBK. Leia-se com voz metálica: *"Bip! Vvvvvvvvv! Biong!* Olá, meu nome é Vanilla Ice, eu fui programado para entreter. Minhas memórias de uma infância de classe média foram apagadas e uma vida dura e violenta no gueto foi programada em seu lugar. Faço raps sobre mamas, as garotas que comem mamas, as minas. Em entrevistas [illegible] vou querer ser um símbolo de [illegible] vou vender 30 milhões de discos por semana e me tornar o que mais vendeu em menos tempo na história da música. Mas (hesito) *clunk* mas, *hit* por quê? Meu LP é um lixo! As partes instrumentais são fracas, repetitivas e datadas. O rap que faço é monocórdico e gelado. Nos créditos consta que fui eu que fiz tudo no disco, então *Biong! Boom! Tschak!*... eu concluo que não tenho talento, não tenho talento, não tenho talento,

Esta seção começa com dois nomes que "furaram" no Rock In Rio II: **Jody Watley** e **Robert Plant**. A primeira tenta suprir sua ausência totalmente despercebida com um álbum — **YOU WANNA DANCE WITH ME?** (MCA/WEA) — que mistura o estilo funky do Chic e da Gap Band com o de sua banda de origem (Shalamar). Apesar de alguns remixes espertinhos, o resultado parece velho e previsível demais. Já a antiga voz do Led Zeppelin comparece na coletânea **THE FROM FORTY SEVEN** (Atlantic/WEA), com uma seleção duvidosa de sua carreira solo (que com certeza tem dez canções muito melhores do que as presentes aqui). O meloso **Johnny Mathis** quis dar uma de bacana e gravou algumas belezas do repertório de Duke Ellington no LP **IN A SENTIMENTAL MOOD (MATHIS SINGS ELLINGTON)**, da CBS/Sony. Só que ele, como sempre, esbanja breguice e escorrega com tudo no *musak*. Enquanto isso, **WOULD YOU BELIEVE** (Warner/WEA), o mais recente álbum de **Ray Charles**, não chega nem aos chinelos de seu talento. Acaba parecendo mera diluição de um passado gloriosa no soul, para consumo de um público ignoto. A banda australiana **Ganggajang** chega com seu oitavo LP, homônimo (Mercury/PolyGram), apresentando um híbrido de folk e tecnopop completamente inócuo. E falando em parcona... a única coincidência curiosa entre a nova pantomima produzida por Stock, Aitken & Waterman para **Jason Donovan** (**BETWEEN THE LINES**, da PWL/Stiletto) e o country "new pantanal" de **Dan Fogelberg** (**THE WILD PLACES**, da Epic/Sony) é que ambos regravaram "The Rhythm Of The Rain" (lembram-se?). Entre os dois, fique com a versão de Demetrius, dos idos da Jovem Guarda. Outra coisa feia é **(MARLBORO DJ APRESENTA) FUNK BRASIL 2** (Polydor/PolyGram): hip hop carioca melado a engraçadinho até nas participações especiais (Dercy Gonçalves, Regina Case etc.). Pode funcionar em bailes da periferia, mas não dá para ouvir em casa. A gostosona de meia-idade **Carly Simon** prova em **HAVE YOU SEEN ME LATELY?** (Ariola/BMG-Ariola) que, apesar de continuar com a voz em forma, atualmente faz um country pop que serve, no máximo, para embalar namorinhos bem-comportados. No lado brasileiro, surge a cantora **Titane** com o LP **VERÃO DE 2.001** (Eldorado). Com um instrumental "jazz rock mineiro", ela repete as bobagens pretensiosas que Olivia Byington já tentou nos empurrar. Me pergunto para que tipo de chato este disco seria endereçado. Para quem procura a autêntica mineirice, o pedido é **CANTADÔ DE MUNDO 35** (Continental), do duplo **Pena Branca E Xavantinho**. Com emoção e simplicidade, eles conseguem tornar palatável a pieguice de xaropões ementos, como Rolando Boldrin, Milton Nascimento e Jean & Paulo Garfunkel. Para fechar, é bom descobrir que a ópera-rock **JESUS CHRIST SUPERSTAR** (MCA/WEA) em sua versão inglesa original (com participações de **Ian Gillan**, **Spooky Tooth** e **Manfred Mann**, entre outros) não se tornou apenas uma velharia hippie. Sem preconceitos, dá até para escutar.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

Tem dois primeiros volumes da série Roots N'Blues da CBS/Sony (ver matéria nesta edição), outro destaque em matéria de CDs é o lançamento da série **NIPPER'S**, pela RCA/BMG-Ariola. Foram editados cinco volumes divididos por décadas — **THE 50's: VOLUMES 1 & 2**, **THE 60's: VOLUMES 1 & 2** e **THE 70's** — cobrindo as mais diversas tendências musicais que frequentaram os *charts* americanos durante os respectivos períodos. Cada CD traz vinte canções e a seleção, é claro, acaba tornando-se desigual. Mas, no cômputo geral, vale a pena, pois tem para todos os gostos. Nos dois volumes dedicados aos anos 50, predominam os arranjos orquestrais para as vozes de **Eartha Kitt**, **Dinah Shore**, **Harry Belafonte**, **Perry Como** e outros, mas o rock'n'roll (**Elvis Presley**), os baladas (**Neil Sedaka**), o country (**Hank Snow**) e o soul (**The Isley Brothers**). No par de CDs centrados nos *sixties*, preciosidades de **Sam Cooke**, **Duanne Eddy** e **Jefferson Airplane** convivem com abacaxis sonoros como **Ann-Margret**, **Los Indios Tabajaras** e até uma balada patriótica interpretada pelo **Sgt. Barry Sadler**. A edição referente aos anos 70 mantém a mesma irregularidade, tendo seus melhores momentos nas faixas de **The Jimmy Castor Bunch**, **The Tymes**, **Hues Corporation** e **Odyssey**.

CELSO PUCCI



Mais do que uma minúcia compilação, **LIFELINES/THE JIMI HENDRIX STORY** (Reprise) é uma prova de amor e devoção ao legado do maior guitarrista de todos os tempos. Somando quase cinco horas de duração, a trajetória do artista é recomposta num especial de rádio pelo DJ e *expert* Bruce Cary, que se valeu de demos caseiras, *takes* alternativos de [illegible] para compor uma obra de incalculável valor histórico. Transcrito para quatro CDs, o show ainda traz um concerto inédito do **Jimi Hendrix Experience** no Los Angeles Forum em abril de 69.

John Popper é o mais novo monstro sagrado da harmonica. Baixote, cabeleira encaracolada que a certa altura confunde-se com um par de avantajadas costeletas, Popper — que cita influências que vão de John Coltrane a Miles Davis na lapidação de seu estilo — vem desde 87 reinventando o instrumento à frente do quarteto novaiorquino **Blues Traveler**. Em seu homônimo *debut* (A&M), o grupo exibe uma energética mescla de blues, rock e jazz, no qual se sobressaem o *boogie* But Anyway e as [illegible] de Alone e Mountain Cry[illegible].

HEAVEN OR LAS VEGAS (4AD) marca o retorno dos **Cocteau Twins** aos [illegible] onde desmaterializada a voz de Elizabeth Fraser plana sobre esferas [illegible]descentes. Neste [illegible] não importa se uma ou outra [illegible] em inglês inteligível ameaça o [illegible] senso que sempre caracterizou as "letras" do duo [illegible] incoerente [illegible] verão aos poucos [illegible] até que se extingue em [illegible] tas tremulações.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

Tirado de onde os Young Gods tiraram seu nome? Resposta: de uma música dos **Swans**, assim intitulada. Não é à toa. Se você acha os Gods, o Einstürzende Neubauten ou qualquer expoente do rock industrial *soft* demais, acha mesmo? Tu é doente? Saiba que [illegible] no minimal **FILTH**, o primeiro LP desses americanos, 83, [illegible] masterizado e [illegible] com o EP de estréia 82 em um CD da Young God/Rough Trade. Pura crueldade sonora baseada na batera monomaníaca do [illegible] Roli Mosimann, que de volta à Europa produz [illegible] os próprios Gods e o Thai Petrol Emotion e se [illegible] Jim [illegible] Foetus [illegible] Westwood. O EP é com uma formação [illegible] melódica [illegible] sempre com o [illegible] vomitando suas obscenas obsessões.

ALEX ANTUNES

Derradeira [illegible] para [illegible] tentativa de *film noir* dirigida por Dennis Hopper que se [illegible] antes de chegar no [illegible] — e fique com a excelente trilha de **THE HOT SPOT**. Antes você evita ter de encarar o bumbum de Don Miami Vice Johnson em três cenas diferentes (a não ser que essa seja a sua) e ganha uma coleção de [illegible] blues e jazz que faz Burlanta parecer [illegible]. O produtor, compositor e arranjador Jack Nitzsche, ex-colaborador dos Rolling Stones, Phil Spector e Neil Young, entre outros, conseguiu a proeza de reunir bambas do calibre de **John Lee Hooker**, **Miles Davis** e **Taj Mahal**, todos tocando juntos pela primeira vez.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

Entre os numerosos grupos surgidos na [illegible] tez questão de manter-se [illegible] longe de toda a badalação. Este [illegible] e grande expoente é o quarteto **The Parachute Men**, encabeçado pela [illegible] Fiona Com[illegible] [illegible] anos de existência, somente no fim de 90 chegaram ao seu segundo LP, **EARTH, DOGS AND EGGS HELLS** (Fire). Afastando-se das influências do Blondie, eles [illegible] uma identidade própria [illegible] etéreo [illegible] e recheado de uma verve poética [illegible].

Stephen Street, parceiro produtor de Morrissey, também é dono de uma gravadora chamada Foundation que não por acaso grava bandas com [illegible] pós-smithianas. Sua mais recente revelação é o quarteto **Caretaker Race**, que depois de dois EPs lança o LP **LANGOVER SQUARE**. São onze faixas onde [illegible] dos guitarras [illegible] tradicional orgulho [illegible] e letras narrando a amargura do cotidiano e *short stories*.

FERNANDO NAPORANO

LETRAS

HAPPY MONDAYS

KINKY AFRO

(Happy Mondays)

AFRO PERVERTIDO

You go spooky in a band	*Você vira fantasma numa banda*
son, I'm 30	*filho, tenho trinta anos*
I only went with your mother 'cause she's dirty	*só saí com sua mãe porque ela é safada*
and I don't have a decent bone in me	*e não tenho nem um osso decente dentro de mim*
what you get is just what you see, yeah	*as coisas são o que parecem, yeah*
I should, so I take it free, yeah	*eu devia, então peguei de graça, yeah*
and all the bad preserve me things that	*e todas essas coisas ruins para me preservar*
feed me	*que me alimentam*
I never help or give to the needy	*nunca ajudo ou dou aos necessitados*
come on and see me	*venha me ver*
(refrão)	*(refrão)*
Yippee-ippee-ey-ey-ay-yey-yey	*Yippee-ippee-ey-ey-ay-yey-yey*
I had to crucify some brother today	*tive de crucificar um camarada* hoje*
and I don't dig what you gotta say	*e não entendo o que você tem para dizer*
so come on and say it	*então vamos, diga*
come on and tell me twice	*vamos, me diga duas vezes*
I said, dad, you're a shabby	*Eu disse: cara, você é um largado*
you run around and groove like a baggy	*você corre por aí e ginga feito um folgado***
you're only here just out of habit	*você só está aqui por hábito*
all that's mine you might as well have it	*tudo que é meu pode ficar para você*
you take 10p back and then stab it	*toma dez centavos de volta e dá apunhala*
spray it on and tack it, so sack on me	*pinta com spray e espeta, então me joga para fora*
I can't stand the needy	*não consigo suportar os necessitados*
get around here, if you're asking	*chega aqui perto, se você está pedindo*
you're feeling	*você está sentindo*
(repete refrão)	*(repete refrão)*
Yippee-ippee-ey-ey-ay-yey-yey	*Yippee-ippee-ey-ey-ay-yey-yey*
I had to crucify somebody today	*tive de crucificar alguém hoje*
and I don' dig what you gotta say	*e não entendo o que você tem para dizer*
so come on and say it, come on and tell me twice	*então vamos, diga, vamos, me diga duas vezes*
So sack all the needy	*Então jogue fora todos os necessitados*
I can't stand to leave it	*não suporto deixar isso*
You come around here and you put both your feet in	*você vem aqui perto e estraga tudo*
(repete refrão)	*(repete refrão)*
Yippee-ippee-ey-ey-ay-yey-yey	*Yippee-ippee-ey-ey-ay-yey-yey*
I had to crucify somebody today	*tive de crucificar alguém hoje*
and I don't hear what you gotta say	*e não escuto o que você tem a dizer*
so go on and say it	*então continua, diga*
(repete refrão)	*(repete refrão)*
Yippee-ippee-ey-ey-ay-yey-yey	*Yippee-ippee-ey-ey-ay-yey-yey*
I had to crucify some brother today	*tive de crucificar um camarada hoje*
and I don't hear what you gotta say	*e não escuto o que você tem a dizer*
so come on and say it, come on and tell me twice	*então vamos, diga, vamos, me diga duas vezes*

* Os negros norte-americanos se referem a si mesmos como *brother*. Graças a isso, "Kinky Afro" foi acusada de racismo. A frase pode ser entendida como "tive de crucificar um negro hoje".
** *Baggy* é o apelido dos neo-hippies de Manchester, por causa das calças baggy que eles usam.

© London Music Phonogram Prod. e Ed. Mus. Ltda

PARADA

LEITORES

1	*O Papa É Pop* (3) **Engenheiros Do Hawaii** BMG-Ariola
2	*Blaze Of Glory* (6) **Jon Bon Jovi** PolyGram
3	*Na Calada Da Noite* (4) **Barão Vermelho** WEA
4	*No Prayer For The Dying* (N) **Iron Maiden** EMI-Odeon
5	*Behaviour* (5) **Pet Shop Boys** EMI-Odeon
6	*X* (1) **INXS** PolyGram
7	*The Immaculate Collection* (10) **Madonna** WEA
8	*GN'R Lies* (R) **Guns N'Roses** WEA
9	*Violator* (6) **Depeche Mode** WEA
10	*Flesh & Blood* (R) **Poison** WEA
11	*Appetite For Destruction* (R) **Guns N'Roses** WEA
12	*Passion And Warfare* (N) **Steve Vai** EMI-Odeon
13	*As Quatro Estações* (7) **Legião Urbana** EMI-Odeon
14	*The Real Thing* (12) **Faith No More** PolyGram
15	*Hack* (2) **Information Society** Stiletto
16	*Songs For Drella* (R) **Lou Reed & John Cale** WEA
17	*Listen Without Prejudice Vol. 1* (N) **George Michael** Sony Music
18	*Skid Row* (14) **Skid Row** WEA
19	*SLA Radical* (R) **Fernanda Abreu** EMI-Odeon
20	*World Power* (R) **Snap** BMG-Ariola

Lojas consultadas: Cambio Negro • Cogumelo Discos • Beto Hatsumotei • Pop Som • Casa Coelho (Porto Alegre) • Sub Som • Rock ... • Baratos Afins • Bossa Nova • Musical Box • Wop Bop • Woodstock Discos (São Paulo)

LOJAS

1	*The Real Thing* **Faith No More** PolyGram
2	*Appetite For Destruction* (8) **Guns N'Roses** WEA
3	*Arise* (N) **Sepultura** Eldorado
4	[illegible] (9) **Paul Simon** WEA
5	[illegible] **Soup Dragons** PolyGram
6	[illegible] (N) **Slayer** Sony Music
7	[illegible] (4) **Sisters Of Mercy** WEA
8	[illegible] **Living Colour** Sony Music
9	[illegible] (N) **Judas Priest** EMI-Odeon
10	[illegible] (N) **Maurice Jane** BMG-Ariola
11	[illegible] (N) **George Michael** Sony Music
12	[illegible] (N) **New Kids On The Block** Sony Music
13	[illegible] (5) **Megadeth** PolyGram
14	[illegible] (N) **Cure** PolyGram
15	[illegible] **Prefab Sprout** Sony Music
16	[illegible] (1) **Elton John** PolyGram
17	[illegible] (R) **Skid Row** WEA
18	[illegible] **Vários** EMI-Odeon
19	*Cassia Eller* [illegible] [redacted] PolyGram
20	*To The Extreme* (N) [redacted] EMI-Odeon

CONVENÇÕES:

(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição anterior

Leitor! Sua participação é importante! Escreva para "BIZZ Parada Dos Leitores" (Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479, São Paulo, SP) dizendo quais os discos que você comprou este mês. Se possível acrescente seu telefone, para que voltemos a contatá-lo quando necessário.

LPs (EUA)

1 (1) *To The Extreme* — **Vanilla Ice** (SBK)
2 (7) **Mariah Carey** (Columbia)
3 (3) *The Immaculate Collection* — **Madonna** (Sire)
4 (N) *The Simpsons Sing The Blues* — **Simpsons** (Geffen)
5 (2) *I'm Your Baby Tonight* — **Whitney Houston** (Arista)
6 (9) *The Razor's Edge* — **AC/DC** (Atco)
7 (4) *Please Hammer Don't Hurt'em* — **MC Hammer** (Capitol)
8 (N) *The Soul Cages* — **Sting** (A&M)
9 (6) *Some People's Lives* — **Bette Midler** (Atlantic)
10 (8) **Wilson Phillips** (SBK)

Compactos (EUA)

1 (N) "Gonna Make You Sweat" — **C&C Music Factory** (Columbia)
2 (N) "All The Man That I Need" — **Whitney Houston** (Arista)
3 (N) "The First Time" — **Surface** (Columbia)
4 (N) "One More Try" — **Timmy T.** (Quality)
5 (N) "Someday" — **Mariah Carey** (Columbia)
6 (N) "Where Does My Heart Beat Now" — **Celine Dion** (Epic)
7 (N) "Disappear" — **INXS** (Atlantic)
8 (10) "Sensitivity" — **Ralph Tresvant** (MCA)
9 (N) "I'll Give All My Love To You" — **Keith Sweat** (Elektra)
10 (N) "Play That Funky Music" — **Vanilla Ice** (SBK)

LPs (GB)

1 (N) *MCMXC AD* — **Enigma** (Virgin)
2 (1) *The Immaculate Collection* — **Madonna** (Sire)
3 (N) *A Little Ain't Enough* — **Dave Lee Roth** (Warner Bros.)
4 (2) *The Very Best Of* — **Elton John** (Rocket)
5 (3) *Serious Hits... Live!* — **Phil Collins** (Virgin)
6 (9) *I'm Your Baby Tonight* — **Whitney Houston** (Arista)
7 (N) *The Soul Cages* — **Sting** (A&M)
8 (N) *Wicked Game* — **Chris Isaak** (Reprise)
9 (N) *All True Man* — **Alexander O'Neal** (Tabu)
10 (N) *To The Extreme* — [redacted]

LPs Independentes (GB)

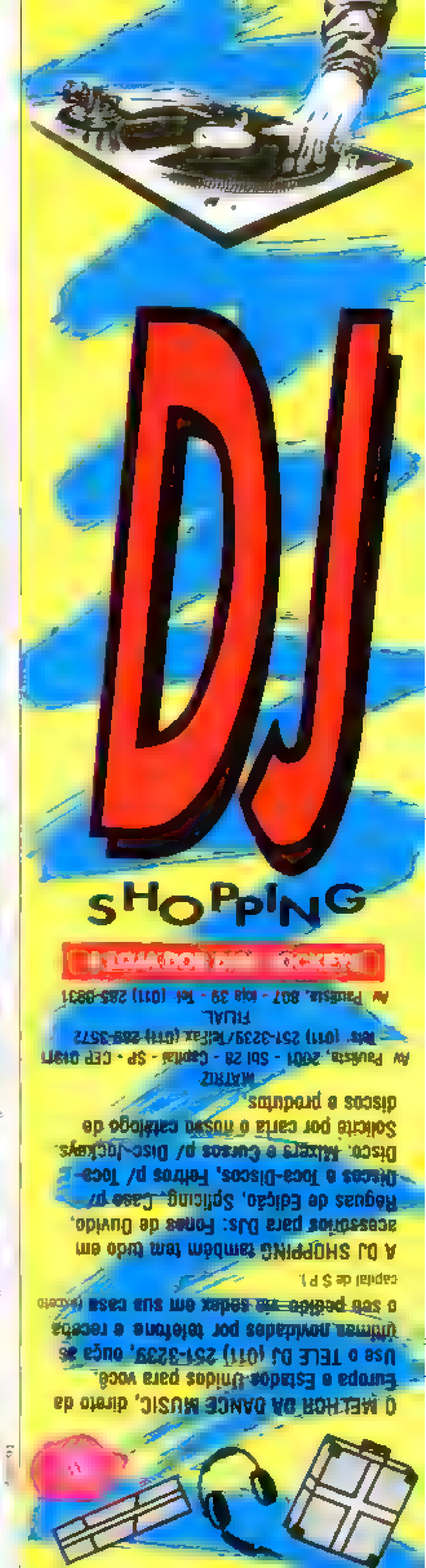
1 (1) *Pills 'N' Thrills And Bellyaches* — **Happy Mondays** (4AD)
2 (N) *Nowhere* — **Ride** (Creation)
3 (2) *Gala* — **Lush** (4AD)
4 (N) *Fat Axl* — **Silverfish** (Wiiija)
5 (N) *A Catholic Education* — **Teenage Fanclub** (Paper House)
6 (N) *Tyranny For You* — **Front 242** (PIAS)
7 (N) *101 Damnations* — **Carter USM** (Big Cat)
8 (5) *En-Tact* — **Shamen** (One Little Indian)
9 (R) *Bossanova* — **Pixies** (4AD)
10 (N) *Torture Garden* — **Naked City** (Earache)

Compactos (GB)

1 (N) "3 AM Eternal" — **KLF** (KLF Communications)
2 (N) "Sadness Part 1" — **Enigma** (Virgin International)
3 (N) "Innuendo" — **Queen** (Parlophone)
4 (N) "Gonna Make You Sweat" — **C&C Music Factory** (Columbia)
5 (N) "Crazy" — **Seal** (ZTT)
6 (N) "Wiggle It" — **2 In A Room** (Cutting)
7 (N) "I Can Take The Power" — **Offshore** (Columbia)
8 (N) "Cry For Help" — **Rick Astley** (RCA)
9 (N) "Do The Bart Man" — **Simpsons** (Geffen)
10 (N) "Happychick" — **Soho** (A&M)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) "Bloodsport For All" — **Carter USM** (Rough Trade)
2 (N) "3 AM Eternal" — **KLF** (KLF Communications)
3 (8) "The Bee" — **Scientists** (Kickin')
4 (N) "Silver" — **Nirvana** (Tupelo)
5 (N) "Our Love Is Heavenly" — **Heavenly** (Sarah)
6 (N) "Big City" — **Spacemen 3** (Fire)
7 (1) "All Together Now" — **Farm** (Produce)
8 (N) "Everybody Needs Somebody" — **Birdland** (Lazy)
9 (N) "Sugar Blast EP" — **Dr. Phibes** (50 Steel St.)
10 (N) "Helter Skelter" — **Meat Beat Manifesto** (PIAS)



CARTAS

NÃO FUI, NÃO GOSTEI

(...) Nunca ouvi tantas bobagens, tolices, erros... Pedro Bial fez os piores comentários que eu, em dezenove anos de vida, já ouvi!!! Absolutamente ridículo!!! (...)

Flávio Augusto Carvalho, Ituiutaba, MG

Inicialmente, quero aproveitar a oportunidade e congratular a Rede Globo pela transmissão de alguns shows que aconteceram no Rock In Rio II. (...) Vocês não só apareceram na tela a todo instante como também conseguiram "torrar" a paciência do telespectador fazendo comentários irrelevantes. Principalmente você, Pedro Bial, que via defeitos em "Deus e o mundo". Havia sempre algo que lhe incomodava. Se não fosse o bumbum (de Axl Rose, por exemplo), era a roupa ("ela não tira esse modelito há cinco dias"). Que horror! A Rede Globo estava transmitindo shows de rock, não "seção fofoca" ao vivo. (...)

Janeth Vieira Da Silva, Belo Horizonte, MG

Mais uma transmissão pela Globo da segunda edição do Rock In Rio e mais uma vez a emissora deu um show de desrespeito ao telespectador. Shows cortados pela metade, entrevistas patéticas com o público e para terminar os comentários imbecis de Maurício Kubrusly e Pedro Bial. Imperdoável.

Aulow Dias Dos Santos, São Paulo, SP

FUI, TAMBÉM NÃO GOSTEI

É lamentável a falta de respeito com que a Artplan tratou o público do Rock In Rio II. Depois de trocarem sete ou oito atrações (se reservaram o direito de trocar apenas três nomes), resolveram mudar o dia do Happy Mondays — a melhor banda dessa merda toda. Se eles esqueceram a guitarra no banheiro não era problema meu. O que era problema meu era a grana que eu tinha gastado para ver aquele grupo. Pedi filé, trouxeram forró com farinha. Corri atrás do meu dinheiro, falei com a buzunta da Lea Penteado que, depois de chamar a polícia para me prender, disse, em função de um possível escândalo, que iria me devolver o dinheiro e sumiu, como fazem os melhores vigaristas. (...)

Luiz Carlos Farra De Alcantara, Rio de Janeiro, RJ

(...) Quando o Rock in Rio II era apenas um projeto, Roberto Medina disse que iria reviver o espírito de Woodstock. Acho que as almas das pessoas que estiveram em Woodstock devem estar perambulando por aí, humilhadas pela comparação entre os festivais. (...) Quero terminar parabenizando Gal Costa e Barão Vermelho (não sei se o Gilberto Gil também está nessa) por terem desistido de participar desta humilhação nacional transmitida para mais de trinta países (se é que eles chegaram a ver.) (...)

Rogerio Utrila Feix de Oliveira, São Paulo, SP

(...) Apesar de todas as dificuldades, todas as injustiças, todo o protecionismo, o descaramento e o desprezo de que foram vítimas os artistas nacionais, foi com muita garra e capacidade que os mesmos (quase todos) conseguiram sobrepujar a barreira discriminativa de todo esse "colonialismo musical". (...) Fico imensamente triste e revoltado quando ouço e vejo bandas como o Barão Vermelho não terem direito de "passar o som" antes de sua apresentação, tendo menos de uma hora para executarem seu show e, o que é pior: não recebendo cachê pelo seu trabalho. (...)

Marco Antonio Dos Santos, Vicente de Carvalho, SP

CRÍTICO SENSATO

André Forastieri, como você é um crítico sensato, gostaria que você me respondesse por que BIZZ, jornais etc. endeusam o grupo americano Faith No More como "o futuro do heavy metal" sem se lembrarem de que existe uma banda que nós dois e muita mais gente conhece, Red Hot Chili Peppers? (...) Eles não são futuro de nada? (...)

William C. Carvalho, São Paulo, SP

Andre Forastieri responde: William, o Red Hot é bem legal e o LP *Mother's Milk* é genial. Mas o Faith No More mistura mais elementos que os RHCP (como teclados épicos e guitarras retrô) e por isso é meu preferido no momento.

(...) Ei, pessoal, vocês que escrevem reclamando das matérias de André Forastieri não acham que estão "meio" caretas? Por que vocês não lêem reportagens sobre comportamento da revista *Claudia?* Aposto que vão gostar. (...)

Shendel Schichvarger, São Paulo, SP

AF responde: Enfim, alguém que me entende.

ENTRE TAPAS E BEIJOS

(...) Celso Masson, quanto à sua crítica aos Engenheiros Do Hawaii, fique sabendo que é simplesmente uma perda de tempo, é alienada e é uma merda. Sei que não estou sendo elegante, mas você também não merece respeito porque não respeita o público leitor. Quanto à sua cabeça, não sou só eu quem vai decidir se põe a prêmio ou não, e sim as pessoas que você ofendeu, as pessoas que representam a evolução e que têm a certeza que já chegaram ao século 21 (...)

Corina Moitas, Marabá, PA

(...) Sua crítica do *Papa É Pop* colocou os Engenheiros no seu devido lugar, dizendo o que muita gente queria. Só mesmo o jabaculê explica que musiquinhas idiotas como "O Papa É Pop" façam sucesso. (...) Gessinger e bando, por que vocês não largam essa pretensa intelectualidade e vão aprender a fazer alguma coisa original? (...)

Lou Pérez Lima, Brasília, DF

REVISTA SÉRIA? ONDE?

Vocês se consideram uma revista séria? E desde quando pode ser levada a sério uma revista com a capacidade de dar "Nota Zero" aos shows realizados por Paul McCartney no Rio? Meus parabéns! Vocês conseguiram ser a *única* revista de música no mundo a malhar a turnê de Paul McCartney, que por sinal ganhou vários prêmios de "Melhor Turnê", inclusive da *Billboard*. Estranho, não? (...)

Ricardo G. Do Amaral Filho, São Paulo, SP

Sinceramente este comentário sobre o New Kids On The Block, na matéria "Quem É Quem", seção *Fast Foward*, BIZZ 66, é ridículo. Quem sabe o artigo mais ridículo já publicado na Terra. Realmente ultrapassou todos os limites da mente humana. Olho para aquele artigo e fico profundamente irritada, pois tenho catorze anos e meu QI é, com certeza, mais normal que o QI de quem escreveu isto. (...) É bom vocês aprenderem a fazer revista ou, então, outros leitores como eu vão querer distância de seus exemplares e optarão por revistas estrangeiras, que dão muito mais futuro do que essas suas matérias regressistas. (...)

Fabiane De Oliveira, Maceió, AL

MERCADO PARALELO

Compro *Letras Traduzidas* Ed. 32-L ou qualquer outra anterior a 45-L, que tenha músicas do Depeche Mode. Neide Naomi Ohira, R. Panamá, 63, CEP 13035, Campinas, SP

Vendo edições de BIZZ números 01, 02, 04, 08, 17, 28. Ademir Aparecido de Paula, R. Rodrigues Alves, 391, CEP 12300, Jacareí, SP

Vendo BIZZ do número 01 ao 31 e outros materiais ligados a música. Rodrigo Rangel, R. Almirante Alexandrino, 3226, ap. 701, CEP 20241, Rio de Janeiro, RJ

FÃ-CLUBES

Bon Jovi *Wanted Bon Jovi Dead Or Alive* A/C Cecília Sambora, Praça Lourenço De Bellis, 90, ap. 11, CEP 02138, São Paulo, SP

Cult *Electric Love In The Sonic Temple Fan Club* A/C Flávio Carvalho, R. 24, n.º 79, CEP 38300, Ituitaba, MG

Faith No More *Epic*, R. Cruz Jobim, 612, CEP 03435, São Paulo, SP

Legião Urbana *Por Enquanto E Para Sempre Legião Urbana Fã-Clube* Caixa Postal 020367, CEP 70040, Brasília, DF

Lobão *Fã-Clube Da Natureza Dos Lobos* A/C Adilson André, Quadra 02, Conjunto E-6, Casa 09, CEP 73000, Brasília, DF

Tek Noir *Fã-Clube Oficial* A/C Heládio, Av. Senador Casemiro da Rocha, 378, CEP 04047, São Paulo, SP

ERRAMOS

A música "Amor A Mertiolate", regravada pelo grupo mineiro Sustados Por Um Gesto, não é de minha autoria (ninguém se conforma com isso, inclusive eu), embora eu tenha a honra da primeira gravação, na minha fita **Gal. Medici's Lonely Hearts Club Brega**, de 1986. Os autores são Lord Maurício Bardella e Ricardo Rocio.

Ayrton Mugnaini Jr

Na coluna "Heavy Metal" da seção *Conexão Brasil* (BIZZ 66), a banda **Distraugh** teve seu nome grafado sem a letra t. *Some guys!*

Rua Felipe Schmidt, 58 - 19º - Edifício Comasa
Fone: 220580 - Telex 482-513 - Florianópolis - SC

DISCOTECA BÁSICA

AL GREEN
GREATEST HITS (1975)

A cidade de Memphis, no Tennessee, é um ponto crucial na história do blues, rock'n'roll e, posteriormente, do soul. Desde a chegada de *bluesmen* como B.B.King e Howlin' Wolf no final dos anos 40, passando pela lendária gravadora Sun — fundada em 52 pelo DJ Sam Phillips, na qual se revelaram Elvis Presley, Carl Perkins e Jerry Lee Lewis — até o conglomerado Stax/Volt, panteão sagrado do soul nos anos 60 (Booker T. And The MG's, Otis Redding, Sam And Dave, Wilson Pickett etc.), a cena local sempre foi de uma riqueza impressionante.

Esta tradição continuaria durante a década de 70 com a gravadora Hi, criada em 56 pelo empresário Joe Cuoghi, no rastro do sucesso da Sun. De início dedicada apenas a números instrumentais, a companhia firmou-se realmente na primeira metade dos anos 60, com os primeiros hits. Mas a ascensão definitiva da Hi viria com a integração do trompetista Willie Mitchell ao seu cast.

Figura-chave no álbum musical de Memphis, Mitchell cultivava excelente reputação no circuito de blues e jazz, tanto por seu talento de instrumentista e *band leader*, como enquanto compositor, arranjador e produtor. Em pouco tempo, ele se firmou como o segundo homem da Hi, influindo diretamente na mudança das diretrizes musicais da gravadora — que passou a trabalhar também com vocalistas como O.V. Wright, Bobby Bland e Ann Peebles. Porém, Mitchell ainda não tinha encontrado "sua voz".

Ela surgiu casualmente em fins de 68, quando sua banda se apresentava em Midland, Texas. O show de abertura cabia a um tal de Albert Greene, cantor semi-obscuro de formação gospel — como a de seu ídolo, Sam Cooke — que tinha conseguido apenas um modesto hit ("Back Up Train"). Fascinado pelo timbre vocal do rapaz, Mitchell imediatamente convidou-o para ir a Memphis, prometendo "transformá-lo num astro em dezoito meses".

Um ano e meio depois, provou-se que Mitchell tinha razão. O cantor — já como Al Green — emplacava seu primeiro hit: uma releitura de "I Can't Get Next To You", dos Temptations. Seu lançamento, em julho de 70, coincidiu com a morte de Cuoghi, que fez com que Mitchell assumisse plenamente a Hi.

Era o início de uma nova era do soul: sob seu comando, ele reuniu uma poderosa seção rítmica, mesclada com arranjos de metais e cordas que ora apareciam em delicadas intervenções, ora conduziam os riffs "forrando" a melodia. À frente desta perfeita cama musical, a voz de Green deslizava entre o sussurro e a suavidade extrema, até os falsetes mais rasgados. Com esta combinação, a dupla Green/Mitchell — com eventuais colaborações do baterista Al Jackson (ex-MG's) — lapidou jóias do quilate da ultraclássica "Let's Stay Together", "I'm Still In Love With You", "Call Me (Come Back Home)" e outras presentes nesta compilação do período áureo de sua carreira (70/75).

Nos anos seguintes, uma série de dramas pessoais e crises de consciência — que inclusive puseram fim à parceria com Mitchell — fizeram com que Green se afastasse gradualmente do *star system* e se reconciliasse com suas convicções religiosas, tornando-se pastor em 76 e adentrando os anos 80 gravando hinos de fé.

Como derradeiro legado de sua "fase profana", ficou apenas mais um LP absolutamente brilhante — *The Belle Album*, de 77 — e a certeza de que sua voz imprimiu marcas inauditas na música pop, celebrando a sacralização do amor via apelo sexual. *God bless you, Al...*

CELSO PUCCI

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor da Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editor: Alex Antunes
Editores-Assistentes: Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Showbizz), Antonio Carlos Miguel (Rio)
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Assistente de Redação e Atendimento ao Leitor: [illegible]
ARTE
Editora: [illegible]
Diagramação: Antonio Fernando Maria, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: [illegible]
Colaboradores: [illegible]

Assessoria de Arte: Eduardo Barreto

Diretora Responsável: [illegible]

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araujo
Diretor: Eduardo S. Rosa
Supervisor: Arthur de Oliveira Neto
Contatos: [illegible]
RJ - Diretor: [illegible]
Contatos: [illegible]

PRODUÇÃO GRÁFICA
Supervisora: Nancy Soma
Coordenadora: Sandra C. Bolinho

SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press - Gerente: [illegible]
Correspondentes: [illegible]
Abril Press - Gerente: [illegible] **Escritórios - Nova York:** [illegible] **Paris:** [illegible]
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: [illegible]
Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Martinelli

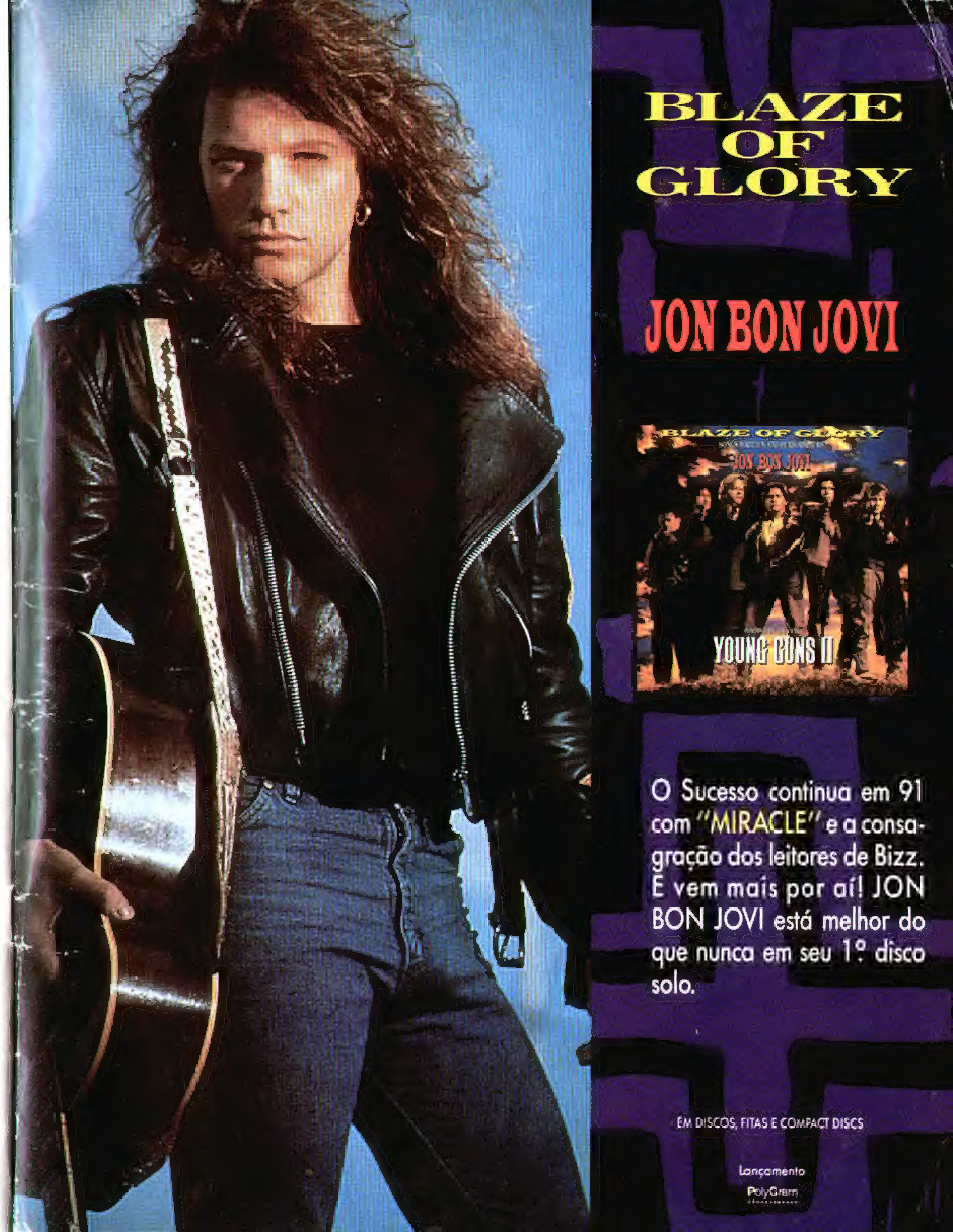
COMERCIAL
Gerente de Planejamento e Controle: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: [illegible]
Assistente: [illegible]

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos Alberto Araujo, Carlos C. Arruda, Pedro Fragoso, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Magalhães Gomes

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** [illegible] **Telegramas:** [illegible] **Rio de Janeiro:** [illegible] **Distribuidor em Portugal:** [illegible] **Assinatura anual:** [illegible] **Números atrasados:** [illegible]

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.



CHEGOU!
2º CAMPEONATO BRASILEIRO
NESCAU DE GAMES

EDITORA AZUL

SAIBA COMO PARTICIPAR NA REVISTA AÇÃO GAMES

REALIZAÇÃO: REVISTA AÇÃO GAMES

APOIO: playcenter novotel VARIG

PATROCÍNIO: Nestlé NESCAU

CENTRAL MUSICAL

NACIONAIS E IMPOTADOS
ATENDEMOS TODO O BRASIL
Fax: (011) 815-0880
Fone: (011) 883-5080
• Loja Pinheiros
Rua Teodoro Sampaio, 763
Loja 10 - CEP 05405-050
• Loja Guarulhos
Rua Padre Celestino, 70 - Centro
Fone: (011) 208-1318

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS

GUITARRAS:
Fender • Gibson • Ibanez
• Charvel • Jackson • B. C. Rich • Aria
Pro • Dolphin • Golden • Giannini

ACESSÓRIOS:
Transmissor Nady • Sequencier
Yamaha • QY-10 • Ponte Floyd Rose
• Captadores EMG e Dimarzio
• Afinador e Metronomo Boss
• Gravadores Fostex e Tascam

MULTI EFEITOS:
Boss SE-50 e ME-6 • Digitech GSP-
21 e RP-1 • Korg A-5 e A-4 • Zoom
9000 com pedaleira e pedais Boss

VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
CONSERTOS E REGULAGENS
NOVOS E USADOS (NAC. E IMP.)
ATENDEMOS TODO O BRASIL

Rua Teodoro Sampaio, 865
Fone: (011) 883-6779
CEP: 05405 - Pinheiros - SP

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Celso de Sales Pucci
Editor de Arte: Richard Kovacs
Editor Assistente: Camilo Rocha
Redator: Rogério de Campos
Repórter: Carlos Eduardo Miranda
Coordenador de Produção: Marcelo de Castro
Diagramadores: Antônio Fernando Morra, Renato Yada (Estagiário)
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos (Londres), Andre Barcinski, José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores - Texto: Alex Antunes, Arthur G. Couto, Duarte Claudio Lima, Claudio Campos, Daniel Benevides, Jon Joe João, Ricardo Lima, José Júlio do Espírito Santo, Marcos Adam Gil, Otavio Rodrigues, Rene Ferri, Zeca Camargo. Fotografia: Angelo Pastorello, Rose Miranda, Rui Mendes, Fafá, Robin Lynn, Sergio Nedal, Zé Maria.
Revisão e Preparação de Texto: Alexandre Dias Ramos. Ilustradores: Marcello Motangra, Milton Trajano

PUBLICIDADE

Diretor: Rogério Rafael
Supervisores de Contas: Maria Gisele Magno, Nilo Guilherme Bastos, Oscar de Oliveira
Diretor de Vendas: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Ana Maria Lobo, Marilia Hindi (Dir.), Tania Mattana (Ag.)
Supervisora de Vendas (Rio): Lidia Camarate
Marketing Publicitário: Maria de Moraes
Coordenadores: Igor Arvan, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Pomponi

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Thaigo de Lima Dória Castelli

BIZZ 94 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. São Paulo - Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 1.939, CEP 05479-900, tel. (011) 814-7866, Caixa Postal 46.194, CEP 05389-970, telex (011) 43178, fax (011) 814-9115. Telegramas: EditoraAbril Press. Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - sala 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 533-0113, telex (021) 36890, fax (021) 532-1468, CP 4816. Telegramas: EditoraAbril Press. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varela, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Assinaturas: valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigido de acordo com a variação do IPCA (divulgado pelo IBGE) ou outro indexador que venha a substituí-lo. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato conosco através de uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. Circulação desta revista: maio/93. Números atrasados: ao preço de última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações. São Paulo. Serviço ao assinante: tel. (011) 873-9222

ANER Fotolito: Fotolinc Ltda. Fotocrom Artes Gráficas e Bureau Azul IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

BREVE MAIS UM

P.A.
INSTRUMENTOS MUSICAIS

• SHOW ROOM 360 m2
• SALA DE TESTES
E
• TODA LINHA

Pearl Fender Marshall Peavey Ibanez ensoniq KORG

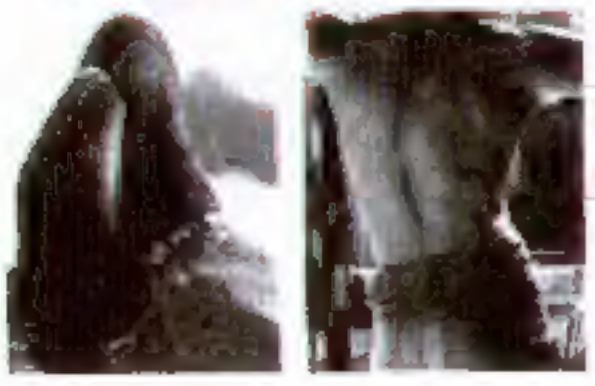
TAKAMINE
SOUNDTRACS • REMO
• ZILDJIAN • NADY SYSTEM
• SEYMOUR DUNCAN • ROSS
• DI MARZIO • ERNIE BALL • GHS
• D'ADDARIO • JIM DUNLOP
• TAGIMA • AUDIO TECNICA
• BOSS • OVATION • JACKSON
• ADA • TAMA

Toda a linha com
1 ano de garantia

TELEVENDAS E CATÁLOGOS
PARA TODO O BRASIL

Preços Incríveis!!!

Rua Teodoro Sampaio,770
Tel.: (011) 282-5653 - 881-1515
Fax: (011) 64-3430
CEP: 05406 - São Paulo - SP



SETE SETE CINCO

(011) 826-4286